

PÃO — DE — TERRA



LEONEL TOGNIOLLI

Pão de Terra

Leonel Tognioli

e1f925b

Ato I — Antes da colher

Capítulo 1 — Enquadramento

A colher está na minha mão. Está na minha mão faz uma hora, desde que a peguei no balcão onde eu a tinha deixado depois da louça do jantar. Esteve em uma gaveta ou outra nos últimos trinta e seis anos. A lasca na borda é a mesma lasca que ela tinha quando a guardei pela primeira vez na gaveta. Tenho cinquenta e sete anos. O mundo é o que é faz quase vinte.

Estou à mesa da cozinha no apartamento onde eu e Rafa moramos há quase trinta anos. Graça se foi há onze. Amanda tem filhos dela. O mundo do lado de fora da janela tem o som que tem agora, que é um som mais quieto do que o som que tinha antes, e eu vou chegar lá. A cozinha tem a mesma gaveta que tem desde que me mudei, e a gaveta tem a mesma colher que tem desde que me mudei, que é a colher que estava na gaveta de talheres do apartamento antes deste, e do apartamento antes daquele, voltando até um apartamento no quarto andar no Rio Pequeno que foi demolido anos atrás.

A gente aprende, a essa distância, quais detalhes importavam. Não as notícias. Não os discursos. Não os nomes das leis que vieram e foram embora. Coisas pequenas. Uma colher de chá que alguém fez para mim quando eu tinha vinte e um anos. Uma tigela debaixo da pia da cozinha. Uma terça-feira de chuva em que fui sozinha ao hospital.

A gente aprende quais pessoas. Aquelas que construíram a versão da vida da gente que veio depois. Aquelas cujos nomes a gente se pega dizendo pela primeira vez em uma década porque alguma coisa no noticiário as traz de volta.

Vou contar o que aconteceu durante os meses em que o mundo parou de funcionar do jeito que funcionava. Vou começar pelo começo, ou seja, pela parte que já me tinha dentro dela. Nem tudo virá em ordem. Antes de qualquer uma daquelas coisas, antes de ele ser Atlas Dieter ou qualquer outra pessoa, ele era só Sami em um apartamento no Rio Pequeno com encanamento ruim e luz boa.

Capítulo 2 — O relacionamento

Quinze anos antes da cascata.

Eu tinha vinte anos. Fazia FEA. Ele estava na Poli. Nós nos conhecemos em uma mesa de almoço no bandejão, no fim de março do meu segundo ano, por meio de um amigo de uma amiga que fazia aula de química orgânica com ele e namorava a menina que morava em cima de nós no Butantã, como essas cadeias de conhecidos funcionam. Nenhuma daquelas ligações era forte o bastante para significar alguma coisa sozinha. Foram se somando.

Ele tinha a bandeja com arroz, feijão e o pedaço pequeno de frango grelhado. Eu também. Sentou porque a mesa era a única com um lugar livre. Comeu quieto e escutou a conversa, e só falou quando um dos alunos de engenharia fez uma pergunta sobre a lista de exercícios que tinha que entregar naquela tarde. Respondeu em três frases e voltou a comer. Eu fiquei olhando. Ele não era o que eu esperava.

Perguntei o nome dele à nossa amiga em comum depois. Sami, ela disse. Do Brás. A família dele veio de Aleppo. Ele era quieto, mas era bom. Escrevi o número dele numa página de livro da faculdade que já estava cheia de tinta e esqueci disso por duas semanas.

Quando liguei para ele, eu estava estudando para uma prova que eu não tinha o direito de reprovar e provavelmente reprovaria. Ele disse, Bia? e eu ouvi que ele ficou contente. Fomos tomar café na padaria da Avenida Vital Brasil. Ele pegou a conta porque eu tentei e ele disse, não, você pagou o bandejão semana passada, o que eu não tinha feito, o que nós dois sabíamos, e era o que ele estava dizendo porque não queria que eu sentisse que ele estava pagando o meu café.

Isso foi em abril. Em julho, passávamos quase todos os fins de semana juntos. Em dezembro, tínhamos saído das nossas situações familiares e estávamos dividindo um apartamento no quarto andar no Rio Pequeno, com um banheiro sem parte dos azulejos e uma cozinha com o balcão lascado. Estávamos duros. Estávamos felizes.

O prédio era um bloco dos anos 1970 revestido de azulejos numa rua perpendicular aos fundos do campus da USP. O elevador funcionava quatro dias em cada sete. O quarto andar tinha luz do norte a tarde inteira, e foi por isso que alugamos aquele em vez de uma unidade mais barata no terceiro. A luz era a única coisa que o apartamento tinha e que não dava para conseguir mais barato em outro lugar.

O encanamento era ruim de jeitos específicos. Os azulejos do banheiro caíram em pedaços, devagar, nos primeiros oito meses em que moramos lá. Os azulejos de reposição levaram seis semanas para chegar depois que os encomendamos. A pia da cozinha vazava. O vazamento era pequeno, uma gota constante de uma válvula debaixo da cuba. Liguei para o dono do apartamento numa segunda-feira de abril e ele disse que a peça estava a caminho. Liguei de novo em maio e ele disse que a peça estava em falta no fornecedor. Liguei em junho e ele disse que a peça tinha saído de linha. O distribuidor tinha parado de vendê-la. Depois, após mais alguns meses de outras ligações, o fabricante original tinha parado de fabricá-la. O vazamento continuou vazando. Pusemos uma tigela debaixo dele. A tigela era velha, com uma rachadura comprida e fina no esmalte, e nós a tínhamos trazido do apartamento de Graça no dia em que ela disse que não a queria mais. Conferíamos a tigela toda noite antes de dormir, esvaziávamos na pia, colocávamos de volta. A tigela virou parte da cozinha.

Sami ia a pé para a Poli durante a semana. Nos fins de semana, quando dava, pegava o ônibus para o Brás para ver a família, uma hora e vinte minutos em cada direção quando o trânsito estava bom, e pior quando não estava. Eu ia a pé para a FEA. Estudávamos na mesma mesinha de madeira que os inquilinos anteriores tinham deixado porque não valia a pena descer com ela pelas escadas. O violão dele ficava encostado no canto. Tentei aprender duas vezes naquele ano e nunca encontrei tempo. Comíamos no bandeirão quando dava e em casa quando sobrava para um frango.

Aprendi a somar de quatro a seis semanas a todo prazo de entrega que me dessem. Os cartuchos do nebulizador de Graça já eram uma preocupação constante de fundo àquela altura, os originais tinham parado de ser fabricados e o distribuidor brasileiro ficava sem os substitutos a cada poucos meses. Eu acompanhava o estoque dela num calendário na cozinha. Sami sabia em que semana ela ficaria com pouco.

Foi a primeira casa que pude chamar de minha. Dele também.

• • •

Diagramas se acumulavam na mesa da cozinha como correspondência em qualquer apartamento. Sami os empurrava para uma pilha no jantar e eles voltavam a se espalhar até o fim da noite. A impressora 3D que Sami estava sempre modificando ficava no canto do balcão, uma caixinha feia com fios saindo, uma estrutura colada com cola quente, um painel mantido fechado com fita adesiva que não era o tipo certo de fita, mas era a única que tínhamos.

O protótipo fazia um cheiro quando estava funcionando. Um cheiro fraco de plástico e eletrônica queimada que eu tinha parado de notar no primeiro mês e que voltou para mim, anos depois, quando entrei em alguma oficina e ele me acertou de novo. Sami abria a janela da cozinha quando ligava o protótipo. A janela só abria até a metade porque o prédio era velho. Ele tinha um ventilador pequeno que apontava para fora da janela quando rodava qualquer coisa que produzisse vapores.

Peças de reposição chegavam em envelopes acolchoados de fornecedores baratos, semanas depois de os fornecedores terem dito que chegariam. Sami esperava. Esperava por motores de passo presos na alfândega em Itajaí. Esperava por placas de circuito que, quando finalmente chegavam, acabavam sendo da revisão errada. Esperava por um sensor que não funcionava do jeito que a ficha técnica tinha prometido e precisava ser substituído por outro sensor que estava em falta no fornecedor.

O protótipo travava com frequência. Às vezes imprimia três camadas e parava. Às vezes fazia um chiado agudo e a cabeça da impressora emperrava. Às vezes a impressão saía perfeita e Sami a erguia e dizia, olha, e nós nos sentávamos à mesa da cozinha com a peça impressa entre nós, e ele explicava o que era, e a explicação sempre me soava como se fosse sobre uma coisa que não era a coisa que ele de fato tinha feito.

A maioria dos experimentos fracassava. Ele ficava acordado até tarde, resmungando diante de montagens pela metade. Eu estudava para minhas matérias de Administração e não perguntava. O trabalho me parecia sem sentido. Também parecia o trabalho que eu tinha visto no apartamento de todo aluno da Poli naquele ano, a mesma gambiarra maker, as mesmas peças baratas, a mesma paciência com fornecedores baratos.

Há quatro momentos que guardei.

Em abril do nosso segundo ano juntos, ele lembrou do aniversário de Graça antes de mim. Eu já estava lá quando ele chegou. Trazia um buquê de flores baratas de uma banca perto do prédio dela e uma caixinha de pão de queijo da padaria do quarteirão dele no Brás. Graça o abraçou e o chamou de filho. Ele ficou vermelho. Eu não tinha comprado nada para ela.

Em outubro do nosso segundo ano juntos, ele me entregou uma colher de chá no jantar. A colher estava num pratinho branco ao lado do meu garfo. Fiz uma coisa para você, ele disse. Não olhava para mim. Olhava para a colher. A colher era uma colher de chá comum, ligeiramente assimétrica, quase passável como uma de produção em massa. Havia uma pequena lasca na borda desde o dia em que saiu da mesa de impressão. Eu ri. Beije ele. Guardei a colher na gaveta da cozinha com as outras colheres de chá, e entrou no rodízio com elas. Em algumas manhãs, era a colher que minha mão encontrava. Parei de vê-la.

Uma noite naquele verão, ele dormiu no meio de uma frase no sofá, com uma pilha de diagramas sobre o peito. Tirei os diagramas, pus no chão e joguei um cobertor sobre ele. Ele não acordou. Fiquei olhando ele dormir por um minuto e fui para a cama.

O quarto momento veio à mesa da cozinha mais tarde naquele ano. Estávamos dividindo as despesas do mês. Aluguel, internet, comida, a peça da impressora pela qual ele esperava havia seis semanas. Ele tinha o laptop aberto à frente e eu lia os recibos em voz alta. Havia uma transferência mensal recorrente do lado dele que eu não tinha notado antes. Duzentos e quarenta reais para um CNPJ que eu não reconhecia.

O que é isso? eu disse.

Ele deu de ombros.

Um fundo comunitário no Brás, ele disse. Eles ajudam famílias como a minha quando chegam aqui. Alfândega, residência, a papelada. Leva um ano se ninguém te orienta.

Há quanto tempo você faz isso?

Desde que entrou o primeiro pagamento da bolsa, ele disse. Eles ajudaram a gente quando chegamos aqui.

Ele não disse mais nada sobre aquilo. Não tocou no assunto de novo. A transferência continuou acontecendo todo mês pelo resto do nosso tempo juntos. Deixei aquele item quieto.

O dia tinha sido um dia qualquer. Nós dois estávamos nos nossos prédios desde a manhã. Ele tinha chegado em casa às seis com um salgado da padaria e uma história sobre uma discussão idiota no laboratório. Eu tinha chegado às sete com dois pacotes de feijão do supermercado e a cabeça doendo de olhar listas de exercícios. Tínhamos comido juntos à mesa e ele tinha lavado o prato dele. Então a mãe dele ligou.

Ele atendeu no sofá, em árabe. Peguei algumas palavras porque já tinha estado com a família dele o suficiente para reconhecer quando ele dizia o nome do primo. Tarik. O nome continuava aparecendo nas frases. Ele escutava mais do que falava. Depois de um longo trecho de escuta, disse uma coisa curta e desligou.

Voltou para a cozinha e começou a lavar a louça. A louça era minha naquela noite pelo rodízio que mantínhamos na geladeira, e eu ainda não tinha chegado nela. Ele lavou mesmo assim. Sentei à mesa com meu café e não interrompi.

Ele voltou à mesa para pegar o prato que eu não tinha terminado, deixou no balcão e voltou à pia. A água corria. Ele esfregou os pratos que restavam na pia. Deixei o café na mesa. Então ele disse, sem se virar, tudo de uma vez, como uma coisa que tinha se montado dentro dele a noite inteira.

É uma maldita caixa de remédio. Seguraram por quatro meses. Tarik piorou esperando a assinatura de alguém. Ninguém deveria ter que pedir permissão para continuar vivo.

Ele fechou a água. Pôs o último prato no escorredor. Voltou e terminou o resto do frango no meu prato, e nós não dissemos mais nada sobre aquilo naquela noite.

Mais tarde, ele perguntou sobre meu dia. Escutou a resposta. Riu da pequena parte da história que era para ser engraçada. Achei que era o tipo de coisa que a gente faz quando o primo está no hospital por causa de uma remessa de ajuda que quase não chegou. Passei a mão nas costas dele. Fui para a cama com ele.

A frase ficou na minha cabeça, exatamente como ele a tinha dito, por quinze anos.

Capítulo 3 — A partida

O fim daquele ano, e os anos no meio.

Era uma terça-feira no fim de outubro. Trabalhos de fim de semestre. Chuva que tinha começado na manhã de segunda e ainda caía. Graça ligou às seis. Eu estava à mesa do apartamento com meu livro de Administração aberto e uma maçã pela metade ao lado do caderno. O telefone mostrou o nome dela. Atendi.

O cartucho tinha falhado como os cartuchos sempre falhavam em algum momento, e o distribuidor substituto estava sem estoque havia duas semanas, e ela respirava com dificuldade a ponto de não conseguir terminar as frases ao telefone. Eu ouvia o chiado entre as palavras. As pausas entre as frases estavam ficando mais longas.

Disse a ela para chamar um táxi, esperar na porta lá embaixo e ir direto para a entrada do pronto-socorro sem mim; eu a encontraria lá. Ela disse sim. Desligou antes que eu pudesse perguntar qualquer outra coisa.

Eu disse a Sami, minha mãe está mal, preciso ir ao hospital com ela. Você vem comigo?

Ele estava na bancada com o gabarito de calibração num protótipo que prometia terminar havia meses.

Vinte minutos, ele disse. Só preciso terminar isso. Encontro você lá.

Eu já estava na porta com a bolsa.

Onde? ele disse.

Hospital Universitário, eu disse. O de dentro do campus. Pega um táxi se a chuva estiver ruim.

Vinte minutos, ele disse outra vez.

Peguei minhas chaves e minha bolsa e fui.

• • •

O táxi se arrastou pela chuva. Cheguei ao hospital alguns minutos depois de Graça. Ela estava recebendo oxigênio e usando um cartucho novo do estoque da farmácia. Estava estável. Queriam mantê-la em observação durante a noite.

Sentei numa cadeira de plástico no corredor, sob a luz fluorescente. Mandeí mensagem para Sami. Quase pronto, ele respondeu.

Vi um funcionário da limpeza passar pano duas vezes no mesmo pedaço de chão. O relógio na parede acima do posto de enfermagem avançava um minuto de cada vez. Às onze, um médico saiu para dizer que Graça estava dormindo. À uma, uma enfermeira me trouxe um café fraco num copo de plástico. Bebi. Não mandei outra mensagem. Ele não ligou.

Fiquei sentada na cadeira pensando na minha mãe no quarto atrás das portas, na respiração dela, no cartucho cujo distribuidor tinha parado de vender. Pensei em Sami na bancada com o protótipo. Pensei, pela primeira vez em nossos dois anos juntos, que eu estava com raiva dele e que a raiva não ia passar. Tentei me convencer do contrário. Não consegui.

O relógio na parede marcava duas e meia. O relógio no meu celular marcava duas e trinta e um. Me obriguei a olhar o ponteiro dos segundos do relógio da parede por um minuto inteiro. Então levantei, fui ao banheiro, deixei água fria correr sobre minhas mãos e fiquei ali até sentir o frio na pele.

Às três, entrei para vê-la. Ela estava dormindo com a máscara do cartucho no rosto, respirando melhor do que ao telefone. Sentei ao lado da cama por uma hora. Às quatro, fui embora.

• • •

O apartamento ficava no quarto andar. O elevador estava funcionando naquela noite. Subi de elevador. O corredor tinha o cheiro da comida que alguém tinha feito mais cedo, feijão e cebola, e por baixo disso o cheiro habitual do prédio, de concreto úmido e tinta velha. Nossa porta estava destrancada. Entrei.

A luz da oficina estava acesa na cozinha. Era a luminária pequena de bancada que ele tinha prendido na beirada do balcão, apontada para a impressora. Ele estava na bancada com uma chave de fenda e um pedaço de carcaça que tentava encaixar. O mesmo pedaço de carcaça que tentava encaixar quando eu tinha saído às seis da noite anterior, dez horas antes. Ou ele não tinha dormido, ou tinha dormido na bancada e levantado de novo. Não ergueu os olhos quando entrei.

Como foi? ele disse.

Ela está bem, eu disse.

Não disse onde eu tinha passado a noite. Fui para o quarto. Tirei o casaco.

Sentei na beira da cama por um minuto sem tirar os sapatos. Então tirei os sapatos. Coloquei eles ao lado da cama. Puxei o cobertor até o queixo. A luz da cozinha fazia uma faixa no teto do quarto. Fiquei olhando a faixa.

Não lembro de ter adormecido. Lembro que ele continuou trabalhando. Eu ouvia os pequenos sons da chave de fenda e da carcaça através da parede, e além disso a chuva na janela do poço de ventilação, e além disso a cidade começando a acordar.

• • •

Arrumei minhas coisas devagar na semana seguinte. Fiz isso durante os dias, enquanto ele estava na Poli. Na sexta, eu tinha uma caixa de roupas perto da porta, e ele não tinha perguntado nada sobre ela. Na segunda, tinha duas caixas. Ele viu as caixas quando chegou de um dia longo no laboratório. Pôs a mochila no chão. Disse, você vai embora?

Vou, eu disse.

Ele não disse nada por um minuto.

Por quê? ele disse por fim.

Eu não tinha uma frase para aquilo. Tinha duas caixas perto da porta e a gaveta de talheres na cozinha ainda quase cheia, e uma tigela debaixo da pia que não esvaziávamos desde segunda, e uma faixa de luz no teto do quarto para a qual eu olhava havia uma semana, e o primo dele em um hospital em Aleppo que tinha piorado esperando uma assinatura, e uma mãe em um hospital aqui que tinha ficado sozinha comigo às quatro da manhã. Tinha todas essas coisas. Não tinha uma frase.

Não estou com raiva, eu disse.

Ele esperou o resto. O resto não veio do jeito que eu esperava. Olhei para as caixas.

Quero morar com uma pessoa, eu disse.

Não era a frase. Era o mais perto que consegui chegar de onde quer que a frase estivesse.

Ele não olhou para mim. Não discutiu. Arrumou ele mesmo a caixa da cozinha na última manhã, com metade da gaveta de talheres dentro, sem nenhum de nós separar o que era de quem. Me ajudou a levar as caixas até a calçada quando o táxi chegou. Pagou o motorista antes que eu pudesse pegar a carteira. Beijou minha testa. Voltou para dentro.

Me formei um mês depois. Consegui meu primeiro emprego como operadora de despacho numa transportadora em Osasco. Voltei para o apartamento de Graça no Butantã por cinco meses enquanto juntava dinheiro. Aluguei um lugar menor perto do prédio da transportadora quando tinha o suficiente. Baixei a cabeça e trabalhei. No ano seguinte, uma colega me chamou para uma festa de aniversário e conheci um homem chamado Felipe, que era gentil, com quem namorei por nove meses, que não era a pessoa certa e a quem ainda sou grata. Namorei um advogado chamado Eduardo por quase dois anos. Ele também não era a pessoa certa. Eu tinha vinte e seis anos quando conheci Rafael no casamento de uma amiga, e vinte e sete quando o namoro ficou sério, e vinte e oito quando nos casamos, e vinte e nove quando Amanda nasceu. Compramos um apartamento pequeno em Pinheiros naquele ano, porque precisávamos de espaço. Graça envelheceu no apartamento onde eu tinha crescido. Sami virou alguém do meu passado.

Quando os vídeos começaram a aparecer online, fazia anos que eu não pensava nele.

Capítulo 4 — O reconhecimento

Dia 0.

As telas na mesa de despacho em Osasco mostravam doze rotas abertas, quatorze motoristas conectados, um contêiner vindo de Shenzhen que tinha aportado em Santos durante a noite no Maersk Bremerhaven e estava passando pela alfândega. Às 9h47, a liberação aduaneira saiu. Às 10h15, o contêiner estava num caminhão subindo a Anchieta. O motorista era um homem chamado Jair que eu escalava três ou quatro vezes por semana havia oito anos, que tinha esposa e dois filhos em São Bernardo, e que ligaria às onze em ponto para confirmar a próxima coleta.

Liberei uma mudança de rota para outra carga atrasada pelo trânsito no Rodoanel. O novo motorista era um homem mais jovem cujo nome precisei procurar porque só o tinha escalado duas vezes. Mandeí uma mensagem com a nova janela de coleta. Ele respondeu com um emoji de polegar para cima.

O armazém ao lado ligou por causa de uma janela de entrega marcada duas vezes. Empurrei um caminhão vinte minutos para frente, liguei para os dois motoristas e o problema deixou de existir. O gerente me agradeceu. Fiz café. Voltei para a mesa.

Uma remessa de Rotterdam estava dois dias atrasada. Ivete, uma baia adiante na mesa da Europa, cuidava dela. Mandou um aviso no chat do trabalho porque um dos contêineres tinha coletas posteriores na nossa região. Anotei no meu painel e remarquei um dos motoristas afetados. Ela me agradeceu. Mandeí um emoji de coração para ela pelos quatro metros de escritório, porque era assim que nós conversávamos havia anos.

Beto, na baia em frente, discutia com um motorista sobre um palete sumido que no fim não estava sumido, só mal etiquetado. Eu conseguia ouvi-lo de onde estava. Ele resolveu em noventa minutos, jogou a caneta na mesa e riu. Marcelo, que sentava ao lado dele, perguntou se ele estava bem. Ele disse que estava ótimo. Estava.

Henrique passou pela minha mesa por volta das três com um salgado para mim. A gente tinha um combinado: comprávamos salgados um para o outro às segundas porque a padaria lá embaixo tinha um desconto de segunda que

acabava às três e meia. Ele tinha lembrado meu pedido, duas coxinhas e uma garrafa de água com gás. Na segunda seguinte eu lembraria o dele, um pastel de queijo. Comemos nas nossas mesas. Ele me contou da festa de aniversário da filha. Contou do bolo que a esposa tinha encomendado, que era para parecer um unicórnio, mas saiu parecendo, nas palavras dele, um cavalo com um chifre colado. Eu ri.

As telas mostravam as rotas que eu vinha acompanhando. O sistema funcionava. A cadeia de suprimentos funcionava. Contêineres saíam de navios em Santos, passavam pela alfândega, subiam a Anchieta em caminhões, eram descarregados nos armazéns ao lado, redistribuídos para motoristas que eu tinha escalado, entregues a varejistas em São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba, vendidos em prateleiras e online para pessoas que clicavam em adicionar ao carrinho. Cada etapa tinha uma pessoa. Eu era uma dessas pessoas. Eu sabia quanto as coisas custavam porque sabia de quão longe tinham vindo. Era essa a coisa do trabalho. A gente não precisava ser inteligente para isso. Precisava saber coisas sobre distância.

Eu estava prestes a bater o ponto quando Henrique parou de novo na minha mesa. Você viu essa coisa? ele disse. Estava com o celular na mão.

Ele me mostrou o vídeo.

• • •

O vídeo era de uma pessoa que tinha recebido um pacote anônimo pelo correio. Ele dizia isso para a câmera. Um pacote, ele disse. Um pendrive pelo correio, planos dentro, sem remetente. Montei a coisa a partir dos planos na minha garagem em dois dias. Eu sabia o que os arquivos diziam que aquilo era. Só acreditei quando saiu a primeira impressão.

A coisa era uma caixa cinza fosca com uma espécie de funil em cima. Ele despejou terra e água de chuva nela. Despejou plástico picado. Raspou para dentro dela os restos de comida de uma tigela. Acrescentou um punhado de sucata eletrônica, fios cortados e as placas de dois carregadores quebrados. Apertou um botão.

A primeira impressão é sempre o objeto de calibração, ele disse.

A caixa zumbiu. Depois de mais ou menos um minuto, abriu. Ele tirou uma colher de chá. A colher era comum. Ligeiramente assimétrica. Uma pequena lasca na borda.

Os comentários embaixo do vídeo, passando rápido, diziam coisas como, uma colher, grande coisa, mostra uma coisa legal, e isso é um ARG, e kkk você fez uma colher torta.

O homem no vídeo abriu um sorriso. É, espera aí, ele disse.

Começou uma nova impressão. Saiu uma lâmpada completa, com base de rosca, bulbo de vidro, aro de metal e o filamento visível por dentro. Ele a rosqueou num soquete preso à bancada. O filamento brilhou, e a lâmpada iluminou a garagem. Os comentários mudaram. Então começou outra impressão e um pão quente saiu, e ele arrancou um pedaço e comeu na frente da câmera. Metade dos comentários dizia encenação. Metade dizia outra coisa.

Assisti a tudo. O homem no vídeo comia pão feito da terra que despejara numa caixa montada a partir de planos que alguém lhe mandara pelo correio durante a noite. O pão soltava vapor. Ele tinha no rosto um sorriso que eu não consegui ler de início e depois consegui.

Henrique disse, falso, né? e eu disse, é, provavelmente, e ele riu e desceu as escadas para o trem. Fui de trem para casa pensando no jantar e num motorista que tinha recebido menos do que devia pela tarifa de fim de semana e ligaria para mim sobre isso na manhã seguinte. O ônibus da estação até meu prédio estava cheio. Não consegui um lugar. Comprei arroz no mercadinho da esquina, onde o preço estava escrito a giz num quadro ao lado da porta. A avenida estava cheia do som de caminhões.

Naquela tarde de segunda, eu ainda não tinha o nome Atlas Dieter para dar ao homem que tinha mandado o pendrive. O manifesto só se tornaria amplamente público no dia seguinte. A maior parte do mundo ainda chamava aquilo de farsa.

• • •

Cheguei em casa às sete. Rafa estava no sofá com o telejornal ligado baixinho. Amanda estava à mesa de jantar fazendo a lição de matemática. A chaleira já estava no fogo. Rafa a tinha colocado quando ouviu o elevador.

Amanda lia os problemas de matemática para si mesma, como fazia, numa voz baixa que queria dizer que estava concentrada e não tentando de fato ser ouvida. Rafa estava sentado com os óculos empurrados para cima da testa porque tinha assistido ao noticiário sem eles e não os tinha colocado de volta.

Como foi o seu dia? eu disse.

Longo, ele disse. Igual ontem. O seu?

Igual. Beto passou noventa minutos num palete que na verdade não estava sumido. Jogou a caneta.

Rafa riu. Beto joga a caneta toda segunda, ele disse.

Me servi uma xícara de chá. Fui à gaveta da cozinha pegar uma colher de chá para mexer.

A gaveta era a mesma gaveta que eu tinha desde que nos mudamos para Pinheiros. Tinha algumas colheres de chá descombinadas, uma colher de pau com a ponta queimada de quando eu tinha esquecido uma panela de feijão no fogo, dois hashis que tinham migrado de algum lugar e uma colher de chá pequena e comum que eu não lembrava de ter. Peguei a colher.

Segurei na mão.

Era ligeiramente assimétrica. Havia uma pequena lasca na borda.

Quando foi que a gente arranjou esta colher? eu disse.

Arranjou o quê? Rafa disse. Não ergueu os olhos.

Esta colherzinha.

Não sei, ele disse. Sempre.

Desde quando? eu disse.

Sempre sempre, Rafa disse. Sempre estive na gaveta. Nunca notei. Por quê?

Não sei, eu disse. Só não lembro dela.

Segurei a colher por mais um segundo. A lasca ficava no lado direito da concha, perto de onde minha boca encostaria. Coloquei a colher no chá. Mexi.

No meio da segunda mexida, parei, porque o homem no vídeo de Henrique tinha dito, a primeira impressão é sempre o objeto de calibração, e a coisa que ele tinha erguido da caixa tinha sido uma colher de chá comum, ligeiramente assimétrica, com uma pequena lasca na borda.

Levei o chá para o quarto sob o pretexto de trocar a roupa de trabalho. Fechei a porta atrás de mim.

Sentei na beira da cama.

Segurei a colher.

Peguei o celular.

• • •

Abri o vídeo no celular. Voltei até a impressão de calibração. Congelei a

imagem no momento em que o homem tirava a colher da caixa.

Segurei minha própria colher ao lado da tela.

A lasca estava no mesmo lugar.

Sentei no tapete que tínhamos comprado cinco anos antes quando fizemos o quarto de Amanda, e conferi a colher contra a tela como tinha sido treinada a conferir um manifesto contra uma carga. Linha por linha. Sem supor nada. A lasca. A profundidade da lasca. A leve curvatura onde a impressão tinha esfriado de modo imperfeito. As proporções da concha, o ângulo do cabo, o jeito como a concha se alargava um pouco mais do lado direito do que do esquerdo.

Ergui minha colher para a luz do abajur no criado-mudo de Rafa e inclinei a tela do celular ao lado dela. A luz fazia a lasca parecer igual nas duas. Pus a original ao lado da tela e olhei para os dois objetos juntos mais uma vez.

Eu sabia. Sabia do jeito que tinha sabido uma vez, aos vinte e dois, que não ia morar com um homem que não tinha ido ao hospital.

Sami tinha feito a coisa naquele vídeo. O homem no vídeo não a tinha feito. O homem no vídeo tinha montado uma máquina a partir de planos que alguém lhe tinha enviado pelo correio. A máquina tinha impresso uma cópia de uma colher de chá que Sami tinha feito para mim num protótipo instável, em um apartamento no Rio Pequeno, em outubro do nosso segundo ano juntos, e a lasca era a lasca, e a colher que eu segurava era a original.

Eu não sabia como ele tinha feito aquilo. Não entendia que tipo de máquina era. Não tinha nome para pôr em nada daquilo.

Eu sabia que Sami tinha feito.

Fiquei sentada no chão com a colher em uma mão e o celular na outra por muito tempo. Rafa bateu na porta em algum momento e perguntou se eu não ia sair de lá, e eu disse que estava numa ligação do trabalho, e ele disse tudo bem e foi embora. Amanda veio à porta mais tarde e disse que ia dormir, e eu disse boa noite sem abrir a porta.

Depois que Amanda dormiu, levantei. Meus joelhos doíam. Eu tinha trinta e sete anos. Estava no chão do meu próprio quarto em Pinheiros segurando uma colher que um homem que eu não via havia quinze anos tinha feito para mim quando eu tinha vinte e um. Coloquei a colher de volta na gaveta da cozinha, onde ela esteve o tempo todo. Fechei a gaveta.

Não dormi naquela noite. Fiquei deitada ao lado de Rafa com os olhos

abertos até as cinco. Então fiz café e fui trabalhar.

Interlúdio — Antes

Às vezes as pessoas me perguntam como era o mundo antes, qual era a sensação, e perguntam numa escala que eu nunca sei responder. Querem ouvir sobre escassez, como se a escassez tivesse sido um tempo ruim que pegava todo mundo na rua, ou uma condição política que se anunciava toda manhã. A resposta honesta é que parecia uma terça-feira. A gente acordava. Fervia água. Conferia se a coisa de que precisava ainda estava na gaveta, ainda na prateleira, ainda listada como disponível para entrega. Na maioria dos dias, estava.

Uma escova de dentes tinha atravessado onze mil quilômetros para chegar à farmácia da minha esquina. O preço na prateleira incluía o navio, o porto, o despachante aduaneiro, o caminhão, o armazém, o segundo caminhão e a margem de todo mundo que tinha encostado nela. O preço de toda aquela distância estava embutido tão suavemente em dois reais que ninguém além de uma operadora de despacho jamais sentiria o gosto.

Uma válvula de pia de cozinha, um cartucho para nebulizador, uma dobradiça de armário barato, uma borracha de vedação para cafeteira: todos tinham suas próprias rotas, mesmo quando nós não sabíamos delas, porque fazer era a metade cara do mundo. Uma borracha de vedação custava quase nada; a prensa que a estampava era um prédio com portão e turno da noite. Então as coisas eram feitas nos poucos lugares que conseguiam justificar o prédio, e movidas para todos os outros. A velha abundância não era disponibilidade imediata, era previsão. Alguém, em algum lugar, tinha adivinhado meses antes que uma pessoa como a gente precisaria desta pequena coisa exata nesta semana exata, e tinha pago para movê-la na nossa direção antes que soubéssemos seu nome.

Quando a adivinhação estava certa, a prateleira ficava cheia e a gente chamava o sistema de normal. Quando a adivinhação estava errada, ou a peça saía de linha, ou a remessa ficava parada na alfândega, ou o distribuidor decidia que o bairro da gente era um mercado pequeno demais para ter importância, o mundo normal se estreitava em torno da ausência. A pia da cozinha no Rio Pequeno vazava porque uma válvula tinha deixado de ser

oferecida. O dono do apartamento ligava para fornecedores. Eu ligava para o dono do apartamento. Uma tigela foi para debaixo do cano e virou parte do cômodo. Nós a esvaziávamos antes de dormir, noite após noite, como se o ato de acompanhar o vazamento fosse um concerto.

Os cartuchos de Graça seguiam o mesmo padrão na minha vida, só que com consequências mais graves. Os originais saíram de produção. Os substitutos vinham por um distribuidor que sumia a cada poucos meses. Eu mantinha o estoque dela num calendário na cozinha e aprendi a contar para trás a partir do dia em que ela ficaria com pouco. Quatro semanas para encomendar. Seis se houvesse atraso na alfândega. Mais se alguém em um escritório decidisse que a linha de produto não se justificava mais. Se justificava para quem, eu não pensava em perguntar. Escassez era uma posição tanto quanto uma condição. Quando uma coisa é difícil de fazer, todo mundo que precisa dela passa por quem faz, e cada passagem paga pedágio. Eu tirava um salário pequeno do meio disso. Os gargalos ficavam com a maior parte e, quanto mais escassa a coisa, mais rendia o pedágio. Para eles, descontinuar um cartucho era erro de arredondamento. Para a gente, era uma contagem regressiva. Minha mãe respirava conforme uma decisão de compras tomada por pessoas que nunca ouviriam o chiado dela. Nós não chamávamos isso de escassez. Era apenas o jeito como as coisas eram.

Não sinto nostalgia disso. Quero ser exata a respeito disso, o que é diferente. Era um sistema de competência assombrosa construído sobre a suposição de que fazer coisas sempre seria difícil, e todo emprego que tive, todo preço que paguei, toda fila que enfrentei tinha essa suposição entranhada em algum lugar. O que se foi agora não são as coisas. As coisas são mais fáceis. O que se foi é a distância, e com ela certa obediência que confundimos com vida adulta: o hábito de precisar do que precisávamos, esperar onde nos mandavam e aceitar a sobrevivência vinda de outro lugar só depois de termos pedido permissão.

Ato II — O lançamento

Capítulo 1 — Lançamento e incerteza

Dias 0–3.

Os planos foram enviados em mídia física, pelo correio. Descobrimos isso depois.

Ele tinha escolhido os destinatários com cuidado. Três makers. Dois pesquisadores. Dois jornalistas. Os sete pacotes foram postados na mesma manhã, cada um numa agência postal da cidade do destinatário, dias antes de o primeiro vídeo aparecer. Dentro de cada um havia um pequeno dispositivo USB preto sem etiqueta, os sete idênticos. Além dos planos da máquina, os pendrives continham alguns arquivos de demonstração. Uma folha de papel dobrada acompanhava cada um. A folha tinha um único nome e um manifesto curto. O nome era Atlas Dieter.

O manifesto tinha três parágrafos. Dizia o que era a tecnologia. Dizia onde encontrar os planos. Dizia que os planos eram gratuitos, e sempre seriam gratuitos, e que qualquer pessoa que tentasse cobrar por eles ou restringi-los trabalhava contra o único propósito que o trabalho já tivera. O terceiro parágrafo foi o que ficou famoso. *Ninguém deveria ter que pedir permissão para comer, se abrigar ou fazer o que precisa.*

Em quarenta e oito horas, os planos da máquina e os arquivos de demonstração tinham sido espelhados em catorze lugares em três continentes. Em setenta e duas horas, a contagem passava de mil. Se alguém com autoridade para derrubá-los algum dia decidisse tentar, os arquivos já estavam fora de alcance.

No dia seguinte ao aparecimento do primeiro vídeo, quando o manifesto vazou de forma ampla e chegou à grande imprensa, as demonstrações dos primeiros destinatários já circulavam fazia um dia. Uma delas era o vídeo que Henrique tinha me mostrado no fim do meu turno no dia anterior, o homem com o pão.

• • •

A internet chamou aquilo de golpe publicitário. ARG, alguém escreveu no

primeiro tópico. Isso é uma campanha viral para um filme que ainda não foi anunciado, outra pessoa escreveu no segundo. Metade dos comentários sob as demonstrações originais eram capturas de trechos em que a iluminação no vídeo parecia errada, ou em que a câmera tinha cortado em um momento suspeito, ou em que o maker tinha usado uma frase que alguém achou ensaiada. Era assim que a internet reagia a qualquer coisa nova naqueles anos.

Os vídeos originais das demonstrações circularam. O homem com o pão. Uma mulher em Berlim que tinha recebido um pendrive, montado uma unidade e impresso um quadrado de tecido vermelho. Ela puxou um fio de uma das bordas até soltá-lo, aproximou o tecido da câmera o bastante para mostrar a trama e depois o torceu com as duas mãos. Um estudante pesquisador no IIT Mumbai que tinha montado uma unidade e impresso um motor pequeno que funcionou por seis minutos sobre a mesa à sua frente antes de superaquecer. Os comentários em todos diziam as mesmas coisas. Falso. Encenado. Cenário de cinema. Photoshop. Farsa.

Nas listas acadêmicas, a conversa era diferente. Especialistas que conseguiam ler as fichas técnicas publicadas viam nos arquivos públicos coisas que, trabalhando a portas fechadas, teriam levado meses para construir. Escreviam uns aos outros e-mails cuidadosamente redigidos. Perguntavam, do jeito polido como acadêmicos perguntam as coisas, se alguém tinha visto aquilo e o que achava. As respostas voltavam igualmente cautelosas. Não muitos chegavam à palavra real. Alguns diziam a palavra viável. Nenhum foi à TV.

A mesa de despacho funcionava. Fui trabalhar de jaqueta e só tirei no meio da manhã. A cadeia de suprimentos se mantinha. As telas mostravam os contêineres de Shenzhen, os manifestos de carga de Rotterdam, o transporte rodoviário regional, tudo no prazo. Li as notícias no celular durante os intervalos. As notícias chamavam aquilo de farsa.

• • •

Fim do terceiro dia. Os fóruns estavam cheios de tentativas de montagem. A maioria fracassava. Algumas funcionavam, mas pareciam encenadas. Algumas funcionavam e pareciam reais, e eram abafadas pelas encenadas. Fotografias de máquinas pela metade em bancadas. Vídeos em time-lapse de montagens que não terminavam. Uma estudante de farmácia em algum porão que tinha

conseguido imprimir o que dizia serem seis comprimidos de paracetamol numa cartela lacrada, mas a foto era ruim e o único resultado do teste de pureza era uma captura de tela que ninguém conseguia autenticar. Em público, o tom ainda era de deboche. Os grandes veículos publicavam a história em suas seções de tecnologia, não nas manchetes.

Fiz jantar naquelas três noites e comi com Rafa e Amanda. Ajudei Amanda com a lição. Assisti ao noticiário com Rafa depois que Amanda dormiu. Fiz as perguntas e os comentários que eu teria feito antes de qualquer uma dessas coisas acontecer. Rafa me deu um beijo de boa-noite em cada uma das noites.

Fui para a cama na terceira noite com o celular no criado-mudo e a tela virada para baixo. Rafa já dormia. A luz noturna de Amanda estava acesa, visível pela porta aberta do quarto dela.

Capítulo 2 — O eco e o arquivo

Da noite do Dia 1 à madrugada do Dia 3.

Eu estava na pia da cozinha lavando a louça do jantar. A TV estava ligada na sala ao lado, com o volume alto. Rafa estava meio no sofá e meio no celular. Amanda estava no quarto com a porta fechada, fazendo o que quer que uma criança de oito anos faça à noite antes de os pais irem conferir uma última vez. A água estava morna. Minhas mãos estavam na água com sabão. Os pratos que eu lavava eram os que usávamos todas as noites, dois azuis de um jogo que tínhamos comprado quando nos mudamos para o apartamento, dois brancos de um jogo que Graça tinha me dado quando me casei, todos descombinados havia tanto tempo que eu tinha parado de notar.

O âncora do noticiário lia o manifesto em voz alta. Eu conseguia ouvir a voz dele da sala ao lado, um pouco abafada pela parede. Lia no tom que âncoras usavam para esse tipo de coisa naquelas semanas, com um pequeno sorriso debochado por baixo, como se o texto que lia fosse algo divertido e não o documento central do que estava prestes a acontecer. O sorriso era o mesmo que âncoras usavam quando liam tweets irritados de celebridades ou quando cobriam um meme que tinha viralizado.

Ele leu a frase central em voz alta.

Ninguém deveria ter que pedir permissão para comer, se abrigar ou fazer o que precisa.

Ouvi, por baixo da voz dele, a cozinha do apartamento no Rio Pequeno quinze anos antes. A tigela debaixo da pia. O prato que Sami estava enxugando. O pano de prato na mão dele. A janela acima da pia que dava para o pátio onde alguém estava sempre fumando.

Ninguém deveria ter que pedir permissão para continuar vivo.

A mesma forma. Generalizada.

Eu segurava um prato. Tinha ficado segurando por dez segundos a mais do que precisava. Senti a água esfriando ao redor das minhas mãos. Percebi que estava ouvindo minha própria respiração.

O âncora terminou a frase e passou para a seguinte. O letreiro na parte de baixo da tela rolava. A transmissão ainda tratava aquilo como teatro.

Enxaguei o prato. Coloquei no escurridor. Peguei o prato seguinte. Minhas mãos continuaram se movendo.

• • •

Não disse nada. Rafa atravessou a sala atrás de mim para pôr um copo no balcão. Não me viu. Terminei a louça. Sequei as mãos no pano pendurado no armário debaixo da pia. O pano estava úmido desde a manhã. Rafa o tinha usado depois do café.

Fui ao banheiro e fechei a porta. Não olhei para mim no espelho de imediato. Sentei na tampa fechada do vaso por um minuto com as mãos nos joelhos.

Eu não tinha chorado. Não ia chorar. Chorar seria uma coisa para um sentimento, e o sentimento que eu tinha ainda não tinha forma. Era mais perto de vertigem. O homem com quem eu tinha morado aos vinte e um anos tinha dito uma frase diante de uma pia cheia de louça, e a frase era o tipo de frase que uma pessoa diz quando o primo está no hospital, e agora, quinze anos depois, alguém no noticiário lia uma versão mais geral daquela frase para uma audiência nacional, e o homem com quem eu tinha morado aos vinte e um anos era a pessoa que tinha escrito a versão mais geral, e ninguém na Terra além de mim sabia disso.

Então levantei e escovei os dentes.

No espelho sobre a pia, olhei para mim. Eu tinha trinta e sete anos. Estava num apartamento pequeno em Pinheiros. Lavava pasta de dente do queixo com os mesmos gestos que usava todas as noites havia anos. Eu tinha um marido e uma filha e uma mãe e um trabalho e uma vida.

Carregar o que eu sabia não era exatamente uma decisão. Era uma coisa que tinha chegado junto com o reconhecimento. Eu não tinha dito sim a ela. Era minha mesmo assim.

Voltei para a cozinha. Derramei o resto do meu chá na pia porque tinha esfriado. Liguei a chaleira para fazer outro de que eu não precisava. Enquanto a chaleira aquecia, atravessei a cozinha duas vezes, de ponta a ponta, e então me sentei à mesa.

Quando a chaleira desligou, nada tinha mudado.

Fiz o chá. Voltei para a sala. Sentei ao lado de Rafa no sofá. Ele pôs a mão no meu joelho sem tirar os olhos do celular. Assisti ao resto do noticiário

com ele.

• • •

Dia dois. Fui à mesa de despacho como sempre. O contêiner de Shenzhen que eu acompanhava desde a semana anterior foi liberado pela alfândega de Santos pouco depois das dez. Às onze, estava num caminhão subindo a Anchieta, e Jair ligou às onze para confirmar a doca de descarga. Mais uma vez, liberei uma mudança de rota para uma carga atrasada pelo trânsito no Rodoanel e reatribuí o motorista. O armazém ao lado ligou por causa de uma carga refrigerada cujo registro de temperatura tinha uma lacuna de quarenta minutos; a lacuna acabou sendo uma reinicialização de sensor, e o chamado foi aberto e fechado em menos de uma hora, porque o sistema tinha redundâncias para isso. O sistema funcionava. Não tinha opinião sobre as notícias.

Li os fóruns no horário de almoço com as costas viradas para a sala. O manifesto era a curiosidade do dia. Os vídeos eram a piada do dia. Não contei a ninguém. Fiz meu trabalho, e o trabalho, naquele dia, ainda estava inteiro para ser feito.

• • •

Tarde naquela noite, depois que Rafa dormiu. O apartamento estava quieto. A geladeira zumbia. O prédio se acomodava. Um carro passava a cada poucos minutos. Sentei à mesa da cozinha com o laptop aberto.

Eu sabia o que procurava e não admitia. A gaveta da cozinha ficava a três metros da minha mão esquerda. Eu não a tinha aberto naquela noite. Também não a tinha aberto na noite anterior, depois do manifesto, embora tivesse pensado em abri-la. Tinha dito a mim mesma, nas duas noites, que ia ler as notícias no laptop porque não conseguia dormir, o que era verdade, e que a colher na gaveta era um assunto separado, o que era meio verdade.

Entrei nos fóruns maker. Eu os tinha frequentado ocasionalmente na faculdade, principalmente porque Sami frequentava, e nunca mais. A interface era quase a mesma de antes. Os arquivos do lançamento vinham sendo dissecados fazia dois dias; a maior parte da página inicial era sobre eles. Havia um tópico sobre a malha de calibração fixado no topo da página desde a manhã. Olhei para o título do tópico por um longo minuto antes de clicar.

O autor da postagem tinha renderizado a malha cal_v1.stl. A imagem era uma colher de chá ligeiramente assimétrica com uma pequena lasca na borda. Ele a tinha renderizado em três vistas. De cima, de perfil, em três quartos. Tinha anotado as dimensões em milímetros. Tinha puxado os metadados do arquivo: criado quinze anos antes, modificado uma vez duas semanas depois da criação, nunca mais modificado.

Os comentários sob a postagem diziam: kkk o marcador provisório que ele nunca se deu ao trabalho de trocar, toda máquina montada a partir deste lançamento imprime essa coisa primeiro, que vacilo. Alguém tinha desenhado um bigode numa cópia da imagem renderizada e postado como meme. Outra pessoa tinha feito photoshop da colher sobre um fundo de fogos de artifício com a legenda PRIMEIRA IMPRESSÃO HISTÓRICA, e o comentário embaixo dizia estou chorando de rir. O tópico tinha dois mil comentários e continuava crescendo.

O mundo ria de uma peculiaridade.

Eu lia os comentários enquanto minha mão estava na gaveta da cozinha.

Eu tinha aberto a gaveta com a mão esquerda sem registrar direito que tinha feito isso. A colher de chá estava onde eu a tinha colocado de volta na noite em que me sentei no chão do quarto com o vídeo congelado no celular. Meus dedos a encontraram. Ergui a colher.

• • •

Coloquei a colher na mesa ao lado do laptop, junto da malha renderizada na tela. Me inclinei para perto.

A lasca estava lá. Mesma forma. Mesmo lugar. Mesma profundidade.

O entalhe na parte de baixo da concha, onde a emenda da impressão tinha ficado irregular, estava lá.

O cabo um pouco mais largo à esquerda. A concha um pouco mais larga à direita. A leve inclinação da junta onde o cabo encontrava a concha, que eu nunca tinha notado, mas que estava na malha renderizada porque a malha renderizada era uma cópia daquele objeto físico específico, com todas as suas pequenas falhas.

O alinhamento da lasca tinha me dado certeza duas noites antes. A postagem no fórum me deu o mecanismo. A certeza era que ele tinha feito. O mecanismo era como.

Pensei a coisa até o fim.

Ele tinha escaneado aquela colher específica como referência de calibração quinze anos antes, no apartamento do Rio Pequeno. Tentei lembrar quando. Talvez alguns meses depois de me dar a colher, quando montava um dos primeiros protótipos e precisava de um objeto que já existisse fora dos próprios arquivos da máquina para testar a resolução da cabeça de impressão. Ele teria olhado em volta do apartamento, visto a colher na gaveta, levado para a bancada, escaneado com qualquer scanner barato que tivesse na época e salvo o arquivo como `cal_v1.stl` com a intenção de trocá-lo por algo mais genérico depois. Não trocou. O marcador provisório atravessou todas as versões seguintes, quinze anos de montagens, até o lançamento público.

Agora todo fabricante montado a partir do lançamento de Atlas Dieter, ao ser ligado pela primeira vez, imprimia uma cópia da colher na minha gaveta.

A primeira coisa do mundo feita por sua máquina mais nova era uma cópia de uma colher de chá pequena e comum que um homem de vinte e dois anos tinha feito para a namorada num protótipo instável, com a lasca do dia em que saiu da mesa de impressão. Ele nunca se deu ao trabalho de renomear um arquivo.

Fiquei sentada à mesa da cozinha com a colher e o laptop e tentei sentir o que seria apropriado sentir. Não encontrei nada apropriado. O que encontrei foi uma sensação de ter sido vista por uma pessoa que não estava tentando me ver, apesar das décadas entre nós. Por baixo dela, já, estava o pensamento nos governos que logo estariam caçando Atlas Dieter.

O lançamento, quinze anos depois, tinha carregado o marcador provisório adiante não como sinal, mas como fato do firmware. Ele não o tinha endereçado a mim. O mundo não o tinha endereçado a mim. Ele chegou mesmo assim.

Depois de dez minutos, fechei o laptop. Coloquei a colher de volta na gaveta, no canto de trás à esquerda onde minha mão aprendia a encontrá-la. Fui para a cama.

Capítulo 3 — Tentar ligar

Dia 3, manhã.

Mais tarde naquela manhã, antes do trabalho, liguei para ele.

O número tinha quinze anos. Eu nunca o tinha apagado do celular, porque nunca tinha vasculhado o celular para apagar números antigos, porque a maioria das pessoas não faz isso. Ainda estava nos meus contatos só pelo primeiro nome.

Chamou. Um homem que eu nunca tinha conhecido atendeu. Oi, ele disse. Quem é?

Desculpa, eu disse. Acho que liguei para o número errado.

Espera, é a Bia? Do despacho? ele disse.

Fiquei sentada, completamente imóvel. A voz era masculina e desconhecida.

Você me ligou alguns meses atrás sobre uma entrega de peças, ele disse. Tenho seu número salvo. Você não está procurando por mim, né?

Não, eu disse. Desculpa. Número errado.

Desliguei.

Sentei na beira da cama por um minuto. Eu esperava uma caixa postal com uma voz robótica recitando os dígitos, e estava pronta para desligar sem falar. Não estava pronta para o homem que tinha herdado o número de Sami me conhecer pelo primeiro nome. Ele era um fornecedor de peças com quem eu lidava no trabalho; eu tinha ligado alguns meses antes por causa de uma entrega, e ele tinha salvado meu número. Fiz as contas. Vinte milhões de pessoas nesta cidade, e a companhia telefônica tinha entregado o número morto de Sami a um homem que já tinha o meu salvo. As probabilidades me insultaram. Desconfiei da coincidência o dia inteiro, um manifesto de carga fechando certinho demais, e não encontrei nada a fazer com a desconfiança além de carregá-la.

Então me vesti e fui trabalhar.

No almoço, sentei na copa pequena no fundo do prédio da transportadora e liguei para Lia, uma amiga antiga da faculdade que tinha feito parte do grupo do Rio Pequeno. Eu não falava com ela havia onze anos. Fomos perdendo o contato devagar: deixamos passar os acontecimentos importantes da vida uma da outra, uma ou duas mensagens ficaram sem resposta, e então percebemos um dia que não tínhamos notícias uma da outra havia um ano e não sentimos vontade de consertar isso. O número dela também ainda estava no meu celular.

Ela atendeu no terceiro toque.

Bia, ela disse. Faz muito tempo.

Faz, eu disse. Estava pensando nas pessoas. Você teve alguma notícia do Sami?

Ela riu. A risada soou mais velha do que na minha lembrança. Sami sumiu do mapa anos atrás, ela disse. Por que está perguntando para mim? Você é que morou com ele.

Não ouço falar dele desde a faculdade, eu disse.

Faz sentido, ela disse. Da última vez que alguém soube dele, estava trabalhando em algum escritório de design industrial, ou tinha trabalhado. Isso foi por volta de 2020. Aí ele simplesmente parou de responder. Tentamos por um tempo. Ele nunca aparecia em encontro nenhum. Karina casou e ele não foi. Pedro teve filho e ele não foi. Depois de um tempo, paramos de tentar.

É, eu disse. Só pensei nele.

Ela deixou a resposta no ar por um segundo a mais do que precisava. Ela tinha me conhecido aos vinte. Reconhecia uma não resposta quando ouvia uma. Não insistiu.

Se você encontrar ele, ela disse, diz que eu mandei um oi.

Digo, eu disse.

Não dissemos mais nada de consequência. Ela perguntou de Amanda. Perguntei do filho dela. Prometemos marcar um café, sabendo que não marcaríamos. Desliguei.

Fiquei sentada na copa pequena por mais um minuto antes de voltar à minha mesa.

• • •

Sentei à minha mesa depois da ligação. Fiz na cabeça uma lista de pessoas que saberiam onde Sami estava se alguém soubesse. A lista tinha dois nomes. Lia.

Uma mulher chamada Yara que tinha trabalhado com ele no escritório de design que Lia tinha mencionado, e que eu conheci uma vez numa festa anos antes, e cujo número eu não tinha. Eu já tinha ligado para Lia. O número que eu tinha para o próprio Sami agora pertencia a um estranho. Não havia mais para onde ligar.

Ele tinha entrado na clandestinidade antes do lançamento. O silêncio era antigo. A última notícia de Lia sobre ele tinha seis anos, os casamentos a que ele não tinha ido eram ainda mais antigos. A parte operacional eu só podia inferir do que os pacotes implicavam: sete pacotes, cada um postado na cidade do próprio destinatário na mesma manhã, pendrives que ele mesmo tinha impresso, o timing do primeiro vídeo. Nada daquilo tinha saído de uma prateleira. Aquela parte parecia trabalho recente, um ano, talvez dois, planejado trecho por trecho. Ele não tinha me contado, mas eu não estava na lista de contatos dele desde o apartamento no Rio Pequeno. Não tinha contado a ninguém.

Tentei imaginar o que aquilo tinha exigido, e me vi trabalhando de trás para frente, do jeito que eu trabalhava uma entrega atrasada de trás para frente, a partir da doca. Para que os arquivos aparecessem sem deixar uma mão humana que se pudesse rastrear, os gatilhos tinham que ter sido montados com bastante antecedência, e montados de modo que não dependessem dele estar vivo ou livre. Para os gatilhos serem seguros, o dinheiro precisava ser discreto. Para o dinheiro ser discreto, as pessoas por trás de tudo tinham que desaparecer primeiro, deixando-se ver cada vez menos, de modo que nenhuma ausência jamais parecesse súbita. E ele teria que aceitar que as pessoas que o tinham amado na faculdade pensariam que ele tinha ficado difícil, antissocial e um pouco triste, e aceitar que essa fosse a versão pública dele, porque a versão real estava em algum lugar onde elas não podiam encontrá-lo. Ele tinha feito tudo isso enquanto eu criava Amanda.

Deixei que um sentimento específico ficasse comigo por um minuto e depois o pus de lado. Eu não esperava falar com ele de novo, e agora não falaria. Havia um pequeno silêncio no meu peito onde uma possibilidade tinha estado sem que eu soubesse que estava. O sentimento não era saudade nem arrependimento. A porta se fechou, e o que eu sentia era a porta se fechando.

O que quer que Sami tivesse se tornado nos últimos quinze anos, tinha se tornado sem mim, e o que quer que tivesse querido me dizer tinha tomado a

forma de um objeto de calibração que acabou na minha gaveta por acidente.
Então voltei a despachar contêineres de Santos.

Capítulo 4 — A farsa morre

Do Dia 4 até a manhã de segunda-feira seguinte.

Àquela altura, a máquina estava sendo montada por pessoas que nunca tinham tocado em um dos sete pacotes, só a partir dos arquivos públicos.

Às duas da tarde, horário de Brasília, um laboratório em Berlim que não tinha recebido pendrive nem convite publicou um vídeo de uma unidade em funcionamento que executava três impressões de demonstração em sequência. Uma lâmpada completa com base de rosca. Um quadrado de tecido vermelho. Várias cartelas lacradas idênticas, cada uma com seis comprimidos de paracetamol de quinhentos miligramas. O vídeo mostrava a lâmpada acesa sem falhar e o tecido sendo desfiado até revelar fios cruzados numa trama de verdade. Uma folha de resultados anexada confirmava o comportamento elétrico da lâmpada e identificava os fios como celulose. Para os comprimidos, informava que as amostras estavam dentro da tolerância aceita para a dose declarada, que não havia impurezas inesperadas acima do limite de detecção e que um segundo conjunto de comprimidos tinha se dissolvido dentro da faixa de referência. Trinta minutos depois, o MIT publicou um vídeo de uma unidade montada com mais cuidado, com dois de seus professores visíveis ao fundo. Quarenta e cinco minutos depois, um grupo do IIT Mumbai, do outro lado do campus em relação ao estudante do motor, publicou um relatório técnico anotado que confirmava as fichas técnicas linha por linha. À noite, o ITA em São José dos Campos publicou em português, e os comentários embaixo foram a primeira vez em que vi brasileiros admitirem na internet que a coisa era real.

Nenhum dos vídeos de verificação mostrou uma colher de chá. A impressão de calibração já tinha sido registrada e ridicularizada, e os laboratórios tinham passado a demonstrar o funcionamento. Mas cada uma daquelas máquinas tinha começado sua vida de trabalho do mesmo jeito. Em algum canto de Berlim, Cambridge, Mumbai e São José dos Campos, havia uma colher de chá ligeiramente assimétrica, com a borda lascada, posta de lado numa bancada, fotografada uma vez para registro, já esquecida.

Três hackerspaces publicaram, em Lisboa, Toronto e Tel Aviv, num

intervalo de duas horas entre si. Dois jornalistas que não tinham recebido nada pelo correio, um no Financial Times e outro no El País, publicaram vídeos de suas próprias montagens com seus próprios materiais e seus próprios olhos céticos. O jornalista do Financial Times repetiu o teste da lâmpada. O do El País repetiu as impressões do tecido e do paracetamol e enviou o material produzido para um laboratório externo. Os dois disseram a mesma coisa em línguas diferentes: tinham começado tentando desmascarar a farsa e, em vez disso, tinham reproduzido os mesmos resultados a partir de arquivos públicos, em máquinas diferentes e com insumos diferentes.

• • •

Os especialistas céticos que tinham mantido as dúvidas em conversas privadas foram à TV na manhã seguinte. Os âncoras que tinham lido o manifesto com um sorriso debochado o leram de novo, desta vez sem sorriso. Em doze horas, o enquadramento mudou nos grandes veículos. O suposto dispositivo Atlas Dieter virou o dispositivo Atlas Dieter. Só os últimos adeptos de teorias da conspiração ainda chamavam aquilo de farsa. Os grandes jornais reorganizaram suas páginas de abertura. Três deles publicaram matérias de primeira página no dia seguinte com a mesma estrutura de manchete, a estrutura que usavam quando queriam soar sérios sem se comprometer com uma posição.

O mundo parou de rir.

Nos comentários que acompanhavam os blocos, uma nova frase circulava: o dispositivo podia fazer cópias de si mesmo. Alguns dos laboratórios já tinham usado suas primeiras montagens para começar uma segunda máquina.

A manhã do sexto dia foi a primeira manhã em que o noticiário abriu com a história como fato. O bloco principal do jornal da manhã foi uma explicação de doze minutos sobre o que a tecnologia podia fazer, com imagens da impressora do laboratório de Berlim funcionando ao fundo. A âncora parecia assustada. Ela tinha dois convidados, um cientista de materiais e um ex-regulador, e eles passaram o bloco falando sem se ouvir, em tom comedido.

A explicação dizia o que os vídeos de verificação já tinham mostrado, só mais devagar e com gráficos. A máquina fazia coisas. Comida, roupas, medicamentos e aparelhos elétricos funcionais, a partir de uma caixa que podia ficar no balcão de uma cozinha, alimentada por terra e água e um pouco

de qualquer outra coisa, restos, cascas, lixo picado. Ela tirava da mistura o necessário para cada impressão, mas o que não estava no funil não podia sair. Os fóruns maker já tinham adotado uma palavra para aquela mistura, e o noticiário a tomou emprestada em menos de uma semana, e depois disso aquela passou a ser simplesmente a palavra que todo mundo usaria pelo resto da vida: insumo. O bloco deu destaque ao consumo de energia, que era quase nada. Uma tomada. Um painel solar e paciência.

Ninguém no bloco dizia que velocidade ela alcançava nem até que tamanho seria possível construir uma. As máquinas funcionando naquela manhã eram as primeiras máquinas, com dias de vida, montadas a partir de arquivos públicos, e os dois convidados tiveram o cuidado de dizer isso. Sobre os limites, eles concordavam, e foi a única coisa em que concordaram. O cientista de materiais disse que a caixa não conjurava matéria, que, até onde se podia dizer, rearranjava aquilo de que era alimentada. E nada que ela fazia crescia. Tudo saía dela acabado, final e morto.

O ex-regulador não se interessava pelo que ela não podia fazer. Quando a âncora perguntou o que o preocupava, ele foi específico. Armas, ele disse. Aquele foi o único momento em que os convidados pararam de falar sem se ouvir e olharam um para o outro, e pelo tempo de uma respiração ninguém disse nada na televisão ao vivo.

Eu nunca entendi como a máquina funcionava, e nunca quis entender. O como era trabalho de outra pessoa. Movimento era o meu. Alguma coisa tinha começado a se mover. Senti no estômago antes que qualquer um dos convidados terminasse uma frase, e eu ainda não saberia dizer o quê.

Era domingo. Assisti em casa, no sofá, com Rafa fazendo perguntas à tela que eu poderia ter respondido e não respondi.

• • •

Fui trabalhar naquela manhã de segunda, e a mesa me recebeu como se nada tivesse acontecido. O contêiner de Shenzhen que eu acompanhava tinha aportado em Santos durante a noite em outro navio da Maersk. Liberei a notificação aduaneira às 9h30. Atribuí o caminhão. Não precisei ajustar nenhuma rota por causa do trânsito no Rodoanel. O motorista, Jair, ligou às onze, como sempre. Tinha uma pergunta sobre a doca de descarga. Dei a resposta. Ele agradeceu.

Beto jogou a caneta na mesa por algum motivo que eu não peguei. Marcelo, que sentava ao lado dele, perguntou se ele estava bem. Beto disse que estava. Não estava inteiramente bem.

Liguei para Graça no meu almoço. Ela vinha assistindo ao noticiário. Queria saber se eu estava bem. Eu disse que estava. Ela disse que tinha recebido um cartucho novo naquela manhã e que ficaria bem. Disse a ela para me ligar se precisasse de alguma coisa. Eu sabia que ela não ligaria. Sabia que eu ligaria para ela na manhã seguinte para conferir.

O sistema se mantinha. A cadeia de suprimentos rodava. As telas na frente da sala estavam ligadas no noticiário, mas o supervisor tinha pedido foco, então o som estava mudo.

Havia um manifesto de carga que deveria estar no sistema e não estava. Uma remessa semanal regular de um pequeno importador de eletrônicos em Guarulhos que eu agendava havia anos. A remessa não tinha chegado. O importador não tinha enviado aviso de cancelamento. Não havia motivo para estar faltando. Lá estava ela, faltando.

Liguei para o importador. O telefone tocou e caiu na caixa postal. Liguei para o armazém que receberia a carga. O gerente do armazém disse que não tinha ninguém agendado. Conferi meu próprio painel de novo. O manifesto não estava atrasado nem arquivado errado. Estava ausente. A remessa não tinha sido agendada, ou tinha sido cancelada e o cancelamento não tinha se propagado, ou alguma coisa entre essas duas coisas.

Fiz uma anotação. Segui com o dia.

Foi nesse dia que a cascata começou de verdade, embora ainda não a chamássemos de cascata.

Interlúdio — Replicação

Enquanto o mundo decidia se os vídeos eram falsos, os arquivos já se moviam. A forma daqueles primeiros dias é de conhecimento público agora: a análise forense da rede, as reconstruções, as entrevistas. Nada disso existia enquanto eu vivia dentro daqueles dias. Na época, parecia discussão. Em retrospecto, crença era só uma coluna no painel, e não a coluna que importava. A distribuição já tinha saído da sala.

Depois que os pendrives enviados pelo correio chegaram às primeiras mãos, o movimento importante ficou mais difícil de filmar. Um destinatário copiou o pacote para um servidor privado antes de fazer café. Outro o passou para um coletivo de conserto local cujos membros tinham passado vinte anos mantendo vivos equipamentos mortos com placas garimpadas e ferramentas emprestadas. Um jornalista o enviou a um editor, e o editor o enviou à editoria de tecnologia do jornal, e alguém naquela editoria tinha um irmão que mantinha um servidor que espelhava livros escolares proibidos. Nada disso foi organizado.

Mais tarde, os analistas decidiram que o lançamento se tornou impossível de parar nas mãos de mantenedores. Operadores de acervos. Coletivos de conserto. Uma bibliotecária no Senegal que tinha três laptops velhos debaixo da mesa e o hábito de manter cópias locais de qualquer coisa útil antes que os links morressem. Um homem no interior da Eslováquia que espelhava sites moribundos do jeito que outras pessoas recolhem gatos de rua. Um laboratório universitário em Tallinn colocou o pacote na rede do campus como curiosidade, e no fim do dia ele tinha saído do campus por máquinas que ninguém no laboratório administrava. Um radioamador no Paraná passou duas noites empurrando pedaços comprimidos em rajadas de pacotes para qualquer pessoa com receptor e paciência, porque era para isso que ele tinha um rádio. Pendrives apareceram em gavetas de oficinas de conserto, colados com fita na parte de baixo de bancadas, etiquetados com datas em vez de nomes. Quando a primeira notificação de remoção foi redigida, os arquivos estavam em nós de uma rede mesh que não passavam por nenhum intermediário a quem uma notificação pudesse ser entregue.

Vi o fracasso primeiro como logística. Um caminhão tem uma rota. Um contêiner tem um manifesto de carga. Um palete tem um número de doca. Se a gente conhece a doca, o motorista, a papelada e a janela de tempo, pode parar ou atrasar a carga, e todo mundo consegue ver onde isso aconteceu. A velha lógica da fiscalização tinha sido construída em torno de objetos que continuavam objetos. Esses arquivos não permaneciam na mesma via por tempo suficiente para serem apreendidos. Se moviam de servidor para telefone, para pacote de rádio, para compartilhamento de campus, para um laptop velho na secretaria de uma escola, para um pendrive no bolso de alguém, e cada transferência era ao mesmo tempo entrega e backup. Não havia doca. Não havia um último caminhão.

O segundo fracasso era mais estranho, e levou mais tempo para a maioria das pessoas dizê-lo sem rodeios. Os arquivos não eram apenas instruções para um objeto. Eram instruções para um objeto que podia ajudar a fazer o objeto seguinte. As primeiras unidades funcionais não apenas provaram que o pacote era real. Começaram a produzir estruturas, carcaças, conjuntos de alimentação, peças de calibração, pequenas partes esfriando em mesas enquanto as pessoas que tinham montado a primeira máquina abriam espaço para a segunda. Um vídeo de verificação em laboratório podia ser posto em dúvida por algumas horas. Uma máquina fazendo peças para outra máquina mudava a unidade da dúvida. A carga já não era um dispositivo em uma sala; era um caminho de uma sala para muitas salas.

Achávamos, na época, que o anonimato era o mistério que importava. O noticiário perguntava de hora em hora quem era Atlas Dieter. A pergunta tinha drama, e drama é mais fácil de filmar do que propagação. A caça ao nome teve suas próprias consequências, e vivi perto o bastante delas para saber que não devia descartá-la. Mas a caça era um erro de categoria. Um nome é uma coisa que a gente pode prender; um caminho de sala em sala não é. A propagação chegou a mim do jeito que chegou a todo mundo, um vídeo por vez, num telefone em uma mesa de despacho. A única diferença era que eu sabia o nome. Sabê-lo não mudava nada na aritmética. Só me mudava.

Ato III — O martelo

Capítulo 1 — A supressão se intensifica

De volta ao Dia 1. Semanas 1–2.

A primeira rodada foi burocrática. Notificações de remoção às plataformas que hospedavam cópias dos planos. Apreensões de domínio dos relays p2p que o aparato legal conseguia encontrar. Congelamentos de pagamento para os makers que tinham aceitado doações para hospedar pacotes de planos. Nada disso tocava a distribuição p2p de fato. Os arquivos circulavam fora da internet desde o primeiro dia, e a burocracia atacava a camada visível da web que não tinha nada a ver com a forma como os arquivos realmente se moviam.

Li as notícias de remoção na mesa de despacho entre ligações. A primeira rodada pareceu quase tranquilizadora. Um procedimento adequado tinha sido iniciado. Um senador tinha feito um discurso. Um juiz tinha assinado uma ordem. O aparato visível executava os procedimentos visíveis. De longe, parecia que a situação estava sendo cuidada.

Um senador de quem eu nunca tinha ouvido falar apareceu no noticiário exigindo que o uso não autorizado de fabricantes fosse imediatamente enquadrado como terrorismo. No trem naquela manhã, o vídeo o mostrava suando. Ele parecia assustado. Tinha montado uma coletiva de imprensa em cima da hora, diante de uma bandeira, e lia de uma única folha de papel, perdendo a linha toda hora. Os repórteres não faziam as perguntas para as quais ele tinha se preparado.

Na mesa de despacho daquela semana, o supervisor enviou um memorando sobre cumprir qualquer solicitação de dados de remessa feita por autoridades policiais. O memorando tinha três parágrafos de linguagem jurídica. Encaminhamos o memorando uns aos outros e fizemos pequenas piadas sobre a formulação. Ninguém no andar tinha recebido pedido de dados de remessa. O memorando tinha sido escrito por advogados para uma situação que ainda não tinha acontecido conosco.

• • •

Nas primeiras semanas, o governo federal aprovou um decreto emergencial de

segurança pública. O decreto foi redigido por um grupo de trabalho montado em três dias e incluía senadores, membros do Ministério da Justiça e do Ministério da Defesa, além de um representante do Banco Central cujo papel eu não entendi na época e só entenderia depois, quando saíram os dispositivos de estabilidade cambial. O texto do decreto tinha vinte e três páginas. Foi publicado no Diário Oficial às sete da manhã de uma sexta-feira. A maior parte do país estava no trabalho ou dormindo.

O fabricante e seus derivados foram classificados como instrumentos de terrorismo em massa. Construir um fabricante passou a ser crime federal de terrorismo. Traduzir, hospedar, distribuir ou melhorar os planos também. As penas chegavam a décadas. O texto do decreto foi reproduzido em encartes de jornais e lido em voz alta na TV. A leitura na TV foi feita por uma âncora que não parecia ter lido o documento antes e que se enrolou com a linguagem jurídica da seção quatro.

Li no celular, na mesa de despacho, durante uma tarde lenta. Mantive a tela inclinada para longe de Beto. Li o texto duas vezes. Senti a temperatura da sala mudar sem nada visível mudar. Os outros operadores de despacho estavam em suas próprias telas, fazendo seus próprios trabalhos. Henrique comia um salgado na mesa dele com o decreto aberto no celular. Marcelo falava ao telefone com um motorista. O ar-condicionado rodava.

Décadas, Henrique disse, para ninguém em particular. Por uma impressora. Pegar bandido de verdade ninguém quer. Marcelo acenou para ele baixar a voz. Henrique deu de ombros e voltou ao salgado. Ninguém mais ergueu os olhos.

Não disse nada. Voltei a um manifesto de carga de um contêiner atrasado de Hamburgo que precisava ser roteado por Santos. O manifesto tinha uma discrepância. Trabalhei na discrepância por uma hora e a resolvi.

Até o fim da tarde, o supervisor tinha enviado um memorando complementar sobre as novas classificações federais e como elas afetavam o que podíamos ou não transportar. O memorando era mais longo que o da semana anterior. Listava sete tipos específicos de carga que agora exigiam documentação federal adicional. Nenhum dos sete tipos era algo que nossa empresa transportasse. O memorando tinha sido redigido pelo departamento jurídico para o caso de um dia transportarmos. A cláusula que prendeu meu olhar definia uma peça de fabricante de forma ampla o bastante para, lida

literalmente, cobrir a maior parte dos eletrônicos de consumo. O departamento jurídico tinha anexado uma nota de rodapé dizendo que a interpretação mais ampla provavelmente não seria aplicada.

Naquela noite, Rafa perguntou o que eu achava do decreto. Eu disse que era severo. Ele disse sim. Assistimos ao noticiário juntos por um tempo. Não contei a ele que, pela letra do novo decreto, eu sabia a identidade do inventor, e que qualquer revelação poderia puxar nossa casa para dentro de um caso antiterrorismo. Eu sabia disso desde o momento em que o decreto tinha sido lido em voz alta na TV. Ainda não tinha tido tempo de entender o que saber significava.

• • •

A resposta internacional corria em paralelo e de modo desigual, mas eu ainda não enxergava o padrão. No meu nível, chegava como papelada. Novos campos aduaneiros. Novos atrasos de liberação. Novas categorias de carga que não tinham existido na semana anterior e que ninguém no andar conseguia definir sem ligar para o jurídico.

Um Estado do Golfo emitiu um decreto que li na copa pequena no fundo do prédio do despacho, enquanto Beto estava atrás de mim numa ligação sobre um manifesto desaparecido. Li até o fim e comecei de novo. Era o texto jurídico mais cheio de contradições internas que eu tinha visto em anos. Tentei descobrir qual tinha sido a intenção na seção que contradizia a si mesma, e não consegui. Voltei para minha mesa.

A pressão sobre o Brasil vinda de seus parceiros comerciais apareceu no meu painel de despacho em uma semana. Nova papelada aduaneira nas remessas que passavam por Santos. Tempos de liberação mais lentos. Um pedido da matriz para pré-liberar cargas por meio de um terceiro que eu nunca tinha usado e que tinha sido acrescentado à nossa lista de fornecedores aprovados da noite para o dia. Todo operador de despacho no andar esbarrava nos mesmos atrasos. Na sexta-feira, o supervisor passou duas horas seguidas em uma ligação com a mesa da Europa tentando descobrir o que tinha mudado.

• • •

As mentiras em circulação sobre a tecnologia se multiplicaram. Ela faz

bombas. A comida é venenosa. É uma psyop chinesa. Uma corrente de WhatsApp que chegou a Graça no Butantã afirmava que o pão saído das máquinas continha um produto químico que causava um tipo específico de câncer. Graça me encaminhou. Eu disse a ela que não era verdade. Ela disse que sabia, mas achou que eu devia ver. A corrente era compartilhada oito mil vezes por dia, segundo uma organização de checagem de fatos que eu acompanhava porque alguém na FEA a tinha recomendado anos antes.

Em paralelo a isso, a caça pública pelo inventor: análises linguísticas forenses do manifesto nos grandes veículos. A Folha publicou uma que dizia que a sintaxe sugeria um falante nativo de inglês. O Estado publicou outra na semana seguinte dizendo o oposto. Cada uma era assinada por um linguista credenciado em uma instituição credenciada, e cada uma cravava com confiança.

Vazamentos de confissões falsas de pessoas que diziam ser Atlas Dieter, três delas só na primeira semana. A primeira era um homem no Oregon que tinha feito uma replicação inicial e decidido que queria ser o inventor. A alegação dele foi desmentida em dois dias, quando seus logs de hospedagem foram verificados e mostraram que ele tinha baixado os arquivos só depois de se tornarem públicos. A segunda era uma mulher na Argentina cuja alegação era mais sofisticada e levou quatro dias para ser desmentida. A terceira era um adolescente nos Países Baixos que não tinha montado nada e só queria aparecer na TV. As organizações de checagem publicavam os desmentidos tão rápido quanto publicavam as alegações originais.

O desfile de teorias especulativas. Atlas Dieter é um ator estatal. Um bilionário. Um adolescente. Um culto religioso. Um engenheiro aeroespacial desertor. Uma IA. Um coletivo de três ou quatro pessoas que coordenaram por anos. Um professor aposentado cujos artigos no início dos anos 2000 tinham antecipado a tecnologia. Um grupo de pesquisa em uma universidade chinesa que tinha sumido um ano antes do lançamento.

Nada daquilo chegava perto.

Li uma das análises linguísticas numa quinta à noite, sentada à mesa da cozinha com minha segunda taça de vinho depois que Rafa tinha ido para a cama. O autor tinha concluído, com confiança, que Atlas Dieter era falante de uma língua românica e provavelmente francês ou italiano, com base em padrões de fraseado no manifesto. O autor não tinha considerado que o

manifesto pudesse ter sido escrito por alguém cuja primeira língua era árabe. Fechei o artigo. Servi uma terceira taça de vinho que não terminei.

• • •

Imagens de noticiário. Batidas federais em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte. Primeiros montadores, administradores de servidores espelho, pesquisadores universitários pegos com arquivos de montagem. As batidas pareciam operações antiterrorismo. Táticas. Blindadas. Encenadas para foto. Assisti ao vivo à batida de São Paulo no jornal da manhã, um bloco de sete minutos com imagens de helicóptero de agentes de colete entrando em um prédio pequeno na Vila Mariana que acabou pertencendo a um pós-graduando que tinha baixado os arquivos para um artigo que escrevia sobre a quem os regimes de propriedade intelectual de fato servem.

O pós-graduando foi algemado em frente de casa. A mãe dele foi filmada chorando atrás dele. O advogado apareceu no noticiário naquela tarde explicando que os arquivos que ele baixou eram os mesmos que vinte milhões de outros brasileiros tinham baixado, e que os promotores o tinham escolhido porque o artigo criticava o poder das grandes corporações sobre a propriedade intelectual.

Uma mulher foi presa em Curitiba. Ela hospedava um relay p2p no porão de sua boutique. A boutique vendia joias artesanais. Algumas delas tinham começado a sair de um dispositivo diferente no porão nas últimas semanas.

Um grupo de pesquisa da UFMG sofreu uma batida. Três professores e quatro alunos de pós-graduação foram levados para interrogatório. Foram liberados em vinte e quatro horas, mas os equipamentos do laboratório foram apreendidos e o prédio de pesquisa ficou sob vigilância pelo mês seguinte.

Na minha mesa, com o som desligado, a batida da Vila Mariana passou pela segunda vez. O pós-graduando estava no chão, algemado. Tentei imaginar Sami na mesma posição e não consegui. Tentei imaginar o apartamento que teriam invadido se algum dia tivessem ido atrás dele, e o apartamento não tinha localização fixa na minha mente porque Sami não tinha localização fixa desde que tinha entrado na clandestinidade, e a ausência de localização era a coisa específica que o tinha mantido fora de qualquer uma das imagens que eu vinha assistindo no último mês.

Algumas dessas eu assisti de novo do sofá em Pinheiros, com Rafa ao

meu lado, em noites diferentes. A cada vez, Rafa dizia alguma versão da mesma coisa. Isso é loucura. Isso é loucura. Não acredito que estão fazendo isso.

Eu dizia, é.

Não dizia o que de fato pensava, que era que um homem que eu tinha amado aos vinte e um anos estava sendo caçado por unidades antiterrorismo federais em múltiplas jurisdições, e que um manifesto que ele tinha escrito estava sendo lido no noticiário a cada quinze minutos, e que uma colher de chá que eu tinha lavado no apartamento do Rio Pequeno agora saía de dezenas de milhares de fabricantes quando eram ligados pela primeira vez.

Capítulo 2 — Renata é presa

Semana 3, terça-feira.

O nome e o rosto de Renata apareceram em uma transmissão de coletiva federal. A acusação oficial era fornecimento de apoio material ao terrorismo. A atividade de tradução foi especificada, em detalhe, por um agente que lia de uma declaração preparada. Ele listou os documentos que ela tinha traduzido. Listou os canais por onde ela os tinha distribuído. Listou as quantidades envolvidas. O número que ficou comigo foi trezentas e quarenta páginas traduzidas de documentação técnica distribuídas a relays p2p hospedados em sete países. O comunicado à imprensa parecia um comunicado à imprensa.

A imagem que usaram era da formatura dela em Mecatrônica. Uma mulher mais jovem de beca, sorrindo, com o logotipo da USP atrás. Ela tinha vinte e três anos na fotografia. Tinha trinta e oito agora. A foto tinha sido escolhida, presumi, porque era a imagem mais pública que tinham conseguido encontrar, e porque a beca a fazia parecer séria e credenciada, uma seriedade que podia ser transferida para a acusação.

Mencionaram, com o distanciamento rotineiro desse tipo de transmissão, que ela tinha um filho pequeno. A imagem cortou para o exterior de um prédio, presumivelmente o prédio onde ela morava, e ficou nele um tempo a mais do que a edição precisava. Havia uma varanda no terceiro andar com uma bicicleta de criança, de ponta-cabeça, apoiada no selim e no guidão, do jeito que uma bicicleta espera por um conserto. Então o púlpito da coletiva outra vez.

Eu não tinha ouvido o nome dela em todos aqueles anos.

• • •

Eu estava na cozinha com a TV ligada. O rosto na tela era o da mulher que eu tinha conhecido uma vez no aniversário de Sami, no nosso segundo ano juntos. Um encontro pequeno. Um bolo. Conversa fácil. A gentileza dela. O nome na parte de baixo da tela confirmou.

Parei o que estava fazendo. Eu picava uma cebola para o jantar. A faca

ainda estava na minha mão direita. A tábua de corte ainda estava à minha frente. A cebola estava meio picada. A TV ficava a quatro metros, na sala.

Rafa não notou. Estava na poltrona lendo alguma coisa no celular. Amanda estava à mesa com o caderno aberto, fazendo uma atividade de ciências que envolvia desenhar setas entre coisas.

Terminei de picar a cebola. Minhas mãos se moveram. A cebola ficou menor. Coloquei na panela. Não olhei para Rafa. Não olhei para a TV. Fiz o jantar.

Servi o macarrão. Rafa agradeceu. Amanda agradeceu. Comemos. Amanda contou uma história da aula de ciências que eu não consegui acompanhar direito. Rafa perguntou duas vezes se eu estava cansada. Eu disse sim, nas duas. Ele não insistiu. Depois do jantar, recolhi os pratos e os enxaguei devagar sob a torneira, do jeito que tinha enxaguado louça em outra pia, anos antes.

• • •

Eu tinha vinte e um, quase vinte e dois. O aniversário de Sami era em novembro. Ele fez vinte e três. O encontro foi no nosso apartamento porque nenhum dos amigos dele tinha um lugar grande o suficiente e o nosso tinha uma cozinha com uma janela para um pátio onde dava para fumar se a gente abrisse. Éramos seis. Talvez sete. Fiz o bolo a partir de uma receita que encontrei online; saiu baixo e um pouco queimado de um lado, e comemos mesmo assim porque estávamos duros e porque Sami riu e disse que tinha gosto dos bolos que a avó dele fazia em Aleppo. Nunca soube se era verdade ou se ele só tinha dito aquilo para me agradar.

Renata trouxe uma garrafa de vinho e se recusou a me deixar abri-la porque eu tinha passado a semana estudando para uma prova e parecia morta.

Você é um desastre completo, ela disse. Você precisa é de sono, não de vinho.

Ela se sentou no chão com as costas contra o sofá, comeu bolo apoiado no joelho e conversou comigo sobre a mãe dela, que tinha ficado doente naquele ano e entrava e saía de hospitais. Eu disse que sentia muito. Ela disse, não, ela vai ficar bem. Minha mãe é basicamente raiva; raiva mantém a gente vivo. Rimos. Sami, que estava na cozinha, ouviu ela dizer aquilo e veio para a sala pedir que repetisse porque queria lembrar.

Ela empurrou os óculos para cima com as costas do pulso a noite toda porque as mãos nunca estavam vazias: o prato de bolo, o vinho que ela protegia de mim, o isqueiro de alguém. Quinze anos depois, na transmissão federal, a foto de formatura não tinha óculos. Eu os tinha procurado sem saber o que procurava.

Eu tinha gostado dela. Não a vi de novo. Sami não a trazia muito por perto. Não lembro de perguntar por quê. Lembrei dela com um afeto que eu não sabia que ainda estava ali.

• • •

O que os investigadores tinham, eu conseguia adivinhar na época e aprendi em detalhe anos depois, quando a CPI publicou seus anexos. Tinham o currículo de Renata, seus registros universitários, seu histórico de emprego. Sabiam que ela tinha se formado em Mecatrônica pela Poli e que tinha sido colega de Sami no mesmo curso. Nada disso estava escondido. Tinham o nome do orientador de tese dela, as disciplinas que cursou, a empresa onde trabalhou por três anos depois da formatura, os trabalhos freelancer, a pequena consultoria que ajudou a fundar e depois deixou. Registros fiscais. Endereços. Os nomes de todos os padrinhos e madrinhas do casamento dela, sete anos antes.

Nada disso era suspeito.

Colegas de engenharia eram centenas por turma e milhares ao longo dos anos. Sami era um nome em uma turma de formatura de trezentos, com uma ficha tão sem graça quanto uma ficha pode ser. Trabalhou em um escritório pequeno de design industrial na Lapa por quatro anos, depois virou freelancer. Impostos pagos. Um endereço registrado. Nada patenteado, nada publicado, nada que o marcasse em qualquer busca que alguém pensaria em fazer. Ele não tinha desaparecido do papel. Tinha desaparecido das pessoas, e nenhum banco de dados registra isso.

A atividade de tradução de Renata foi o que desencadeou a acusação criminal. Seu domínio de engenharia foi tratado como compatível com o crime visível.

Eles estavam fazendo o trabalho deles.

• • •

O grupo antigo da faculdade ganhou vida naquela noite. O grupo existia havia

uma década sem ninguém escrever nele; era o tipo de grupo de que ninguém sai. Eu o mantinha silenciado. Às dez havia duzentas mensagens. Li todas e não digitei nada.

As mensagens eram o que seriam. Incredulidade. A foto da formatura, repostada. Alguém que tinha estado no casamento dela. Alguém que tinha trabalhado com ela na consultoria. Alguém perguntando, duas vezes, se alguém sabia como falar com a família dela, e então a resposta chegando na manhã seguinte: o menino estava com a avó. A avó tinha assumido levar e buscar na escola. Lia escreveu isso. Tinha falado com a prima de Renata.

Dias depois, alguém postou um link para um fundo de defesa jurídica. Um coletivo jurídico o tinha criado, do tipo que faz habeas, do tipo cujo nome passa pelo noticiário a cada poucos anos. O link ficou no grupo com quarenta respostas embaixo, a maioria delas a palavra feito.

Abri o link. Li a página. O fundo tinha uma barra de progresso e uma lista de primeiros nomes com valores ao lado. Olhei para a barra por um tempo. Sob o decreto, uma doação era um dado. Uma associação. Uma linha em um livro-caixa mantido por um coletivo cujos servidores podiam receber uma intimação da mesma autoridade federal que tinha montado o caso.

Fechei o link. Não doe. Fiquei com o polegar sobre a tela escura do telefone por um minuto. De todos naquele grupo, eu tinha o maior motivo para dar, e era a única que não podia se dar ao luxo de ser vista dando qualquer coisa.

Capítulo 3 — A investigadora visita

Semana 3, quarta e quinta-feira.

A noite depois da transmissão, uma quarta-feira. Estávamos jantando. Arroz, feijão e uma sobrecoxa de frango que eu tinha cozido demais. Amanda reclamava do frango. A campainha tocou.

Rafa se levantou para atender. Voltou à mesa com uma expressão intrigada.

Polícia Federal, ele disse. Querem falar com você.

Amanda parou de mastigar. Olhou para mim. Olhou para Rafa. O rosto de oito anos dela passou por três expressões em menos de um segundo.

A mamãe vai falar com eles, Rafa disse a ela, com a voz mais calma que tinha. Come seu frango.

Levantei. Limpei a boca com o guardanapo. Fui até a porta.

Havia dois agentes em pé no corredor. Uma mulher, um homem. À paisana. Ambos educados. Ambos claramente treinados. A mulher tinha quase quarenta anos. O homem, uns quarenta e cinco. Os dois ergueram as identificações. Perguntaram se eu era Beatriz, e eu disse que sim, e perguntaram se podiam entrar por alguns minutos para me fazer perguntas sobre um contato antigo.

Deixei os dois entrar. Disse a Rafa para levar Amanda ao quarto. Ele levou. Me lançou um olhar ao passar que eu não consegui ler por inteiro. Os agentes se sentaram comigo à mesa de jantar. A sobrecoxa pela metade de Amanda ainda estava no prato. Os agentes esperaram educadamente enquanto eu levava o prato para a cozinha e voltava. Rafa voltou do quarto de Amanda, foi para a cozinha e fingiu lavar louça.

• • •

A agente conduziu. Eles estavam rastreando contatos antigos de Renata com base na legislação antiterrorismo. Eu estava em uma lista. A lista de contatos antiga de Renata era um arquivo exportado da agenda, recuperado durante a prisão, com números de telefone de anos atrás. Tinha meu nome ao lado de um

número que eu não usava havia quinze anos.

Ela fez as perguntas sem pressa. Não anotou tudo que eu disse. Anotou algumas coisas. Deixava as pausas no ar. Fazia contato visual quando eu respondia e olhava para o bloco quando eu estava terminando minhas respostas. O agente observava mais a sala. Eu tinha lido sobre essa técnica em um artigo de revista anos antes. Tentei não pensar nisso.

Eu conhecia Renata?

Sim, eu disse. Brevemente. Conheci uma vez numa festa, quinze anos atrás.

Por meio de quem?

Um namorado antigo. Sami, da Poli, engenharia. Terminamos por volta da formatura. Não lembro direito quem convidou quem.

Entreguei o primeiro nome com simplicidade porque segurá-lo teria tornado o nome interessante. Um nome entregue sem cerimônia é arquivado e esquecido; um nome cuidadosamente recusado é lembrado. Era toda a estratégia que eu tinha, e a maior parte vinha do mesmo artigo de revista.

A mulher não anotou nada. O homem escreveu uma nota curta que eu não conseguia ver e não a sublinhou.

Os agentes seguiram adiante.

O homem perguntou se eu tinha tido contato recente com Renata.

Não, eu disse.

Ouvido falar dela?

Só no noticiário.

A mulher escreveu no bloco. Perguntou sobre outros três nomes da lista de contatos. Eu tinha ouvido falar de um. Nunca tinha ouvido falar dos outros dois. Ela perguntou o que eu tinha ouvido sobre aquele de quem eu tinha ouvido falar. Eu disse que era um colega de turma de Renata na Poli, que ela o tinha mencionado uma vez, de passagem, na festa de aniversário, e que eu não tinha ideia de onde ele estava agora nem se ainda tinha contato com ela. A mulher anotou minha resposta.

O homem me perguntou sobre a festa de aniversário. O tamanho. O que tínhamos servido. Quem mais tinha estado lá. Dei as respostas do mesmo jeito, vagas o bastante para eu poder negá-las depois, específicas o bastante para eu parecer disposta a colaborar. Nomeei dois dos outros convidados da festa. A mulher perguntou se eu tinha fotos. Eu disse que não. Perguntou se eu tinha

alguma de Renata. Eu disse que não. Ela escreveu alguma coisa.

• • •

Enquanto o homem me perguntava outra coisa, eu tinha plena consciência de que guardava a única informação que a caça federal realmente queria. O inventor é Sami; aqui está o rosto dele. A revelação exporia Sami a um processo federal por terrorismo e puxaria minha própria casa para a mesma investigação. Amanda seria interrogada em uma sala com um psicólogo infantil e um gravador. Este apartamento seria revistado.

Eu estava sentada calmamente diante de uma agente antiterrorismo à minha própria mesa de jantar, sem dizer isso.

A decisão tinha sido tomada muito antes. Esta era apenas a primeira vez em que era testada.

Notei, meio de fora, que eu não estava em pânico. Eu tinha pensado, no tempo desde que a campainha tocou, que poderia entrar em pânico. Não entrei. A calma interior era uma coisa que eu tinha construído aos poucos nos dias anteriores, como a gente constrói a calma necessária para qualquer tarefa que a gente sabe que vem pela frente.

Minha mão direita estava sobre a mesa. A esquerda estava no colo, apertando uma dobra do meu próprio vestido durante quase toda a conversa, com força suficiente para os dedos deixarem sua forma no tecido. Me obriguei a abrir os dedos. O tecido não desamarrotou. Escolhi não olhar para baixo, para o colo.

A agente me observava. Lia meu rosto do jeito que vinha lendo meu rosto o tempo todo. Sustentei o olhar dela pelo meio segundo certo e então olhei para o homem, que lia do bloco.

• • •

Os agentes agradeceram. Me deram um cartão. O cartão tinha o nome da mulher, um telefone federal e um e-mail federal. Pediram que eu ligasse se lembrasse de mais alguma coisa. Eu disse que ligaria. Foram embora.

Rafa voltou para a sala de jantar. Os agentes tinham ficado trinta e sete minutos. Ele tinha lavado louça por trinta e sete minutos. Tinha terminado a louça e começado a reorganizar o armário.

O que foi isso? ele disse.

Contatos da Renata, eu disse. A tradutora que prenderam. Conheci uma vez numa festa da faculdade, basicamente.

Não exatamente mentira. Ele fez uma pausa. Olhou para mim por um momento mais longo do que precisava. Fez que sim com a cabeça. Voltou para a cozinha.

Deixou passar porque me conhecia bem o suficiente para ver o pequeno muro. Eu não podia agradecer por isso. Não podia me dar ao luxo de dar a ele um motivo para perguntar de novo.

Fui ao quarto de Amanda. Ela estava à escurinha com os lápis de cor espalhados, desenhando alguma coisa. Sentei na beira da cama dela. Ela olhou para cima.

Eles foram embora? ela disse.

Foram, eu disse.

Era sobre alguma coisa ruim? ela disse.

Era sobre uma amiga antiga da mamãe que está com problemas, eu disse.

A mamãe está bem. O papai está bem. Você está bem.

Tá, ela disse. Posso continuar desenhando?

Pode continuar desenhando, eu disse.

Fui para a cozinha e vi Rafa terminar de reorganizar o orégano.

Ele pôs o orégano de volta na prateleira e fechou o armário.

Precisamos ligar para alguém? ele disse.

Alguém?

Um advogado, Bia.

Não, eu disse. Não foi nada disso.

A resposta veio rápido demais. Ele ouviu isso. Eu o vi ouvir.

Ele olhou para o corredor, onde a porta de Amanda ainda estava aberta na largura de uma mão e a luz da escurinha fazia uma pequena linha amarela no chão.

Ela está segura? ele disse.

Está, eu disse.

Essa resposta também veio rápido demais.

• • •

Tarde naquela noite. Eu estava na cama. Rafa dormia ao meu lado. Pensei no filho de Renata, o rosto pequeno que a coletiva tinha mencionado, o rosto que

eu não tinha imaginado antes daquela noite. Tentei imaginá-lo. Ele teria seis ou sete anos. Estaria na casa da avó agora, numa cama que não era dele, recebendo alguma versão do que estava acontecendo que fosse adequada à idade e incompleta. Aprenderia, ao longo dos anos, o que a mãe dele tinha feito, e teria que decidir como se sentir a respeito.

Pensei nos rostos educados dos agentes federais. No rosto da mulher em especial. Ela era boa no trabalho. Tinha feito as perguntas com a paciência treinada de alguém que sabia que a maioria das conversas não produzia nada útil, e que seu trabalho era ter as conversas mesmo assim, caso uma delas produzisse.

Pensei no fato de que agora eu tinha sonogado uma informação aos investigadores federais antiterrorismo. Tinha dado a eles o mínimo verdadeiro. Não tinha dito nada falso. Mas tinha mantido no peito o único fato que importava.

Fiquei deitada ali por muito tempo. Não dormi. Do lado de fora da janela, uma sirene passou. Não me levantei para olhar. Rafa se mexeu no sono e pôs o braço sobre minha barriga. Fiquei imóvel até ele se acomodar.

Na manhã seguinte, sem dizer que fazia isso por causa dos agentes, Rafa levou Amanda à escola. Quintas normalmente eram minhas. Ligou da cozinha para o supervisor e disse que chegaria atrasado, depois ficou junto à porta enquanto Amanda amarrava os sapatos, segurando a mochila dela pela alça de cima como se ela tivesse ficado mais pesada durante a noite. Amanda reclamou que ele estava grudado. Ele disse que gostava de ficar grudado. Ela revirou os olhos e deixou que ele levasse a mochila lá para baixo.

Foi um custo pequeno. Uma chegada atrasada, uma manhã rearranjada, um homem decidindo que, já que tinham posto os olhos no apartamento, ele manteria os seus abertos por um dia.

• • •

Depois que Rafa e Amanda saíram, Lia ligou. Era a primeira vez que nos falávamos desde que eu tinha ligado para ela nos primeiros dias do lançamento. A prisão de Renata tinha posto o grupo todo em movimento.

Você teve alguma notícia do Sami desde que a gente se falou? ela disse. Ninguém ouviu falar dele faz anos, e depois da Renata, as pessoas estão ligando para todo mundo.

Ninguém naquele círculo tinha ligado Sami a Atlas Dieter. Ninguém em lugar nenhum tinha. Lia era só uma mulher perto dos quarenta que, depois da nossa conversa e da notícia da prisão, tinha voltado a pensar nas pessoas que conhecera aos vinte e queria saber se estavam bem.

Não tenho notícia nenhuma dele faz anos, eu disse.

Era verdade. Duas vezes agora, em cômodos diferentes, o nome dele tinha ficado suspenso ali, e eu não acrescentei peso a ele.

Metade do grupo tentou o número antigo dele esta semana, Lia disse. Você sabia que agora é de algum motorista? Fernanda ligou na terça e falou com ele. Ele disse que ela era a quarta pessoa a perguntar por um Sami este mês e que, por favor, apagasse aquele número. Coitado.

Fiz um som com formato de riso.

Ela falou por mais um minuto sobre Renata, as mesmas frases do grupo na mesma ordem: o menino morando na casa da avó, a avó levando e buscando na escola, visitas ainda não aprovadas. Escutei com o telefone contra o ouvido.

Se cuida, Lia disse. Você parece cansada.

Estou, eu disse. Vou me cuidar.

Desliguei.

O motorista tinha um nome que eu nunca tive motivo para aprender. A primeira ligação que ele recebeu tinha sido a minha, três dias depois do lançamento, antes de haver qualquer prisão que explicasse a ligação. Sentei à mesa da cozinha e contei meus pontos de exposição do jeito que contava manifestos de carga. A contagem era um. Um número de quinze anos, discado uma vez. Um registro no sistema de uma companhia telefônica. Um homem que tinha meu número salvo, que sabia meu primeiro nome e tinha ouvido minha voz perguntando por ninguém. Eu não tinha dito o nome de Sami naquela ligação. Os outros o disseram naquela semana, aos punhados, preocupados e inofensivos, e suas ligações enterraram a minha como um único caminhão no trânsito. O fio existia. Ninguém vivo tinha motivo para puxá-lo. Eu não ia entregar um segundo.

Fiquei sentada com meu café por muito tempo depois disso. A TV estava desligada. O apartamento estava quieto. Amanda já tinha saído para a escola. Rafa estava no trabalho. Eu conseguia ouvir os canos do prédio, a unidade de ar-condicionado no andar de baixo e um alarme de carro distante. Bebi o café devagar. Fiz uma segunda xícara. Bebi aquela também.

Quando fui para a mesa de despacho naquela manhã, estava cansada de um jeito que eu nunca tinha estado cansada. O cansaço era específico. Eu o sentiria de vez em quando pelo resto da cascata.

Capítulo 4 — A virada Streisand

Semana 3, e dez dias além dela.

Anos depois, quando os memorandos internos daquele mês saíram em uma CPI, aprendemos que uma agente júnior tinha redigido um memorando questionando a designação de terrorismo. Ela tinha lido registros de batidas em um campo de refugiados onde os fabricantes apreendidos imprimiam purificadores de água e tratamentos completos com antibióticos em embalagens lacradas. Tinha redigido o memorando e não o tinha enviado. O memorando, quando acabou vazado, tinha três páginas. Era cuidadosamente formulado. Citava quatro registros específicos de batidas e perguntava se a designação estava alcançando os resultados de segurança para os quais tinha sido escrita. Não propunha um marco substituto. Não citava nomes.

As audiências foram constrangedoras para várias pessoas. Ela não foi uma delas. Não tinha assinado nada. A cópia vazada tinha sido recuperada de um servidor de backup e trazia notas na margem, mas não uma assinatura, o que lhe dava margem para negar de forma plausível que algum dia tivesse terminado o texto.

Li o bastante das transcrições da CPI, anos depois, para saber que tipo de processo tinha sido. Não precisei de mais.

• • •

Uma semana coordenada de batidas internacionais foi anunciada com antecedência e filmada para o noticiário. A coordenação era sem precedentes. Seis países participaram. As coletivas de imprensa foram sincronizadas. As imagens foram editadas e divulgadas por canais oficiais com carimbos de hora e ângulos de câmera corporal, no formato que havia sido padronizado na década anterior para grandes ações antiterrorismo.

Centenas de prisões. Grandes relays p2p apreendidos. Uma foto posada em escala continental.

Assisti aos anúncios no celular, no trem, no caminho para o trabalho de manhã naquela semana. As imagens de manchete eram sempre a mesma

composição: um agente federal de colete diante de uma estrutura de hardware apreendida, com uma bandeira visível em algum ponto do quadro. As composições tinham direção de arte.

Vi no celular as imagens da prisão em São Paulo numa tarde lenta na mesa de despacho. A filmagem era de um armazém na periferia da cidade, em Itaquera, onde uma fornecedora de pequeno porte vinha montando unidades. A fornecedora era uma mulher de cinquenta e poucos anos. Apareceu no noticiário naquela noite com o advogado. Vinha fabricando cento e vinte unidades por semana. As mãos dela tremiam na frente da câmera. O advogado tentava pôr a mão no ombro dela para firmá-la. Ela continuava afastando o ombro.

• • •

Naquela semana, voltando do metrô, passei por uma máquina funcionando na calçada em frente a um bar a dois quarteirões do nosso apartamento. Alguém tinha levado a máquina para fora, colocado sobre uma mesa dobrável e ligado numa extensão que corria para dentro; uma dúzia de pessoas estava em volta dela com cervejas, olhando alguma coisa sair. Ninguém vigiava. Ninguém tinha se posicionado para ver a esquina. O decreto não tinha nem uma semana e previa penas que chegavam a décadas, e as pessoas em volta da mesa tinham a postura de quem assiste a uma partida de futebol. Notei a ausência de medo antes de notar a mulher mais velha ao lado da máquina, segurando os óculos riscados cuja geometria das lentes tinha sido copiada para o arquivo. Quando o ciclo terminou, ela tirou um par novo já completo, com as lentes transparentes curvadas conforme a receita dela. Colocou os óculos, pegou uma garrafa de cerveja da mão do homem ao lado e leu em voz alta as letras miúdas. As pessoas em volta da mesa comemoraram. Passei.

Nas setenta e duas horas seguintes à semana de batidas, a adoção triplicou. Os fabricantes agora imprimiam outros fabricantes.

Os números que saíram depois eram vagos, mas consistentes. Estimativas de contagens de fabricantes domésticos só no Brasil passaram de pouco mais de cem mil para quase dez milhões nos dez dias seguintes à semana internacional de batidas. As organizações de checagem de fatos que mantinham contagens pararam de manter contagens porque os números se atualizavam mais rápido do que podiam ser verificados.

Vendedores de pequeno porte montavam unidades a partir dos planos abertos e as vendiam discretamente em garagens e armazéns. Nos primeiros dias, uma unidade no mercado paralelo custava meses de salário. Antes do fim do mês, custava menos que uma geladeira. Pouco depois, já não custava praticamente nada. Makers comunitários ajudavam vizinhos a montá-las. Quando os decretos federais se tornaram aplicáveis em teoria, as unidades já estavam por toda parte na prática.

Mais difícil de ver, na época, era a resposta institucional se fragmentando por dentro. Juizes de três comarcas do Nordeste do Brasil se recusaram a emitir mandados de busca para fabricantes domésticos por fundamentos técnicos. Um procurador sênior no Rio renunciou e deu uma entrevista que a Folha manteve na capa por dois dias. O aparato federal se manteve unido no topo e desfiou pelas beiradas.

Os decretos federais continuaram em vigor no papel por anos. Na prática, em poucas semanas já não havia como aplicá-los. Os membros das comissões legislativas que os tinham redigido instalaram máquinas domésticas nas próprias cozinhas, como todo mundo. A lacuna entre a lei no papel e a lei na prática foi o território em que o resto da cascata se desdobrou.

• • •

Na sexta-feira depois das batidas, fui à mesa de despacho.

As telas na frente da sala passavam imagens da semana de batidas e do salto de adoção que tinha vindo em seguida. O noticiário rodava mudo, outra vez. O supervisor tinha dado a diretriz de foco na reunião da manhã, em voz baixa, sem elaborar, e o andar tinha obedecido sem comentários.

Trabalhei.

Em algum momento entre dois cancelamentos, pensei na gaveta em Pinheiros. Foi a primeira vez que a colher me veio à cabeça enquanto eu estava na mesa de despacho. Coloquei o pensamento na fila e voltei a trabalhar no painel.

Um punhado de cancelamentos de rota no meu painel naquela manhã não tinha substitutos. Não era catastrófico. O sistema absorveu. Mas a lista de cancelamentos era mais longa do que em qualquer manhã da minha carreira. Notei sem dizer nada. Beto, na baia em frente, também notou. Ele estava mais quieto naquela semana. O cunhado dele vinha indo a reuniões de restrição a

fabricadores e vinha pedindo que Beto fosse junto, e Beto vinha dizendo não, e os pedidos vinham ficando mais insistentes. Ele não tinha me contado isso diretamente. Eu tinha ouvido de outra pessoa. As pequenas piadas vinham rareando havia algum tempo.

Nenhum de nós falou. Trabalhamos a lista de cancelamentos. Rerroteamos o que podia ser rerroteado. Enviamos os e-mails à matriz que não seriam respondidos.

Os memorandos corporativos que saíram naquela semana eram o tipo de memorando corporativo que sai quando a liderança não descobriu o que fazer, mas sente que precisa comunicar. Resiliência. Pivotar. Opcionalidade estratégica. Palavras montadas na ordem que as fazia soar como uma frase sem se comprometer com nada. O supervisor os leu em voz alta para nós nas reuniões da manhã, com sua voz neutra, e nós os recebemos sem comentários.

Foi naquela manhã que o painel de despacho pareceu diferente para mim pela primeira vez. O colapso veio depois.

Interlúdio — Posturas

Todo Estado foi empurrado para a mesma pergunta naquele mês. Não houve dois governos que respondessem da mesma forma, e a maioria das respostas hoje é estudada como material de advertência. O que eu não entendia então era que a resposta importava menos como política do que como postura. Um Estado assustado procura a ferramenta mais próxima da mão. Então a mão se fecha em torno dela.

As posturas tiveram nomes depois: maximalismo, licenciamento, oportunismo, ausência. Na época, eram apenas gestos. Invadir. Autorizar. Apreender. Esperar. Alguns governos encheram unidades de detenção antes de seus ministérios concordarem sobre o que contava como máquina. Alguns escreveram marcos de autorização para dispositivos que não conseguiam localizar. Alguns usaram a palavra nova para listas antigas, inimigos antigos, apetites antigos. Alguns não responderam de modo algum, e as máquinas chegaram antes do Estado.

Os americanos e europeus abriram com receita de licenciamento e chamaram de segurança; Pequim abriu com ordem e chamou de estabilidade. Apreendi a distinção depois. Na época, ambas chegaram à minha vida como papelada, atrasos e categorias de carga que ninguém conseguia definir.

A resposta do próprio Brasil começou, dizem os anexos da CPI, em uma sala onde nenhuma das pessoas que redigiam a resposta tinha lido o manifesto inteiro. O manifesto tinha três parágrafos. Duas das pessoas na sala nunca tinham sido informadas sobre o que o fabricante podia ou não podia fazer. A classificação de terrorismo foi proposta na segunda reunião por um deputado que queria ser visto assumindo uma posição forte, e que tinha recebido, nos quatro dias antes de propô-la, catorze comunicações dos escritórios de assuntos corporativos de grupos industriais e dos setores comerciais de embaixadas estrangeiras. Essas eram só as que tinham perdido o sigilo. Perguntado sob juramento, anos depois, se tinha entendido as implicações da classificação, ele disse que as tinha entendido de modo geral.

O modo geral era o modo que importava. O decreto do Brasil não era o mais duro do mundo, e não era o mais estranho, mas era firme e era nosso.

Transformou tradução em apoio material. Transformou hospedagem em terrorismo. Transformou melhoria em conspiração. Deu à prisão de Renata sua gramática. Deu aos agentes à minha mesa de jantar sua autoridade. Tornou o único fato que eu carregava no peito legalmente radioativo. Senti isso antes de ter linguagem para isso.

Não mantenho nada disso à distância. Uma mulher com quem eu tinha comido bolo de aniversário enfrentava décadas por causa disso, e meu silêncio tinha deixado de ser privado. Mas o padrão é mais fácil de ver daqui: as posturas que cada Estado assumiu naquele primeiro mês endureceram, e, quando as Guerras da Certificação propriamente ditas começaram dois anos depois, ninguém escolhia mais uma posição. Estavam vivendo dentro daquela que tinham assumido quando estavam assustados.

Ato IV — A cascata

Capítulo 1 — A mesa de despacho morre

Semanas 4–10.

Começou numa segunda-feira da quarta semana. Eu estava à minha mesa às sete e meia, como fazia toda segunda-feira havia quinze anos. Àquela hora normalmente já haveria café da máquina da copa, a segunda xícara da manhã. Ninguém tinha passado café naquele dia. Três monitores. O monitor do meio era a fila de manifestos de entrada. O monitor da esquerda era a grade de atribuição. O monitor da direita era dividido entre o cliente de e-mail, o WhatsApp e um painel pequeno que puxava status aduaneiro do sistema federal. Os cancelamentos da sexta-feira anterior não tinham sido substituídos no fim de semana.

A fila mostrava manifestos de Santos mais leves do que deveriam estar. Não por uma quantidade capaz de causar pânico. Não no início. Três contêineres vindos de Shenzhen que eu acompanhava desde a sexta anterior tinham sido liberados pela alfândega, mas dois deles tinham ficado retidos no porto por motivos que o sistema não conseguia explicar. Liguei para Edmilson, nosso despachante aduaneiro em Santos havia nove anos, cujo papagaio a gente conseguia ouvir ao fundo de toda ligação. Ele disse que estava verificando. Liguei de volta vinte minutos depois e disse que não tinha informação. Disse que até o papagaio tinha ficado quieto, o que era incomum. Eu ri da piada.

Na quarta-feira, os manifestos pararam de chegar. Não todos. A cadeia europeia ainda rodava. O transporte rodoviário do interior ainda rodava. As remessas vindas de Shenzhen que tinham sido o grosso do nosso volume de distribuição por todo o tempo em que trabalhei ali não vinham. As telas mostravam ausências nos espaços onde elas deveriam estar. Não eram o tipo de espaço vazio que se preenche em menos de uma hora. Eram espaços que aparecem quando a carga prevista nem sequer saiu da origem. Atualizei a fila de manifestos. A fila se atualizou sozinha. Os espaços continuaram vazios.

Motoristas que eu tinha atribuído a coletas em Santos naquela semana foram reatribuídos a outros trabalhos na manhã de quinta, ficaram sem atribuição à tarde e foram mandados para casa na sexta. As coletas em Santos

não estavam acontecendo. As docas dos armazéns ao lado, que recebiam carga de Santos toda quarta-feira desde antes de eu trabalhar ali, ficaram vazias. As empilhadeiras permaneceram estacionadas. O gerente do pátio veio à minha mesa na tarde de sexta para perguntar se eu sabia quando deveriam esperar a próxima rodada. Eu disse que não sabia. Ele ficou parado à minha mesa por mais dez segundos e então voltou para o pátio com as mãos nos bolsos.

Fui para a cama todas as noites daquela semana com os manifestos vazios do dia seguinte na cabeça. Acordei todas as manhãs esperando que a fila tivesse se preenchido durante a noite. Não se preencheu. Eu ainda não tinha entendido, naquela semana, que assistia ao fim do trabalho que tinha feito por toda a vida adulta. Achei que assistia a uma semana ruim. Eu estava no ofício havia tempo suficiente para saber como era uma semana ruim. Não tinha tempo de ofício suficiente para saber o que era aquilo; ninguém tinha.

• • •

Beto, que sentava na baia em frente, tinha dez anos no ofício e sabia o que uma lista de atribuições vazia significava. Com quinze anos de ofício, eu tinha me recusado a sentir. Ele viu sua lista da tarde cair para nada numa quinta-feira e disse, na voz alta que usava quando queria que o andar o ouvisse, que estava pensando em começar a cuidar de horta. Disse que a mãe da esposa dele o enchia havia anos por causa dos tomates dela. Disse tomates de verdade, do tipo que vem da terra, não aqueles fabricados com que todo mundo de repente estava tão animado. Disse que talvez fosse o universo mandando ele escutar. Disse que esperava que a aposentadoria dele cobrisse sementes de tomate.

O andar riu. Eu ri. Ele riu. Marcelo, que sentava ao lado dele, jogou uma bola de papel na cabeça dele.

Foi a única vez que rimos daquilo.

• • •

A cadeia europeia se foi duas semanas depois. Máquinas, peças automotivas, bens processados, os tipos de itens cujos manifestos de contêiner outrora enchiam três páginas da fila de entrada e que eram carga que ninguém amava, exceto o gerente do armazém que tinha construído a carreira sabendo para onde iam as prensas de estampagem alemãs. Manifestos ligados a Rotterdam

desapareceram da fila de entrada. As telas de despacho mostravam categorias inteiras de carga simplesmente não chegando. Os armazéns ao lado ainda recebiam carga do interior, mas cada vez menos a cada semana.

Ivete estava na baía ao lado desde que eu me entendia ali, cuidando da mesa da Europa. O filho dela tinha jogado na mesma liga de futebol infantil que o sobrinho de Beto. Numa quarta de manhã, ela me mandou uma mensagem que dizia só, *acho que estamos vendo a mesma coisa*. Mandei um coração de volta. Não dissemos mais sobre aquilo naquele dia. Na semana seguinte, tínhamos parado de mandar emojis uma para a outra por completo. As coisas para as quais eles serviam tinham parado de acontecer. Ela veio à minha mesa numa quinta à tarde para perguntar se eu tinha ouvido alguma coisa da matriz. Eu disse que não. Ela disse que vinha ligando toda manhã daquela semana para o despachante de Rotterdam. O despachante disse a ela na quarta que tinha demitido dois de seus três assistentes. Na quinta, demitiu o terceiro. Na sexta, o telefone dele caiu na caixa postal.

• • •

A terceira camada foi o interior. Fábricas em Minas, no Paraná, no próprio estado de São Paulo, cuja carga já estava sendo substituída por fabricação local antes de ser enviada. O transporte rodoviário do interior rareou semana a semana. Motoristas com rotas de uma década começaram a cair do painel de despacho. Seus nomes desapareceram.

Jair me ligou de Santos numa terça-feira da sexta semana. Ele geralmente mandava fotos do cachorro no grupo; naquela manhã tinha mandado uma foto do pátio vazio. Estava no porto. Havia menos navios porta-contêineres enfileirados ao largo do que um mês antes. Ele esperava havia quatro horas por uma coleta que não viria.

Bia, ele disse. Nunca vi este porto tão quieto.

Eu sei, eu disse.

O que você quer que eu faça?

Vai para casa, Jair, eu disse. Não tem nada para você aqui.

Perdi quarenta e sete rotas naquele dia. A mesa de despacho nunca tinha registrado um número assim em um único trimestre, muito menos numa única terça. Anotei o número no meu painel porque era o tipo de número que uma pessoa de logística nota. A grade de atribuição no monitor da esquerda tinha

quarenta e sete linhas a menos quando bati o ponto.

Liguei para outra motorista naquela tarde, Marlene, para quem eu distribuía rotas havia seis anos. Atendeu no primeiro toque. A rota dela de terça era para um depósito de peças em São José dos Campos. O depósito tinha cancelado a coleta na noite anterior. Ela passou a manhã em casa esperando o telefone tocar. Contou que tinha levado o cachorro para uma caminhada longa e aspirado o apartamento. Não sabia o que fazer com o resto da tarde. Eu disse que também não havia coleta no dia seguinte. Ela disse *é, eu sei*, e nos despedimos.

• • •

Na sétima semana, os memorandos tinham passado de falar em resiliência e pivotar para algo mais especificamente delirante. O primeiro desses novos memorandos falava de *soluções logísticas certificadas*, que era uma frase que ninguém no andar tinha ouvido antes e que presumimos que alguém tinha inventado na semana anterior. O memorando seguinte introduziu uma iniciativa em torno de parcerias com consórcios de fabricação de bairro. Henrique leu esse em voz alta para o andar, na voz mais monótona que tinha. Pausou na palavra *consórcios* duas vezes. Explicou, quando terminou, que tinha pausado duas vezes porque tentava entender com o que exatamente deveríamos firmar parceria.

O memorando seguinte, que chegou na terça-feira posterior, mencionava uma força-tarefa interna sobre estratégias de adaptação. A força-tarefa não era descrita. A lista de membros não era dada. As entregas não eram especificadas. O memorando concluía com um parágrafo sobre o orgulho que a empresa sentia de sua gente durante aquele tempo de transição. Henrique não leu esse memorando em voz alta. Mandou para o grupo com um único emoji de foguinho.

Beto não riu do memorando dos consórcios. Tinha parado de rir na semana anterior, numa quarta, quando sua lista da tarde ficou vazia pelo quinto dia seguido. O riso não voltou. Marcelo não jogou uma bola de papel na cabeça dele. O andar ficou quieto pela primeira vez que eu lembrava de vê-lo quieto em horário comercial. Os telefones não tocavam. As telas não piscavam. O zumbido das luzes fluorescentes, que eu nunca tinha notado uma única vez, de repente era o som mais alto da sala.

Beto estava no estacionamento depois do turno, numa noite da oitava semana, fumando de novo depois de ter parado cinco anos antes. Estava encostado no carro. Eu tinha saído atrás dele sem pensar. Ele me ofereceu o maço. Balancei a cabeça. Ele acendeu o segundo no primeiro.

Meu pai, ele disse. Trinta anos neste ofício. Comprou uma casa em Mauá em 2003 com o que juntou dessas rotas. Se aposentou em 2019 com uma pensão que devia cobrir ele e minha mãe pelo resto da vida.

Esperei.

O fundo de pensão do sindicato suspendeu os pagamentos esta semana, ele disse. Sob revisão. O fundo inteiro era dinheiro de frete; todo mundo que contribuía dirigia, despachava ou carregava. Meu pai recebe dele desde 2019. Não sei o que ele vai fazer. Não sei o que dizer para ele.

Sinto muito, Beto.

Ele olhou para mim. Olhou de volta para o cigarro.

Meu cunhado tem ido a uma reunião de restrição aos fabricantes, ele disse. Vem me chamando faz um mês. Eu disse não. Vou semana que vem.

Toma cuidado, eu disse.

Cuidado com o quê, Bia? Minhas rotas sumiram. A pensão do meu pai sumiu. Não sobrou mais nada para proteger.

Terminou o cigarro. Jogou o cigarro no concreto e apagou sob a bota. Foi para casa.

• • •

As demissões foram quietas. Turnos foram cancelados em etapas. O turno da noite primeiro, na oitava semana. Os turnos de fim de semana na semana seguinte. Depois metade dos turnos de dia útil. Depois a outra metade, quatro pessoas de cada vez, às sextas, com um memorando preso ao quadro no dia anterior.

Aprendi a ler o quadro de um jeito novo. Os nomes na lista de demissão estavam sempre em ordem alfabética. A lista sempre era afixada às quatro da tarde nas quintas. Alguém no andar a notava em cinco minutos e o andar se juntava em volta sem falar. Corríamos os olhos pelos nomes. Voltávamos para nossas mesas. Não olhávamos uns para os outros no caminho de volta. As quatro pessoas da lista esvaziavam as mesas imediatamente. Abraçavam a pessoa que sentava ao lado. Saíam pela porta da frente do prédio e não

voltavam.

O andar de despacho foi se esvaziando aos poucos, um a um. A máquina de café da copa deixou de ser reabastecida porque ninguém pedia que fosse. A máquina de lanches foi reposta uma última vez e depois nunca mais. Um trecho de mesas no fundo do andar estava vazio havia três semanas antes de alguém notar; as cadeiras tinham sido empurradas para debaixo das mesas com cuidado no dia em que cada pessoa saiu, e os monitores tinham apagado, e ninguém tinha caminhado até aquela parte do andar desde então. As luzes continuaram acesas porque ninguém tinha dito a ninguém para apagá-las. A sala do supervisor estava vazia no fim da nona semana. Ele não tinha sido demitido. Tinha decidido tirar as férias acumuladas e não voltou.

O gerente da planta desceu ao andar de despacho uma vez nesse período. Ficou no fundo da sala e olhou para nós por um minuto. Não tinha discurso. Não tinha anúncio. Vinha passando e parou na porta. Fez um aceno de cabeça para mim quando fiz contato visual. Foi embora.

O prédio não fechou. Ficou mais quieto, semana a semana, até não haver motivo para ir.

Éramos trinta e um no andar na segunda-feira em que os manifestos de Santos chegaram fracos. Na sexta em que meu cartão parou de funcionar, éramos nove.

• • •

Perdi meu emprego do jeito quieto como demissões de fato acontecem. Meu nome nunca apareceu numa lista de quinta; ninguém me chamou a uma sala. Na manhã de sexta da décima semana, peguei o trem para Osasco e encostei meu crachá no leitor do prédio. O leitor tinha uma luzinha vermelha que acendia quando o cartão não funcionava. Encostei o cartão de novo. A luz vermelha acendeu de novo. Duas pessoas cujos rostos eu conhecia encostaram os cartões atrás de mim e entraram. Parada em frente à porta, conferi o celular: o último pagamento tinha sido depositado durante a noite, com uma carta padrão agradecendo meus quinze anos de serviço. Me surpreendeu um pouco que a empresa ainda tivesse cumprido aquela última obrigação. Olhei a quantia e percebi que, àquela altura, já nem sabia direito quanto ela valia. Mandeí mensagem para Henrique da calçada. Ele desceu vinte minutos depois com as coisas da minha mesa empacotadas em uma sacola e me abraçou. Meu

cartão era um pedaço pequeno de plástico com minha fotografia da primeira semana. Coloquei o cartão na bolsa. Voltei a pé para a estação.

Não chorei no trem. A demissão não me surpreendeu. Sentei na plataforma da estação Osasco e olhei o padrão de azulejos na parede. O padrão era laranja e marrom em retângulos alternados, inalterado desde a primeira vez que usei a estação. Pensei que provavelmente não veria aquele padrão de azulejos de novo. A volta para Pinheiros naquele dia foi a primeira vez em que eu tinha uma tarde de dia útil livre desde os vinte e dois anos.

O vagão estava meio vazio. Eu nunca tinha voltado para casa àquela hora. Três dos assentos à minha frente estavam ocupados por pessoas que, três meses antes, estariam em mesas. Estavam vestidas para trabalhar, indo na direção errada na hora errada. Eu também. Uma delas lia um romance de bolso. Uma assistia a alguma coisa no celular com fones. Uma olhava pela janela para nada.

Rafa também estava em casa mais cedo do que o normal naquela tarde. O escritório dele vinha tendo sua própria versão da mesma semana, a cascata chegando ao setor dele por outros canais. Nenhum de nós fez caso. Ele me abraçou na porta, beijou minha têmpora, não disse nada sobre meu emprego porque não precisava que eu contasse. Me serviu um copo de água. Sentamos à mesa por um minuto sem falar. Então contei. Ele fez que sim. Sabia desde o último memorando, duas semanas antes. Contou que tinha passado a trabalhar quatro dias por semana no próprio escritório ainda no primeiro mês da cascata, e três dias no segundo, e que não quis mencionar nem uma coisa nem outra até as coisas ficarem mais claras. Não disse o que esperava que ficasse mais claro.

Amanda chegou em casa às quatro. A escola tinha dispensado cedo de novo. A carona tinha deixado ela. Ela pôs a mochila no chão. Contou sobre uma briga na turma dela naquele dia envolvendo um estojo roubado. Não notou que nós dois estávamos em casa no meio da tarde. Contou a história e foi para o quarto.

• • •

Beto parou de responder mensagens mais ou menos na mesma época. Mandeí três mensagens nas duas semanas seguintes perguntando como ele estava. Não respondeu. Soube depois por Marcelo, que por dez anos tinha sido o primeiro a saber das notícias de todo mundo naquele andar e agora quase não tinha

ninguém a quem contar, que Beto tinha entrado de vez no movimento de restrição aos fabricantes e começado a aparecer em protestos.

Semanas depois, apareceu num trecho de telejornal, segurando um cartaz em um protesto diante de um galpão de fabricação público em São Bernardo. A legenda sob o vídeo dava o nome dele como Roberto. Ninguém o chamava assim no andar de despacho havia dez anos. O vídeo tinha vinte segundos. Roberto parecia mais magro. Não sorria.

Não o vi pessoalmente de novo.

Capítulo 2 — Pão de terra

De volta à Semana 3.

Já contei como a mesa morreu em linha reta, porque foi assim que ela morreu. O resto estava acontecendo nas mesmas semanas.

O fabricante doméstico estava no canto da nossa cozinha desde a terceira semana da cascata porque Rafa e eu tínhamos decidido, sentados à mesa da cozinha com Amanda fazendo lição de subtração na outra ponta, comprar um instrumento federal de terrorismo.

Não foi assim que Rafa colocou. Rafa disse que um homem do escritório dele tinha uma à venda. O homem tinha usado a primeira máquina para imprimir uma segunda e estava vendendo a primeira. Custa menos que uma geladeira, Rafa disse. Só dinheiro vivo. Sem recibo. Disse que o homem traria no sábado se quiséssemos.

Claro que dinheiro vivo, eu disse.

Rafa olhou para Amanda, que contava nos dedos e fingia não escutar. Baixou a voz.

Todo mundo está fazendo, ele disse.

Dizer que todo mundo faz isso não é defesa jurídica, eu disse.

Eu tinha lido o decreto. Ele também. Pela letra da lei, a própria máquina era um instrumento de terrorismo em massa, mesmo antes de fazer uma coisa inofensiva. A coisa útil era o motivo pelo qual alguém queria uma em primeiro lugar. Era isso que tornava a lei monstruosa e também o que tornava desobedecê-la algo menos simples que coragem.

Discutimos em voz baixa, não sobre o decreto ser razoável, porque nenhum de nós achava que era, mas sobre ser sensato colocar a coisa no apartamento onde nossa filha dormia.

Vamos precisar de coisas, ele disse.

Esse é o dinheiro de emergência, eu disse.

Esta é a emergência, ele disse.

Amanda ergueu os olhos da folha. A gente vai comprar alguma coisa?

Talvez, Rafa disse.

O quê?

Uma máquina pequena, eu disse.

Para quê?

Coisas pequenas, eu disse.

Ela aceitou isso e voltou a contar. As crianças aceitavam o novo objeto no cômodo mais depressa do que os adultos conseguiam decidir o que o cômodo tinha virado.

Na sexta-feira, Rafa sacou da nossa reserva de emergência o suficiente para pagar a máquina. Voltou do banco com as notas num envelope e contou o dinheiro duas vezes à mesa da cozinha. Fiquei olhando ele pôr as notas de volta em ordem.

O colega veio no sábado à tarde com a unidade em uma caixa de papelão. Eu o tinha conhecido uma vez numa coisa de Natal dois anos antes e não lembrava nada dele, exceto que tinha trazido cerveja em uma sacola plástica. Ele pôs a caixa no chão da nossa cozinha. Deixou um cartão sem nome. Disse para não mencionarmos o nome dele a ninguém que perguntasse onde tínhamos comprado a máquina. Tinha feito ele mesmo a calibração da unidade, quando a montou pela primeira vez, na própria cozinha. Tinha jogado fora a colher de calibração. Nunca a vimos.

Rafa pagou com o dinheiro do envelope. O homem contou as notas, dobrou uma vez e pôs no bolso. Depois que saiu, Rafa levou a máquina para o suporte pequeno de madeira contra a parede oposta à geladeira. Fechei as cortinas, o que não significava nada. Eu sabia que não significava nada e as fechei mesmo assim.

Esperamos Amanda dormir para a primeira impressão. A primeira coisa que ela fez para nós foi uma camisa pronta do uniforme escolar de Amanda. Demos à máquina a que estava ficando pequena para servir de molde, junto com as medidas de um escaneamento feito pelo celular naquela tarde. A camisa nova saiu macia e tecida, com os botões e o emblema da escola já no lugar. A lei queria que a máquina parecesse um instrumento de terrorismo. Na nossa cozinha, parecia que estávamos deixando pronta a roupa de Amanda para segunda-feira.

• • •

A unidade era do tamanho de um micro-ondas. A segunda coisa que fez para nós foi uma garrafa lacrada de sabão líquido para roupa, com o líquido lá

dentro no mesmo tom de azul da marca que costumávamos comprar. Imprimíamos comida. Primeiro, arroz e feijão. Depois, leite e óleo de cozinha. Na sexta, deixamos Amanda escolher uma coisa só porque queria. Ela escolheu fatias de manga fora de época.

Olhando para trás, havia muito mais que poderíamos ter pedido à unidade. Ainda não sabíamos pedir.

Na manhã em que fiquei junto ao balcão da cozinha imprimindo cartuchos de nebulizador para minha mãe, já tínhamos cruzado a linha em coisas menores. A unidade tinha se pago muitas vezes.

O design do cartucho veio de Dona Cecília. Ela era a professora de ciências aposentada do nosso quarteirão. Tinha ensinado na escola pública da rua por trinta anos, com ex-alunos espalhados pelo bairro. Fui até ela com o design que eu tinha baixado, porque eu não estava pronta para confiar os pulmões da minha mãe a um design baixado. Cecília pegou o arquivo, leu a especificação à mesa de jantar, ligou para uma fisioterapeuta respiratória no quarteirão ao lado para fazer testes em um nebulizador idêntico ao de Graça e me ligou dois dias depois para dizer que estava bom. Imprimi os cartuchos naquela noite. Eu não teria feito isso sem ela. Onze minutos do insumo ao dispositivo médico funcionando. Em algum ponto desses onze minutos, pensei em Tarik, que tinha passado quatro meses piorando em uma cama de hospital enquanto uma caixa de remédio esperava uma assinatura. A máquina não me pediu uma. Por anos, aquele cartucho nos tinha feito cotar um dispositivo novo de nove mil reais que não podíamos comprar. Agora era um download por Wi-Fi e parte de uma tarde.

Os cartuchos eram peças médicas úteis produzidas no que a lei chamava de instrumento federal de terrorismo. Eu sabia disso. Todo mundo imprimindo em Pinheiros naquela manhã também sabia. O decreto era inaplicável na escala apartamento por apartamento; a matemática nos protegia tanto quanto qualquer outra coisa. Ainda assim, embalei os cartuchos na bolsa com cuidado, entre um caderno e uma camiseta reserva. Ninguém ia perceber a diferença. Ao escondê-los, eu admitia em silêncio, só para mim, o que a máquina tecnicamente era.

Tirei a manhã de folga para ir de Pinheiros ao Butantã. O ônibus estava cheio para uma terça de manhã. O homem no assento ao lado tinha uma peça de fabricante no colo, enrolada em um pano limpo. Eu não olhei para ela. Ele

não olhou para a minha bolsa. Ficamos sentados lado a lado por nove pontos sem falar.

• • •

Graça esperava à porta do apartamento onde eu tinha crescido. Atrás dela, a TV pequena da cozinha passava o noticiário. O apartamento tinha o cheiro de sempre: café, o sabão em pó que ela usava, um leve cheiro de umidade do banheiro que nem deixar as janelas abertas tinha eliminado por completo. Os azulejos da cozinha eram os mesmos amarelos com pequenas flores laranja desde que eu tinha nove anos. O relógio acima do fogão era o mesmo relógio com a borda de plástico rachada desde o ano em que meu pai morreu.

Ela me deixou entrar e fez café enquanto eu trocava o cartucho do nebulizador temperamental que usava desde antes de Amanda nascer. O cartucho novo encaixou no slot como o original deveria encaixar e como as reposições de terceiros nunca tinham encaixado direito. Encaixei até ouvir o clique. O encaixe era bom. A vedação era boa. Testamos o nebulizador com o cartucho novo. Em uma hora, a respiração dela estava mais fácil do que tinha estado a semana inteira.

Está melhor, ela disse.

Não fez caso. Tinha passado vinte anos aprendendo a não fazer caso da própria respiração, porque fazer caso não a mudava.

Sentei diante dela à mesa da cozinha. A cozinha estava quieta. A TV mostrava um político gesticulando para um gráfico que ninguém à mesa lia.

A máquina que pode acabar com o meu trabalho consertou seus pulmões, eu disse, meio para ela e meio para mim mesma.

Sim, ela disse. Nós estamos bem.

Ela dobrava um pano de prato. Continuou dobrando.

Bebi o café. Assisti ao político mudo por um minuto. Ele apontou para uma parte do gráfico e depois para outra e depois para a câmera, e então foi substituído pela previsão do tempo.

• • •

Baixei outro design naquela semana, um purificador de ar doméstico pequeno para a ventilação ruim do apartamento de Graça, e o imprimi na cozinha de Pinheiros, e o levei ao Butantã no sábado seguinte. A unidade era do tamanho

de uma caixa de sapatos. Ligava na tomada. Puxava ar por um cartucho de filtro baseado em um design que tinha ficado duas semanas no caderno de Cecília e que uma química do quarteirão ao lado tinha certificado para uso residencial depois de fazer seus próprios testes no apartamento do filho.

Liguei o aparelho para Graça no canto da cozinha perto da janela. Ele zumbia num tom mais grave que o da geladeira. Dentro da primeira hora, a cozinha cheirava diferente. O cheiro de umidade que eu notava desde os nove anos estava mais ralo. Graça percebeu sem dizer nada. Percebeu pelo pequeno gesto inconsciente de respirar mais fundo enquanto lavava as mãos na pia.

Outra impressão daquela semana era pequena o bastante para caber no bolso de um casaco: um temporizador automático de tratamento para o nebulizador de Graça. Ficava entre o plugue do compressor e a tomada e seguia a programação das sessões regulares prescrita pela médica. Um botão recuado permitia iniciar deliberadamente um tratamento de resgate. O temporizador registrava esses acionamentos à parte.

O nebulizador substituto de nove mil reais que tínhamos passado anos cotando fazia essas coisas. O antigo de Graça tinha um botão de liga e desliga. Cecília tinha conferido os horários e testado o comportamento elétrico do temporizador, mas não quis certificar o controle de tempo do aparelho para uso médico. Só a médica de Graça podia fazer isso. Graça entendeu. Mesmo assim, ligou o temporizador à tomada. O alerta era a voz de Amanda dizendo *Vó, está na hora*. Graça me fez pôr o alerta para tocar duas vezes.

Os dispositivos juntos fizeram uma diferença real. Graça segurou meu braço na porta quando fui embora e disse *fica boa, filha*. Não disse do jeito que costumava dizer. Não dizia assim havia anos.

Pela cidade inteira naquele mês, pessoas da minha idade carregavam peças impressas pela cidade nas bolsas, para pais e mães em apartamentos antigos com eletrodomésticos antigos e pulmões antigos. Nós só sabíamos que nossas mães respiravam melhor.

• • •

Um porão de igreja em algum ponto entre Pinheiros e Butantã, na minha rota habitual, tinha começado a cozinhar a partir de insumo à meia-noite. O porão tinha sido sede de um café da manhã de sábado por vinte anos. A fila dava a volta no quarteirão. A fila era parte fixa da esquina do jeito que o ponto de

ônibus era parte fixa, do jeito que a pequena imagem de santo no nicho da parede da igreja era parte fixa. A fila estava ali desde que eu começara a fazer aquele trajeto para ver Graça.

A fila sumiu em três sábados. O abrigo ainda atendia as pessoas, por razões que nunca tinham sido só café da manhã. Mas as pessoas que antes entravam na fila pelo café da manhã agora podiam fazer café da manhã, e a fila, especificamente, foi o que desapareceu.

A porta do porão estava aberta no terceiro sábado em que passei. Alguns voluntários lá dentro limpavam cadeiras em que ninguém estava sentado. A cozinha cheirava a café. Uma mulher que cuidava da fila havia vinte anos ficou na porta e acenou para mim. Acenei de volta. Ela não parecia infeliz. O trabalho tinha se rearranjado por baixo dela, e ela não sabia bem o que fazer consigo agora.

Aprendemos quais desabastecimentos tinham sido naturais e quais tinham sido apenas arranjados.

• • •

O trajeto vinha mudando de textura havia semanas. Um bar perto do ponto de ônibus tinha cadeiras novas, todas do mesmo design em quatro cores. Um homem atravessou no sinal carregando debaixo do braço um conjunto de roupa de cama impressa, com uma colcha enrolada em volta de lençóis e fronhas dobrados. Duas meninas na esquina usavam as mesmas presilhas de cabelo impressas que tinham aparecido por toda parte em uma semana, de um design cuja origem ninguém sabia. Nada disso pedia para ser notado. Eu notava porque notar o que se movia por uma cidade era como eu tinha ganhado a vida.

Um terreno vazio numa transversal da avenida entre Pinheiros e Butantã. Eu tinha passado a pé por ele por anos. O terreno era cercado por alambrado com uma placa desbotada de uma imobiliária para a qual ninguém jamais tinha ligado. O mato tinha crescido até a cintura dentro da cerca. Uma pilha de entulho de construção de um projeto sem relação ficou no canto dos fundos por todo o tempo em que eu fazia o trajeto.

Na terça à noite estava vazio. Na quarta de manhã, quando passei a caminho de deixar cartuchos com Graça, duas estruturas impressas de um andar estavam nele. O alambrado tinha sido cortado. O entulho tinha sido

separado em pilhas junto ao muro dos fundos, tijolos quebrados e concreto numa, arame enferrujado e plástico rasgado em outra. Juntas, tinham metade do tamanho da pilha de que eu me lembrava. As duas estruturas ficavam sobre a terra limpa, com as paredes impressas ainda pálidas pelo insumo. No fim de semana eram seis. As estruturas não eram impressionantes. Eram obviamente impressas, com emendas entre seções feitas uma por vez por máquinas que cabiam numa cozinha, o equivalente à produção de uma dúzia de fabricantes domésticos, tudo encaixado durante a noite. Na borda inacabada de uma parede, o material isolante claro aparecia dentro dos painéis pequenos, ao lado de canaletas à espera da fiação. Janelas completas, com os vidros já vedados nos caixilhos, tinham sido aparafusadas nas aberturas. As estruturas eram secas, sólidas, fechadas e habitadas.

Uma mulher pendurava roupa num varal esticado entre duas delas quando passei no sábado. Uma criança estava sentada no degrau da terceira com uma tigela de arroz. Um rádio tocava em algum lugar, o mesmo programa matinal que tocava em São Paulo aos sábados desde que eu nasci, a voz do apresentador familiar e um pouco distorcida por uma caixinha de som. O terreno tinha cheiro de insumo quente, de comida e do tipo de poeira que um lugar ganha quando pessoas começam a morar nele. Um homem com um balde impresso e um pincel pintava de azul-claro a parede da quarta estrutura.

• • •

O terreno foi a leilão na semana seguinte. Proprietários em Pinheiros entraram em pânico, depois se organizaram. A dona do terreno, uma holding de que ninguém tinha ouvido falar, apareceu no noticiário ameaçando despejo. A empresa tinha como endereço uma caixa postal num prédio no centro. O diretor apareceu diante de um microfone com um blazer azul-marinho e leu uma declaração preparada sobre respeitar o Estado de direito. Não respondeu a perguntas. Uma casa impressa no terreno teria custado quase nada. Foi ali que enxerguei pela primeira vez a nova aritmética: se a casa já não valia quase nada, todo o valor estava na terra.

Protestos de zoneamento no prédio da prefeitura. Uma pequena multidão diante da prefeitura numa terça com cartazes em português e um em inglês que alguém tinha levado porque imaginou que o noticiário notaria. O noticiário não notou naquele dia. O noticiário estava ocupado com o ministro da

Fazenda, que tinha feito um discurso naquela manhã sobre a posição de caixa federal, que se deteriorava mais rápido do que o noticiário conseguia modelar. A semana em que as estruturas impressas subiram foi a semana em que três mulheres em outra parte da cidade foram expulsas de um terreno que tinham ocupado porque o dono daquele terreno se moveu mais rápido do que o ciclo de notícias sobre o terreno de Pinheiros. Elas moravam ali havia seis dias. Tinham impresso uma pequena cabine de banheiro e trabalhavam numa parede de cozinha quando os oficiais de justiça chegaram.

Capítulo 3 — Confiança no quartirão

Semanas 7–10.

O alarme de fumaça no corredor do nosso prédio disparou às três da manhã de uma quarta-feira. O alarme era um único tom estridente que voltava a cada dois segundos e que eu só tinha ouvido disparar uma vez antes, quatro anos atrás, quando alguém queimou uma panela de feijão em um apartamento quatro andares acima. Acordei Rafa. Ele foi buscar Amanda. Peguei sapatos para nós três e uma garrafa de água no balcão. Descemos as escadas de pijama e chinelo. Outras portas se abriam em todos os andares. Outras pessoas desciam. Uma criança chorava em algum ponto do andar acima do nosso. Um homem carregava um cachorro pequeno debaixo do braço. Uma mulher da minha idade segurava o corrimão da escada com as duas mãos e descia de lado.

O incêndio era no andar abaixo do nosso, no apartamento trinta e dois. Um carregador portátil de celular impresso com uma célula defeituosa, ligado na tomada para recarregar, tinha incendiado a escrivaninha embaixo dele. A fumaça encheu a escada. O corpo de bombeiros chegou em quinze minutos e os caminhões bloquearam a rua. Ninguém se feriu gravemente. Os moradores do apartamento saíram, um casal jovem e o filho adolescente, o filho de camiseta e calça de moletom, os pais de robe. A mãe chorava. O pai tinha uma marca de fuligem em uma bochecha, onde passou no rosto a mão que tinha usado para empurrar uma porta quente.

O quartirão ficou na rua olhando os caminhões. Amanda estava completamente acordada e me fazia perguntas que eu não sabia responder bem às três da manhã. Por que pegou fogo? As pessoas conseguiram pegar as coisas delas? A gente vai ficar bem? Rafa segurava a mão dela. Ajoelhei e respondi às perguntas uma por uma do melhor jeito que pude. Não tinha uma boa resposta para a terceira. Disse a ela que ficaríamos bem naquela noite. Ela aceitou isso.

Ao amanhecer, o apartamento trinta e dois estava isolado com fita. O corredor cheirava a fumaça. Voltamos para cima e sentamos à mesa da cozinha. Nenhum de nós voltou a dormir. Amanda pediu cereal embora ainda

não fossem seis. Rafa fez café. Nós três sentamos à mesa, comemos cereal, bebemos café e vimos o dia nascer pela janela acima da pia.

• • •

O corredor cheirou a fumaça por três dias. O apartamento trinta e dois continuou isolado com a fita. Moradores do quarteirão começaram a perguntar uns aos outros o que vinham imprimindo. Conversas junto ao elevador que antes não aconteciam.

A mulher do apartamento vinte e dois tinha impresso uma chaleira elétrica pequena na semana anterior. Vinha usando toda manhã para o chá. Mencionou isso no elevador na sexta de manhã e olhou para mim como se eu devesse ter uma resposta. Eu não tinha resposta. Disse que a chaleira provavelmente era segura. Eu não sabia se a chaleira provavelmente era segura. Ninguém no quarteirão sabia quais objetos impressos provavelmente eram seguros e quais não eram.

O homem do terceiro andar tinha impresso um ventilador para o quarto onde a sogra dormia. No sábado depois do incêndio, levou o ventilador até a área de reciclagem, ficou ao lado da lixeira com ele por um minuto e o levou de volta para cima. Vi isso de onde eu estava, junto às caixas de correio.

• • •

Uma semana depois. O apartamento doze foi assaltado durante a noite. A proprietária era uma mulher solteira de pouco mais de quarenta anos que trabalhava com publicidade e com quem eu tinha andado de elevador às terças por seis anos. Ela tinha trocado a fechadura da porta de entrada no mês anterior por uma fechadura inteligente impressa para poder dar à diarista um código que só funcionava nas tardes de terça, em vez de deixar uma chave reserva com o porteiro. A máquina tinha feito a fechadura inteira, com o ferrolho de metal e os componentes eletrônicos integrados, e depois carregado o software. O design tinha mil comentários favoráveis e tinha ficado fixado no topo do fórum de segurança por duas semanas. A falha ficava escondida numa sequência de recuperação que nenhum daqueles comentários tinha testado. Uma reinicialização forçada pelos contatos externos de alimentação de emergência permitia que o primeiro celular por perto abrisse a porta. Os ladrões levaram três minutos. Levaram o laptop dela, um relógio que tinha

sido da avó e uma quantia pequena em dinheiro que ela guardava para a diarista. Outro relógio ela podia imprimir. Aquele, não.

Ela estava no saguão na manhã seguinte, em pé com o porteiro e um policial que preenchia um formulário. Na padaria, alguns minutos depois, a mulher que cuidava do caixa me contou; tinha ouvido do porteiro, que atravessou para tomar um café enquanto o policial escrevia.

• • •

Alguns dias depois disso. No apartamento quarenta e três, ao lado, uma conexão de encanamento falhou durante a noite. Uma válvula impressa, vinda de outro fórum, tinha rachado sob pressão. Água pelo teto da cozinha do apartamento trinta e três, embaixo. Pertences estragados. Um piano que estava na família da mulher do apartamento trinta e três havia três gerações ficava encostado na parede diretamente sob o vazamento. O piano não tinha salvação. Ninguém se feriu. O corpo de bombeiros veio de novo, pela segunda vez em duas semanas. O homem responsável pelo reparo hidráulico no andar acima do nosso passou o dia fechando prumadas e cortando o teto.

A conversa na padaria se ampliou. A mulher do caixa começou a anotar os números dos apartamentos conforme os ouvia, em um caderninho que guardava debaixo do balcão. Me mostrou o caderno uma manhã quando eu comprava pão. Os números dos apartamentos ficavam na coluna da esquerda e o tipo de falha na da direita. Incêndio de carregador portátil, violação da fechadura inteligente, rachadura de válvula. Ela já tinha uma quarta linha com um ponto de interrogação ao lado.

• • •

A semana da fechadura inteligente e da válvula também foi a semana das sandálias. Um design de sandália varreu o quarteirão: tiras de cores vivas, solas macias, gratuito em todos os fóruns. Em quatro dias, metade das crianças da rua usava o mesmo par em cores diferentes. A turma inteira de Amanda tinha o mesmo lagarto de brinquedo impresso, trocado na escola numa moeda de variantes de cor; ela chegou em casa com um deles, verde translúcido, e me explicou a hierarquia de raridade no jantar com a seriedade de uma agente aduaneira.

No elevador, o homem do sexto andar deu de ombros para mim,

segurando uma sandália quebrada que tinha durado nove dias no pé do filho: se uma sandália falha, a gente imprime outra sandália. Três dias depois, uma versão revisada apareceu no fórum. Era mais larga onde a tira antiga tinha arreventado. Ele imprimiu aquela versão. O filho passou por mim a caminho da escola usando a nova, com a primeira, que tinha estourado, ainda sobre a mesa junto à porta.

Ninguém consultava uma lista para nada disso. Ainda não havia lista, e quando a lista veio, sandálias e lagartos de brinquedo jamais estariam nela. O medo que atravessou o prédio depois do incêndio era real, e era específico. Grudava nas coisas que pegavam fogo, eram violadas e alagavam tudo. Não grudava em mais nada.

• • •

Na mesma semana. Eu fazia jantar. O bloco principal era um ataque de drones a um comício político em Almaty, os componentes impressos a partir dos designs abertos. Desliguei o fogo e vim até a entrada da sala com o pano de prato ainda na mão. Corpos no chão em uma praça que eu nunca tinha visto, sob uma bandeira azul-clara com um sol que não reconheci de início.

Eu sabia que isso ia acontecer, Rafa disse.

Sim, eu disse.

A âncora informou que havia dezenove mortos e passou adiante. O jantar atrasou. Ninguém disse nada sobre isso.

Naquela noite, não consegui ficar na cama. A respiração de Rafa ficou longa e regular às onze. Levantei um membro de cada vez, do jeito que tinha aprendido, e fui à cozinha sem acender a luz.

A janela sobre a pia estava cinza de luz da cidade. Fiquei parada junto ao balcão com o celular. Disse a mim mesma que estava checando as notícias. Eu procurava os nomes. Sob a fotografia da praça em Almaty, havia dezenove. Li todos. Não conseguia pronunciar a maioria, e os li mesmo assim, linha por linha, sem supor nada, a velha disciplina do manifesto de carga.

Em algum ponto da lista, comecei a dizer a frase dele para mim mesma. Ninguém deveria ter que pedir permissão para continuar vivo. Eu a tinha ouvido diante de uma pia cheia de louça, de um menino com um pano de prato na mão, dita por causa de um primo numa cama de hospital. Tinha sido a coisa mais verdadeira que eu sabia sobre ele. Fiquei à minha própria pia e a disse em

voz alta, baixinho, para a janela, e ela saiu errada. Saiu com dezenove nomes dentro. Nem uma palavra tinha mudado, e ainda era verdadeira, e os mortos cabiam dentro dela sem tocar os lados. Essa era a parte feia.

Chorei na pia. Não há outro jeito de dizer isso, e não vou enfeitar. Foi curto, e não foi baixo o bastante, e abri a torneira para cobrir o som, o que funcionou pior do que funciona nos filmes. Minhas mãos não ficavam paradas. Segurei a borda do balcão até ficarem.

Ninguém acordou. Os canos bateram uma vez em algum lugar abaixo e ficaram quietos. Lavei o rosto na pia da cozinha e sequei com o pano de prato, e depois pus o pano no cesto de roupa, porque não queria vê-lo no gancho de manhã.

Não aconteceu de novo, em todos os meses de que estou falando. Quero isso registrado do jeito que todo o resto aqui está registrado. Uma vez, numa pia, à meia-noite, com a torneira aberta. Então conferi a faixa de luz sob a porta de Amanda e deitei ao lado de Rafa, e ele se virou para mim no sono, e eu deixei.

Na manhã seguinte, as conversas de elevador no quarto-êrão eram diferentes. A mulher do apartamento vinte e dois não me perguntou sobre a chaleira.

• • •

Dona Cecília atendeu telefonemas o fim de semana inteiro depois do vazamento no encanamento. O telefone do apartamento dela, um fixo com fio que ela tinha se recusado a abandonar por trinta anos, tocou da manhã de sábado até a noite de domingo. Ela já vinha fazendo aquilo em silêncio, desde que eu tinha perguntado sobre os cartuchos da minha mãe semanas antes. Depois de mim, outros vieram. Uma mulher do apartamento vinte e dois sobre a chaleira elétrica. Um homem do prédio em frente com um carregador portátil de celular. Um casal jovem sobre um berço impresso. Ela mantinha um caderno na mesa de jantar, com datas, os fóruns de origem de cada design e as próprias observações. Depois do vazamento, parou de mantê-lo privado. Começou uma lista escrita à mão dos designs a imprimir e dos designs a evitar. Prendeu a primeira versão na parede da padaria numa segunda de manhã, dentro de um plástico, perto do caixa onde ficava o cardápio. A lista tinha onze entradas na primeira folha. Cinco estavam marcadas como seguras.

Seis estavam marcadas como não imprimir. As entradas de não imprimir tinham notas curtas ao lado: *racha sob pressão, falha depois de quinze ciclos de carga, reinicialização forçada deixa um estranho no corredor abrir a porta*. Na terça à tarde, três outros vizinhos tinham levado designs adicionais para ela avaliar.

Passei pela padaria na terça e parei para ler a lista. O dono da padaria me viu lendo e fez um aceno de cabeça. Tinha aberto o espaço na parede para ela sem que ninguém pedisse. A lista naquele ponto era uma folha de papel. Cecília a tinha escrito de caneta azul, com sua letra de professora, firme e um pouco antiga. Duas entradas tinham asteriscos ao lado, com notas de rodapé no fim da folha, o tipo de anotação cuidadosa que vem de uma vida inteira corrigindo redações de alunos.

No fim daquela semana, a lista tinha sua primeira entrada que não era um objeto doméstico. Na mesma caneta azul, sublinhada uma vez: *qualquer coisa dos fóruns de armas*.

• • •

Cecília organizou o primeiro dia comunitário de calibração na escola pública onde tinha ensinado por trinta anos. Sábado de manhã. O diretor da escola tinha concordado com aquilo numa quarta à tarde pelo telefone, quando Cecília explicou o que estava propondo em três frases e o diretor disse sim antes que Cecília terminasse. O diretor tinha sido aluno de Cecília nos anos oitenta; o bairro estava cheio deles. A escola tinha sido de Cecília por trinta anos: ela tinha passado a primeira metade desse tempo ensinando Ciências às crianças do fundamental II e a segunda ensinando Física ao ensino médio, o que significava que metade do bairro tinha aprendido com ela a palavra *átomo* e a outra metade tinha aprendido o que era um circuito.

A fila daquela manhã já chegava à esquina às nove. Às dez, passava da esquina. Pessoas que não pisavam na escola havia vinte anos estavam na calçada com seus fabricantes em carrinhos de carga e nos bancos traseiros dos carros. Caio, um engenheiro mecânico perto dos quarenta que Cecília tinha ensinado no ensino médio, coordenava a bancada lá dentro. Tinha sido demitido da empresa de engenharia no mês anterior e tinha trazido duas ferramentas de calibração da oficina de casa. Adriana, enfermeira, tinha uma mesa dobrável no pátio da escola com uma prancheta e triava quais unidades

precisavam da atenção de Caio primeiro. Tinha uma coluna separada na prancheta para impressões médicas; se uma unidade vinha imprimindo dispositivos médicos, essa unidade ia para o começo da fila. Três unidades naquela manhã vinham imprimindo cartuchos de nebulizador. Uma vinha imprimindo componentes de bomba de insulina. Os componentes de bomba de insulina eram a primeira prioridade dela.

• • •

Ajudei porque não havia mais nada a fazer com um sábado. O painel de que eu tinha me afastado na sexta tinha quatro linhas, e eu tinha passado a semana vendo um emprego acabar sem que ninguém me dissesse que estava acabando. Fiquei no portão da escola registrando as pessoas. Não tinha conhecimento técnico. Tinha tempo. Cecília me deixou responsável pela folha de inscrição e pela gestão da fila. A folha de inscrição era uma prancheta com uma grade numerada e duas colunas: nome e o que a unidade vinha imprimindo. Chamei números em ordem. Direcionei pessoas do portão para a mesa dobrável de Adriana. Segurei lugares na fila para pessoas que precisavam ir ao banheiro. Disse a um homem com uma unidade que vinha imprimindo células para baterias que ele ficava no fim da fila, e ele ficou no fim da fila sem discutir. Disse a uma mulher com um componente de bomba de insulina que ela era a primeira, e ela foi primeiro. Na segunda hora, a fila passou a se organizar sozinha. Sabia que tipos de impressão iam primeiro.

Cecília e eu desenvolvemos um jeito de trabalhar juntas ao longo de dois sábados. O segundo foi na manhã seguinte ao dia em que meu cartão de acesso parou de funcionar. Nessa altura não era questão de poucas linhas nem de semana curta. Não havia trabalho nenhum, e uma prancheta era a única coisa que alguém tinha me pedido para segurar em vinte e quatro horas.

Ela não perguntou sobre a mesa de despacho. Perguntou se eu dormia o bastante.

Eu disse que dormia bem.

Ela disse, você não dorme, mas não vou insistir.

Eu ri.

Ela disse, você tem sido gentil comigo. Registre as pessoas.

Registrei as pessoas.

O supermercado duas ruas adiante tinha fechado no segundo mês da cascata, quando os contratos de distribuição pararam de fazer sentido, e tinha ficado escuro atrás das grades desde então. No caminho para casa depois do segundo dia de calibração, vi luz lá dentro. As grades estavam levantadas. As prateleiras tinham sido desmontadas e empilhadas contra a parede dos fundos. O aço delas, cortado em segmentos curtos, enchia caixas de insumo ao lado de uma dúzia de fabricantes domésticos funcionando sobre mesas dobráveis dispostas em círculo na área livre onde antes ficavam os corredores. No meio do círculo, alguma coisa maior tomava forma sobre uma estrutura de escoras impressas.

Um homem que reconheci da fila de calibração me viu à porta e veio até mim, um pouco orgulhoso, e explicou sem que eu perguntasse. As unidades domésticas não conseguiam imprimir uma treliça de telhado em uma peça só, ele disse. Consequiam imprimir as peças de uma máquina que conseguia. As peças esfriando nas mesas eram o pórtico da máquina maior. Uma semana, no máximo, ele disse. As máquinas não dormiam. Então o bairro teria um galpão de fabricação.

Fiquei à porta de um supermercado morto e olhei para um círculo de máquinas fazendo uma máquina, e quinze anos de frete fizeram a aritmética antes que eu decidisse fazê-la. A unidade na nossa cozinha tinha feito outra máquina antes de fazer qualquer coisa para nós; o homem que a vendeu tinha ficado com a cópia. A dúzia de unidades no círculo tinha vindo de uma dúzia de cozinhas. A máquina grande imprimiria treliças, tanques e as peças de outras máquinas grandes. Não havia fim para a cadeia que eu conseguisse encontrar, e eu tinha passado minha vida de trabalho encontrando os fins de cadeias.

Voltei para casa passando por vitrines escuras. Uma tinha um cartaz de papel na janela dizendo FECHADO. Outra tinha um escrito à mão que dizia VOLTAREMOS DIFERENTE.

Capítulo 4 — A colher do vizinho

Semana 10, noite de sábado.

Tarde da noite no segundo sábado de calibração. Eu tinha ficado no portão da escola das oito da manhã às cinco da tarde. As costas doíam. Os pés doíam. Tinha comido o sanduíche que a nora de Cecília levou à escola, bebido café demais, voltado para casa, jantado com Rafa e Amanda, tomado banho. Amanda quis que eu lesse para ela na hora de dormir, e li por quarenta minutos. Rafa tinha adormecido no sofá. Decidi levar eu mesma à lixeira do prédio o lixo que não viraria insumo, em vez de deixá-lo para ele de manhã.

Voltei pelas escadas porque o elevador estava em algum andar alto e eu não estava a fim de esperar. A tinta nas paredes da escada descascava no lado que recebia a luz da manhã pela janelinha entre os andares. Eu normalmente não usava as escadas.

No andar abaixo do nosso, a porta do apartamento trinta e um estava aberta. Música vazava. A música era alta, com o grave metálico de uma canção dos anos oitenta que eu não ouvia havia muito tempo. Vozes saíam para o corredor. Um vizinho que eu mal conhecia, um homem alto de barba que tinha se mudado dois meses antes e que eu tinha cumprimentado com a cabeça no saguão algumas vezes, estava diante de um fabricante novíssimo lá dentro, demonstrando a máquina para amigos.

Parei do lado de fora da porta aberta. Não tinha motivo para parar. Parei mesmo assim. A luz do corredor estava num temporizador que ia desligar em cerca de noventa segundos. Fiquei parada na luz e olhei para dentro pela porta aberta sem me mover.

• • •

O fabricante zumbia. O vizinho tinha acabado de ligá-lo. A primeira execução de qualquer unidade era a impressão de calibração, o ciclo breve que toda máquina fazia na primeira inicialização antes de poder receber qualquer pedido. Reconheci o zumbido de funcionamento. A minha fazia o mesmo som quando imprimia. Depois de um minuto, o ciclo terminou. Eu tinha chegado

no fim dele. A tampa se abriu. O vizinho enfiou a mão. Tirou uma colher de chá. Ergueu a colher para os amigos reunidos em volta.

Eu conseguia ver a colher claramente do corredor. A cozinha do apartamento trinta e um era aberta para a entrada. O vizinho estava de pé sob a luz da cozinha. Virou a colher na mão para a pequena plateia, do jeito que um homem na própria festa vira uma coisa que acabou de fazer.

Ligeiramente assimétrica. Levemente irregular na concha, fosca onde uma colher de produção em massa seria polida. Eu não precisava ver a borda para saber onde estava a lasca. Meu polegar sabia.

Claro.

Todo fabricante montado a partir daqueles arquivos imprimia essa coisa primeiro.

• • •

Eu sabia disso desde o tópico do fórum; a postagem fixada dizia isso, assim como os dois mil comentários abaixo dela. A original estava na minha gaveta lá em cima, no canto de trás à esquerda, sob um pano dobrado. A cópia que tinha acabado de sair da máquina no andar de baixo tinha a mesma forma, a mesma lasca, as mesmas proporções. Era a colher de chá na minha gaveta. A concha da original tinha empenado meio milímetro de um lado enquanto esfriava; a lasca tinha se soltado quando Sami puxou a impressão da mesa de impressão. Ele deve ter xingado em árabe, depois rido. Meses depois, escaneou a colher para calibração, lasca e empeno e tudo, e desde então os dois reapareciam em cada cópia.

Durante todo aquele tempo, eu nunca tinha ficado perto de uma delas. Berlim era uma abstração, e Mumbai, e os laboratórios que tinham fotografado as primeiras impressões para registro. O andar abaixo do meu não era. Alguma parte não examinada de mim tinha mantido as cópias àquela distância, e por isso a lasca tinha continuado sendo o que sempre foi para mim: particular.

O vizinho entregou a colher a um amigo na inauguração do apartamento. O amigo a ergueu, riu da irregularidade fosca, colocou no balcão e esqueceu.

A luz do corredor se apagou. A luz da porta aberta do apartamento trinta e um caiu sobre meus pés.

Interlúdio — Livros-caixa

Da mesa de despacho, assisti minhas próprias rotas morrerem, e contei essa parte. O que eu não conseguia ler então eram os papéis que tornavam aquelas rotas maiores do que pareciam da minha cadeira. Anos depois, quando os documentos protocolados, atas e memorandos do Tesouro se tornaram públicos, aprendi a que meu painel vazio estava preso. Uma rota não era só uma rota. Era receita esperada, garantia empenhada, folha de pagamento, arrecadação de imposto, aluguel de armazém, premissa atuarial de um fundo de pensão, projeção trimestral. Era uma linha no livro-caixa de outra pessoa.

Uma rede varejista com quatro mil lojas entrou com pedido de proteção emergencial em um documento que listava, entre as causas, *uma queda sustentada e sem precedentes na necessidade do consumidor*. Não demanda. Necessidade. Demanda era uma coisa que economistas sabiam modelar. Necessidade deveria estar debaixo da demanda, mais antiga que o preço, mais confiável que a moda. O pedido dizia, na linguagem limpa do sufoco corporativo, que as pessoas tinham parado de precisar de prateleiras.

Fundos de pensão vieram em seguida nos papéis que li, embora, para famílias como a de Beto, os efeitos tivessem chegado antes, de forma mais imediata. O fundo que cobria o pai dele realizou a primeira reunião trimestral depois da cascata em uma sala de conferência feita para quarenta conselheiros; a ata registra que noventa e uma pessoas compareceram e que a reunião foi encerrada cedo para revisão jurídica. O fundo não tinha comprado caminhões, exatamente. Tinha comprado os ganhos futuros de caminhões, armazéns, fábricas, redes varejistas, contratos de combustível, cronogramas de contêineres, fornecedores de manutenção, prêmios de seguro, tudo reunido em produtos financeiros que tinham parecido conservadores porque a civilização continuava encomendando coisas de longe.

Então os ativos de papel descobriram para que tinham sido papel. Armazéns tinham sido avaliados como lugares por onde mercadorias passariam para sempre. Frotas de caminhões tinham sido financiadas com rotas como garantia, rotas que já não existiam. Contratos de locação comercial tinham sido assinados com base na premissa de que objetos ainda exigiriam

espaços cheios de prateleiras em bairros caros. Contratos de estoque prometiam entrega de bens cujos designs substitutos já se moviam pelos fóruns. Balanços registravam tudo isso por valores que tinham feito sentido na velha física. Os livros-caixa não se tornaram falsos de uma vez. Se tornaram históricos.

Governos recorreram aos próprios tesouros para resgate e descobriram que os tesouros estavam rio abaixo de tudo que tinha acabado de parar. Impostos sobre vendas de bens que ninguém comprava. Tarifas de importação sobre importações que não chegavam. Contribuições sobre folha vindas de turnos que tinham sido cancelados. Impostos corporativos de empresas cujos lucros tinham virado baixas contábeis e linguagem de reestruturação. Um memorando do Tesouro daquele inverno, divulgado anos depois com metade dos números tarjada, usava a expressão *incerteza no timing da receita*. Significava que o dinheiro não viria quando o Estado tinha planejado gastá-lo, e o Estado tinha planejado gastá-lo em tudo.

Os economistas acabaram chamando aquele inverno de Quebra Silenciosa, e o nome está certo. Não houve corretores saltando, nem pânico de cinejornal. Houve documentos protocolados, atas, projeções revisadas, cartas de fundos de pensão, avisos de queda de arrecadação, revisões jurídicas, notas de rodapé. Houve um longo suspiro, suave e mundial: o som do capital percebendo que tinha sido o preço da distância, e que a distância tinha acabado. Eu não sabia nenhum dos números então. Sabia que meu prédio tinha apagado, que minha mãe conseguia respirar, e que ambos tinham a mesma causa. O livro-caixa eu só aprendi a ler depois. Cada linha dele era a terça-feira de alguém.

Ato V — A mensagem

Capítulo 1 — O arquivo chega

Semana 11, segunda-feira.

Acordei mais tarde do que deveria, na segunda-feira depois da noite da festa do vizinho. Rafa já estava de sapatos; era um dos três dias úteis em que ainda ia ao escritório. Amanda se arrumava para a escola. A casa funcionava ao meu redor. Atravessei a manhã com a noite ainda em mim: a porta aberta no andar de baixo, a colher saindo da máquina, a luz automática do corredor se apagando enquanto a festa continuava. Meu polegar reconheceu a lasca quando peguei a xícara de café. Reconheceu de novo quando amarrei o sapato de Amanda.

O lanche de Amanda estava pronto na geladeira, impresso na noite anterior: um sanduíche de presunto, uma maçã, um potinho de palitos de cenoura que ela não comeria, uma caixinha de suco. Coloquei tudo na mesma bolsa térmica que usava havia três anos. Pensei em imprimir uma nova mais tarde. Bebi uma xícara de café com Rafa à mesa. Ele perguntou se eu tinha dormido. Eu disse que sim. Ele disse que eu parecia cansada mesmo assim. Eu disse que estava. Apertou meu ombro no caminho para a porta. Saiu para o trabalho. Amanda saiu para a escola com a mochila duas vezes maior que o tronco, com a reclamação habitual sobre o peso. O apartamento ficou quieto.

Sentei à mesa da cozinha por dez minutos depois que os dois se foram. O fabricante zumbia fraco no canto, terminando um ciclo noturno em um jogo de lençóis de algodão, tecidos nas medidas do nosso colchão e dobrados num volume compacto dentro da câmara. A luz da janela acima da pia caía sobre a mesa. À luz do dia, a cozinha era só uma cozinha.

• • •

Meio da manhã. Eu estava sozinha no apartamento. Uma notificação apareceu no laptop, uma pequena faixa no canto da tela, do tipo que eu tinha parado de ler por reflexo em algum momento da década anterior. Dei uma olhada e já ia dispensá-la quando li a origem. Uma pasta em uma conta de nuvem compartilhada antiga, em um serviço em que eu não pensava desde que migrei

meus arquivos para fora dele. Havia nela um arquivo novo que não estava lá no dia anterior. O nome do arquivo tinha quatro palavras, unidas por sublinhados, em minúsculas, como ele escrevia tudo: `desta_vez_vai_aguentar`. Era o que ele dizia toda vez que se ajoelhava debaixo da pia do Rio Pequeno com um rolo de fita e uma chave inglesa emprestada, durante os dois anos em que o vazamento sobreviveu a todo conserto. Ele dizia do jeito que engenheiros dizem coisas que querem que sejam verdade. Eu não pensava na frase desde o próprio apartamento.

Sentei à mesa da cozinha e li o nome do arquivo três vezes.

Os logs de acesso recente da pasta estavam vazios. O arquivo tinha acabado de aparecer. A data de modificação era daquela manhã, às quatro e três. Eu estava dormindo às quatro e três. Não tinha colocado o arquivo ali.

Aquilo tinha ficado esperando, eu pensaria muito mais tarde. Ele tinha deixado tudo preparado antes de desaparecer. Tinha configurado uma liberação programada, ou uma condição de gatilho, ou um pequeno script em algum servidor, em algum lugar, que vinha esperando sabe-se lá por quanto tempo e disparou naquela manhã. Não havia ninguém vivo na outra ponta. Naquele momento, eu não precisava saber qual era o mecanismo.

Do que eu precisava era da contagem. Estava em um, e esse ponto tinha sido meu: uma ligação que eu tinha feito na primeira semana, para um número que já tinha deixado de ser dele. Agora estava em dois: uma conta com o nome de nós dois no compartilhamento, dormente havia quinze anos até aquela manhã. Uma empresa guardava esse registro, e uma empresa podia ser intimada. Isso eu não tinha escolhido. Mesmo assim, abri o arquivo.

• • •

O arquivo era um design de fabricação, no formato usado por todo fabricante montado a partir do lançamento. Seus metadados não tinham autor nem identificador de máquina. Todas as assinaturas padrão tinham sido removidas, exceto o próprio design.

Abri o arquivo no fabricante doméstico que tínhamos instalado no canto da cozinha semanas antes, a mesma unidade que tinha feito o temporizador automático de tratamento para o nebulizador de Graça. A unidade aceitou o arquivo. A prévia mostrava um objeto pequeno que de início não reconheci. Girei o objeto na tela. Girei de novo. Iniciei a impressão. Sentei à mesa

enquanto ela rodava e observei a máquina sem me mexer.

O objeto que saiu era pequeno e ainda quente da mesa de impressão. Uma conexão de válvula hidráulica, em plástico branco, cuja forma e tamanho específicos não teriam significado nada para alguém que não tivesse passado dois anos no apartamento do Rio Pequeno com uma tigela debaixo da pia da cozinha.

Fiquei olhando para ela por um minuto inteiro antes de me dar conta do que era.

O vazamento. A tigela. A válvula que o dono do apartamento continuava prometendo que voltaria ao estoque. O fabricante tinha parado de fazê-la. O dono do apartamento tinha parado de procurá-la. Passamos a esvaziar a tigela como parte de uma rotina que durou o resto do nosso tempo naquele apartamento. A tigela virou parte da cozinha, como o balcão lascado.

Sami a tinha reconstruído, quinze anos depois, e me enviado. A coisa que nenhum fornecedor em São Paulo conseguia encontrar para nós em 2010 estava na minha mão dezenove minutos depois que abri o arquivo.

Segurei a peça. Minhas mãos tremiam. Coloquei na mesa da cozinha.

Capítulo 2 — Ficar com aquilo

Semana 11, segunda e terça-feira.

Fiquei sentada à mesa da cozinha com o objeto impresso à minha frente. O mundo não parou. Sirenes lá fora na avenida, um som recorrente naquela semana, relacionado a fabricantes ou não. A máquina do vizinho zumbindo fraco através do piso, e por baixo dela, de duas ruas adiante quando o trânsito afinava, o som mais grave do supermercado, o círculo de máquinas reunidas que vinha rodando em turnos havia dias, imprimindo as peças da máquina que imprimiria treliças de telhado. Alertas de notícia chegando ao celular que eu não peguei. Uma mensagem de Dona Cecília sobre um design de panela de pressão impressa cuja trava da tampa tinha cedido sob pressão, uma nova adição à lista de *não imprimir*. Uma versão reforçada já estava na bancada de Caio, mas ainda não tinha passado nos testes de pressão. *Por favor, compartilhe*. Li o suficiente para entender que não era urgente e pus o telefone com a tela para baixo. No corredor, as crianças do vizinho passaram correndo com a segunda versão das sandálias impressas que toda criança do prédio usava naquele mês. Os primeiros pares, com as tiras arrebitadas, tinham sumido, o material deles agora sob os pés das crianças. As solas novas bateram no piso. O prédio seguindo sua manhã.

• • •

O que veio não foi arrependimento. Procurei por ele, como quem passa a língua num dente dolorido. Também não era saudade, e não era despedida. Era uma música da faculdade voltando no rádio depois de anos fora do ar: uma parte de uma vida voltando a ganhar nitidez por um dia, em fragmentos.

A lasca na borda da colher pegando no meu polegar numa manhã comum daquele apartamento: atrasada para a aula, o chá quente demais, o pequeno entalhe passando sob meu polegar como uma rachadura familiar na calçada sob um sapato. A lasca tinha pegado no meu polegar por anos antes de significar alguma coisa. Foi essa a parte que subiu agora. Todo aquele tempo, a colher tinha sido apenas uma colher, e os anos de apenas uma colher de

repente tinham um peso próprio.

O corredor do hospital na primavera do meu último ano na FEA. A qualidade fluorescente específica daquela luz, que não existe em mais lugar nenhum. Luz com o calor filtrado de propósito, para que nada nela possa parecer mais suave. A cadeira de plástico com uma rachadura na beira do assento que mordida minha perna toda vez que eu me mexia, de modo que aprendi a não me mexer e atravesssei a noite me obrigando a ficar imóvel. O relógio acima do posto de enfermagem avançando um minuto de cada vez. O copo de café fraco à uma da manhã que bebi porque segurá-lo dava uma tarefa às minhas mãos. Eu tinha vinte e dois anos e estava furiosa, fazendo aritmética com os minutos. Sami tinha passado a mesma noite na bancada, sempre a vinte minutos de terminar.

E a tigela. A percussão lenta das gotas enchendo a tigela sob a pia à noite, o gotejar que fazia parte do apartamento havia tanto tempo quanto o balcão lascado, um som que eu tinha parado de notar menos de uma semana depois de nos mudarmos e conseguia ouvir de novo agora, na minha própria cozinha, quinze anos e um casamento depois, com a válvula branca à minha frente na mesa. A pequena peça exata de plástico que teria encerrado o som chegou tarde demais para a pia e na hora certa para o que quer que aquilo fosse.

Aquilo ficou simplesmente presente durante aquele dia, como o clima.

• • •

Fiz um levantamento do que eu de fato tinha. Não como defesa. Como inventário, porque inventário era como eu tinha sido treinada a pensar.

Rafa, que ficou. Que estava cansado havia dois meses e nem uma vez tinha levado o cansaço à mesa como queixa. Que tinha aprendido a cozinhar três pratos no primeiro ano de vida de Amanda e ainda os alternava com a seriedade de um homem fazendo manutenção de equipamento. Amanda, que dormia no quarto do fim do corredor havia oito anos, e para quem os objetos impressos do novo mundo não eram o novo mundo. Eram só o mundo. A carreira de operadora de despacho que tinha virado uma carreira de verdade antes de acabar, uma vida de trabalho de saber onde as coisas estavam e quando chegariam, construída a partir de um primeiro emprego que eu aceitei aos vinte e dois em parte porque ficava longe do apartamento que eu estava deixando. Graça no Butantã, respirando como não respirava havia vinte anos.

O apartamento em Pinheiros, que tinha sido um aperto para nós quando Amanda era pequena e que aos poucos deixou de ser aperto e começou a ser casa.

Eu não era infeliz. Não estava esperando. Quero ser precisa: a mensagem não chegou a uma ausência. Chegou a uma casa cheia. Não me pediu nada.

• • •

Fim da tarde. Amanda chegou da escola. Entrou disparada na cozinha querendo suco. Viu o objeto impresso na mesa.

O que é isso? ela disse.

Uma peça para uma coisa que talvez eu conserte, eu disse.

Ela o pegou e virou nas mãos enquanto eu servia o suco. Perdeu o interesse em cinco segundos. Pôs de volta na mesa e correu para o quarto com o copo ainda inclinado na mão.

Fiquei junto ao balcão vendo a porta do quarto dela fechar. Ela tinha um lagarto impresso na escrivaninha, três camisas do uniforme feitas nas medidas dela na gaveta, dois livros impressos ao lado da cama e, junto à porta, sapatos feitos sob medida a partir de um escaneamento dos pés. Objetos saíam de máquinas; era para isso que máquinas serviam. A válvula era o objeto menos interessante do apartamento.

• • •

Rafa voltou do trabalho cansado, do mesmo jeito que vinha voltando nas semanas da cascata. O escritório dele tinha sua própria versão das demissões e dos dias quietos. Rafa tinha passado para uma semana de quatro dias no primeiro mês e para uma de três no segundo. Entrou pela porta às cinco e meia, pendurou a mochila no gancho e veio à cozinha pegar água. Viu o pequeno objeto impresso na mesa da cozinha.

O que é isso? ele disse.

Uma coisa que baixei.

Ele o pegou. Ergueu a peça para a luz da janela e semicerrou os olhos, do jeito que semicerrava os olhos para um fusível ou um saca-rolhas: um homem estabelecendo o que uma coisa era e se era problema dele. Virou uma vez. Tinha manuseado objetos impressos suficientes nos últimos dois meses para saber aproximadamente que tipo de coisa segurava.

Uma válvula hidráulica, ele disse.

Talvez eu conserte a torneira da área de serviço, eu disse.

Ele olhou para a área de serviço. A torneira ali nunca tinha vazado. Se tivesse vazado, ele teria sabido antes que eu baixasse qualquer coisa; vazamentos eram o tipo de problema doméstico que Rafa ouvia através das paredes. Voltou a olhar para a válvula e então a pousou com mais cuidado do que a tinha pegado.

Fez que sim. Encheu um copo de água. Bebeu em pé no balcão. Me beijou no alto da cabeça. Perguntou se eu estava bem.

Eu disse que sim.

A conversa toda durou dois minutos. Ele não insistiu. Não perguntou de qual fórum eu tinha baixado o design. Deixou passar.

Foi fazer o jantar.

• • •

Noite. Amanda e Rafa jantaram na sala enquanto assistiam a desenhos. O desenho era brasileiro, com uma boneca falante e uma bruxa com cara de jacaré. Amanda assistia àquele desenho havia três anos e já o conhecia de cor, a ponto de acompanhar as falas com os lábios. Rafa tinha um prato no colo. Amanda tinha um prato na almofada ao lado. Sentei com eles por um tempo, Amanda entre nós, o desenho em volume alto, o braço de Rafa no encosto do sofá. O objeto impresso continuou na mesa da cozinha.

Disse a eles que já voltava. Não perceberam que eu saí.

Eu estava sozinha na cozinha. Fui até a gaveta onde a colher original morava. Fiquei em frente a ela. A gaveta era a segunda de cima para baixo, à esquerda da pia. Tinha um puxador pequeno e frouxo que eu vinha querendo apertar havia um ano.

Queria colocar o objeto impresso ao lado da colher, lado a lado, ambos na gaveta. Não fiz isso naquela noite. Não saberia dizer por quê. De manhã eu o levaria para a prateleira alta acima dos armários, onde Amanda não alcançava.

Deixei a gaveta fechada.

Interlúdio — Silêncio

O mundo não sabia que um arquivo tinha chegado a uma cozinha em Pinheiros, e seguiu em frente como quem não sabe.

Nos dias depois da válvula, o noticiário já tinha mudado quatro ou cinco vezes, mas a maior parte do que chegou a mim veio do quarteirão. O galpão do supermercado duas ruas adiante terminou sua máquina grande, e as pessoas aplaudiram na rua quando a primeira peça de treliça de telhado saiu. A lista de Cecília ganhou mais uma folha. Tinha ido de uma folha a quatro em um mês, e ninguém tinha pedido nada disso a ela. As sirenes na avenida soaram em algumas noites e em outras não. Ouvi tudo à distância, como se as paredes do apartamento tivessem engrossado.

Atravessei aqueles dias um passo atrás de mim mesma, do jeito que a gente atravessa a semana depois de um funeral ou de um nascimento: presente, funcional, ligeiramente ao lado de mim mesma. Fiz os lanches de Amanda. Respondi a Rafa quando ele fazia perguntas comuns. Não abri a gaveta. No sábado, voltei ao portão da escola porque Cecília tinha pedido, e porque dizer sim era mais fácil do que explicar por que o não teria sido a resposta mais verdadeira.

A prancheta era o mesmo tipo de objeto que a válvula. Eu não teria dito isso então. Era pequena, prática, ridícula se alguém tentasse fazê-la suportar peso simbólico. Era só uma chapa de fibra e papel, um lápis emprestado preso num barbante, meu polegar segurando a folha de cima quando o vento passava pelo portão. Pessoas me diziam nomes, números de apartamento, usos. Eu copiava o que conseguia, mal no começo e depois melhor. Quando Cecília ou Adriana olhavam e levantavam a mão, eu encontrava quem elas indicavam e encaminhava essa pessoa para onde precisava ir. A maior parte da manhã parecia menos trabalho do que ficar de pé.

Achei que eu estava passando o tempo. Essa é a simplicidade constrangedora da coisa. Eu dizia a mim mesma que estava só entre um emprego e outro, dormindo um pouco mal. Segurava uma prancheta porque dava às minhas mãos alguma coisa para fazer, e porque a pessoa que sabia o que era seguro precisava de outra pessoa para administrar a fila. Ninguém em

pé no portão da escola achava que uma instituição estava começando. Ninguém teria usado a palavra economia. Tentávamos garantir que as coisas que podiam machucar alguém fossem vistas antes das coisas que apenas irritavam alguém. Era só isso.

Eu não sabia que os nomes importariam. A folha de Cecília na parede da padaria, as anotações que Adriana fazia à mesa, os nomes que eu copiava, as capas plásticas ao lado do cardápio, o hábito de sábado de deixar respiração e pressão interromperem a ordem comum. Tudo aquilo virou uma instituição com um nome dentro dela.

Os livros de história agora a chamam de Rede das Listas. Dão a ela uma data de fundação, e a data está errada por três semanas. Contam a partir do primeiro estatuto impresso, não de uma folha escrita à mão colocada na parede, dentro de uma capa plástica, ao lado de um cardápio, ou de uma prancheta equilibrada contra uma grade de metal no portão de uma escola enquanto uma mulher que acreditava estar apenas preenchendo um sábado vazio anotava o que as pessoas precisavam que outra pessoa atestasse.

Eu trabalharia dentro de alguma versão daquela instituição por muito tempo. Essa não é a parte da história que estou contando.

Os dias passaram. A gaveta continuou fechada. O mundo, que não tinha parado pela mensagem, também não parou pelo meu silêncio, e havia um tipo de misericórdia nisso. Na quarta-feira, calcei os sapatos e saí.

Ato VI — A lei na velocidade humana

Capítulo 1 — O Estado perde o compasso

Semana 12, quarta-feira.

Dias tinham se passado desde que o arquivo chegou. Numa quarta-feira, no meio da manhã, saí para o tipo de caminhada que não tem propósito. Antes, àquela hora, eu estaria na mesa de despacho em Osasco. A mesa de despacho não estava mais lá. A mesa estava lá. O trabalho não.

Pinheiros parecia Pinheiros até a gente olhar o que a rua vestia. As árvores eram as mesmas. O ladrilho rachado na esquina onde o toldo da padaria encontrava o prédio era o mesmo. A luz àquela hora caía do jeito que sempre caía naquele trecho de calçada na primavera. Mas a papelaria ao lado da farmácia estava com as prateleiras esvaziadas e um cartaz escrito à mão na vitrine oferecendo arquivos de design e insumo por quilo. No ponto de ônibus, praticamente todas as pessoas esperando usavam alguma coisa que eu sabia ter sido impressa. A trama da jaqueta de uma mulher mudava nos cotovelos e sob os braços. O sapato esquerdo de um menino tinha sido feito mais alto que o direito. Um adolescente passou com um rádio impresso volumoso preso à mochila, a carcaça sem emendas ao redor dos controles, música saindo dele do jeito que música sempre soou.

A rua soava diferente por baixo. Menos motor de caminhão. Menos moto de entregador. Alguma coisa sob o trânsito tinha rareado, embora eu não tenha parado para nomeá-la.

• • •

Num banco perto da Praça Benedito Calixto, li notícias no celular. O ministro da Indústria e Comércio tinha dado uma coletiva naquela manhã anunciando a proibição de máquinas não certificadas. Ficou em pé atrás de um púlpito de madeira clara com o selo federal na frente. Falou por catorze minutos. O texto legal da proibição estava sendo publicado no site do governo enquanto ele falava.

Proibir máquinas não certificadas é admitir que uma máquina certificada é legal, e nunca tinha sido criado nenhum órgão para certificar coisa alguma, e o

decreto que fazia de toda máquina um instrumento de terrorismo em massa continuava valendo, e ninguém no púlpito mencionou nada disso.

Quando li a matéria, o design do púlpito já estava em um fórum. Em menos de uma hora, três mil púlpitos brancos em miniatura tinham sido impressos pelo país. Fotos de pequenos púlpitos apareceram no meu feed: nos cantos de prédios públicos, nas recepções de ministérios federais, em salas de correspondência e pontos de ônibus. Alguém tinha impresso um e colocado na boca de um leão de pedra na entrada de uma biblioteca estadual em Belo Horizonte. Outra pessoa tinha colado um sob o assento de um ônibus em Recife, onde foi fotografado por uma passageira confusa.

O gabinete do ministro da Indústria e Comércio não emitiu outra declaração naquele dia.

• • •

Mais abaixo na mesma tela, notícias menores. Agentes de fronteira em Guarulhos apreendiam peças de fabricante trazidas por viajantes que chegavam. As apreensões davam no jornal da noite. O fato de que os mesmos designs podiam ser baixados de qualquer celular na área de desembarque, não. Um adolescente de Lisboa tinha chegado com um livro impresso de capa comum, um cartão microSD selado na lombada. No cartão estava um dos designs abertos que os ministérios mais queriam ver sumir. O agente aduaneiro pegou o livro e deixou o adolescente passar. O adolescente tinha memorizado o hash mesmo assim.

A arrecadação tributária desabava segundo padrões para os quais ninguém na televisão tinha modelo. Os impostos sobre a venda de bens domésticos comuns estavam desaparecendo. A matéria expressava a queda das importações com quatro algarismos significativos, dos quais não retive nenhum. Duas grandes corporações tinham pedido assistência emergencial ao governo federal e recebido de um secretário-executivo do ministério, falando em off a um repórter, a resposta de que o governo não tinha caixa disponível para ajudar ninguém.

As autoridades estavam assustadas. Dependendo da cidade e do uniforme, o medo se manifestava de forma brutal, humana ou simplesmente lenta.

Li mais abaixo. A caça federal a Atlas Dieter não era a manchete principal havia algum tempo. Continuava em andamento. Já não era anunciada. Os agentes que lideravam a força-tarefa tinham sido realocados para outras prioridades. Um assessor de imprensa entrevistado para uma reportagem especial disse que o assunto permanecia aberto. A matéria saiu na página nove.

Mais abaixo na mesma página, quatro linhas: o pedido de habeas corpus de Renata tinha sido negado. O decreto que a mantinha presa não era usado contra mais ninguém havia semanas.

O mundo tinha outras coisas demais a que reagir.

Li isso no banco da Praça Benedito Calixto e senti um peso pequeno e específico sair dos meus ombros que mais ninguém naquele banco teria entendido. A caça tinha se dispersado entre cem emergências mais barulhentas, e o homem que tinha construído a máquina não seria encontrado por aquela versão da caça.

Fiquei sentada por mais dez minutos. Um pombo passou andando perto do meu pé. Uma mulher do outro lado da praça ensinava uma criança pequena a andar de patinete. A criança se atrapalhava do jeito alegre como crianças pequenas se atrapalham com patinetes. A mãe ria.

O ministro de qualquer ministério podia falar de qualquer púlpito, e o discurso seria um púlpito numa esquina até a hora do jantar. Guardei o telefone. Voltei para casa pelo caminho mais comprido, por ruas onde eu não passava havia algum tempo.

Capítulo 2 — Quem atesta

Semanas 12–13.

Naquela semana, a lista na padaria de Cecília já não era uma folha de papel.

A parede junto ao caixa, que antes tinha o cardápio e um calendário de um distribuidor de tintas, agora tinha um pequeno quadro. O quadro tinha quatro colunas: médico, estrutural, elétrico, uso alimentar. Cada coluna continha uma pilha de capas plásticas. Cada capa continha uma lista impressa. As listas eram datadas e rubricadas. Cecília agora tinha dois coassinantes: Helena, uma farmacêutica do prédio atrás da padaria que não rubricava nada que não tivesse visto ser testado até a falha, e Caio, o engenheiro mecânico que tinha tocado a bancada nos sábados de calibração. As rubricas deles apareciam ao lado dos nomes dos designs em três cores de tinta.

As pessoas paravam diante da parede do jeito que antes paravam diante das primeiras páginas de jornais em cafés. Liam as listas. Fotografavam com os celulares. Perguntavam a Cecília, se ela por acaso estivesse ali, o que fazer com um design específico que tinham visto num fórum naquela manhã. Ela colocava o design em uma fila para avaliação naquela semana e escrevia o nome do design e o nome de quem tinha perguntado em uma fichinha. O dono da padaria tinha liberado a parede sem que ninguém pedisse.

Entrei para comprar pão e fiquei dois minutos junto às listas, lendo. A versão reforçada da panela de pressão que estava na bancada de Caio tinha saído da fila de avaliação para as listas estrutural e de uso alimentar. Vários exemplares tinham sobrevivido a duzentos ciclos sob calor e pressão. Caio tinha levado outro até a falha e rubricado o item estrutural. Helena tinha rubricado o item de uso alimentar depois de testes separados nas superfícies que tocavam a comida.

• • •

O sábado de calibração na escola pública tinha uma lista de espera de duas semanas. Eu sabia porque ainda ajudava no portão. A prancheta tinha virado uma pasta com abas coloridas e uma segunda folha para perguntas que a

equipe de Cecília não conseguia responder antes do almoço. As pessoas agora chegavam com horários marcados, embora a calçada ainda enchesse, uma pequena feira de carrinhos de carga, extensões, garrafas térmicas e piadas nervosas.

Naquele sábado, registrei um homem cuja unidade vinha imprimindo filtros de água para a cisterna do prédio. Disse a ele que os filtros de água iam primeiro, para a mesa de Adriana junto com as impressões médicas, e ele soltou os ombros. Uma mulher atrás perguntou se precisava da fila se só costumava imprimir brinquedos. Eu disse que não, e ela foi embora aliviada e ligeiramente desapontada, do jeito que as pessoas saem de uma clínica depois de ouvir que estão bem.

A própria fila era a fronteira, se a gente ficava no portão tempo bastante para vê-la. As pessoas esperavam uma hora para ter um componente de nebulizador verificado enquanto carregavam bolsas impressas e se abanavam com leques impressos que ninguém tinha verificado e ninguém jamais verificaria. A fila era para as coisas que tocavam pulmões, fiação e água. Todo o resto tinha deixado de ser da conta de qualquer um semanas antes.

Mais três professoras aposentadas do bairro tinham se juntado à pequena equipe de Cecília. Uma tinha ensinado química em outra escola por trinta anos. Uma tinha ensinado história, mas tinha passado os verões de menina na oficina de conserto elétrico do pai e lembrava o bastante para ser útil. A terceira tinha ensinado o primário e não tinha formação técnica, mas era muito boa em administrar a fila, o que acabou sendo o fator limitante. Mais dois ex-alunos de Cecília tinham se juntado a Caio e Adriana, ambos adultos agora, ambos doando sábados que não tinham.

O diretor da escola, que originalmente tinha concordado com o uso do pátio por um sábado e desde então tinha parado de tentar impor um limite, trazia café da sala dos professores por volta das onze todo sábado. As professoras bebiam em pé.

• • •

Uma terça à tarde. Sentei num banco da praça com um sanduíche. Dois desconhecidos se sentaram no banco à minha frente. Estavam no fim da meia-idade e no meio de uma discussão que eu conseguia ouvir sem tentar. Discutiam qual rede de certificação era mais confiável: a de Cecília em

Pinheiros ou uma rede concorrente da Vila Madalena, criada duas semanas depois, mas com um site mais organizado.

Não discutiam no tom de desconhecidos. Discutiam no tom de pessoas que vinham negociando instituições compartilhadas havia semanas. O homem da Vila Madalena continuava dizendo *mas a lista deles é atualizada diariamente*. A mulher de Pinheiros continuava dizendo *mas Helena foi farmacêutica por quarenta anos*. O homem da Vila Madalena cedeu no ponto da farmacêutica numa questão médica específica. A mulher de Pinheiros cedeu no ponto do site numa questão elétrica específica.

Comi meu sanduíche e não interrompi.

• • •

O grupo dos operadores de despacho de Osasco ainda estava ativo, embora nenhum de nós trabalhasse mais. Numa terça à noite, alguém postou um link para um canal de streaming que vinha assistindo havia uma semana. O apresentador tinha vinte e cinco anos e era engenheiro. Revisava designs de fabricante do estúdio em casa, em Curitiba. Atrás dele havia amostras de tecido dobradas, um aparelho auditivo e um motor em corte.

Outras coisas passaram pelo grupo naquele mês. Jair estava fazendo frete para o galpão de fabricação de São Bernardo e tinha mandado uma foto da carroceria. Ivete tinha ido para a cidade da irmã no Paraná e ensinava os filhos de alguém a ler. Henrique não postava desde o dia em que empacotou as coisas da minha mesa em uma sacola.

O grupo notou, sem comentar, que uma transmissão dele na semana anterior tinha atraído mais espectadores do que o noticiário nacional. Alguém jogou os números comparativos no grupo. Outra pessoa respondeu com um único emoji, o de sobranceiras erguidas. A conversa seguiu.

Assisti a vinte minutos do canal naquela noite, com o som baixo. Ele revisava um motor compacto de bomba, a décima segunda revisão pública do design. O primeiro motor impresso a partir dele tinha funcionado por seis minutos sobre uma mesa em Mumbai antes de superaquecer. Ele pôs a primeira e a décima segunda versões lado a lado. Apontou o antigo caminho de dissipação do calor, então cortou a energia do motor mais novo e abriu o log de testes. O novo tinha funcionado por quatrocentas horas. Recomendou o design com duas condições relativas ao insumo e à calibração. Tinha o jeito de

um homem que sabia que dez mil pessoas iam imprimir uma versão ou a outra com base nos próximos trinta segundos do que dissesse. Parecia cuidadoso, não nervoso.

• • •

Havia uma loja na Teodoro Sampaio que vendia instrumentos desde antes de eu nascer, e entrei lá numa terça porque eu tinha a tarde.

Dois estavam pendurados lado a lado atrás do balcão. O homem tirou primeiro o impresso e o pôs nas minhas mãos sem que eu pedisse. Era a cópia de um instrumento construído à mão sessenta anos antes, escaneado por alguém que tinha tido um, e o arquivo estava nos fóruns havia um mês. Ele me disse o preço. Era menos do que eu já tinha pagado por um par de sapatos de trabalho.

Depois tirou o outro. Mesmo modelo, mesmo ano, feito pelo homem cujo nome estava por dentro. Disse aquele número do jeito que se diz um número que a gente não espera ver contestado.

Perguntei se ainda tinha gente comprando aquele.

Toda semana alguém pergunta por ele, ele disse. Disse que o impresso mantinha a afinação melhor, e que dois luthiers em quem ele confiava diziam o mesmo, e que ele tinha parado de discutir isso com os clientes. O que as pessoas querem, ele disse, é que tenha sido feito por alguém.

Comprei o impresso. Ele o pôs em um case impresso e não me cobrou pelo case.

• • •

Levei Graça a uma consulta de acompanhamento na clínica do Butantã que tratava a condição respiratória dela. A médica era Dra. Patrícia, que abria toda consulta perguntando como tinham sido as escadas naquela semana. Nove anos da mesma primeira pergunta. A consulta foi rotineira. Os cartuchos estavam bons. O temporizador automático de tratamento estava em uso desde o dia em que eu o imprimi, enquanto esperávamos por aquela consulta. O log guardava todas as sessões programadas. Uma vez, Graça tinha voltado a acionar o interruptor do compressor cedo demais, e o temporizador tinha bloqueado a partida. Ela não tinha precisado do acionamento de resgate.

No fim da consulta, Dra. Patrícia abriu uma gaveta pequena na mesa e

tirou um rolo de faixas adesivas. As faixas eram tiras estreitas de material de grau médico para etiquetas, perfuradas em intervalos. Não eram um programa ministerial. Eram uma coisa que ela e duas colegas da clínica tinham começado a fazer três semanas antes, ela disse, porque pacientes continuavam chegando com dispositivos impressos e alguém precisava estar disposto a pôr um nome nos bons. Explicou no tom de alguém ainda meio pedindo desculpas por um remendo.

Ela comparou a programação do temporizador com a prescrição e leu os logs de uso e verificação. Então Graça conectou o compressor ao temporizador. A voz de Amanda veio da mesa: *Vó, está na hora*. Graça sorriu. Dra. Patrícia deixou um teste a seco rodar até o corte no tempo prescrito, depois testou o bloqueio normal e o acionamento de resgate, conferindo ambos no log. Então destacou uma faixa, assinou com uma caneta, carimbou o canto com o carimbo da clínica e a afixou no lado liso da carcaça. A faixa tinha um pequeno código QR no canto. O código QR levava às credenciais dela no conselho de medicina, ao histórico de verificação do dispositivo e a uma entrada no registro que vinculava aquele temporizador específico àquela paciente específica naquela data específica. O registro era uma planilha que as três mantinham.

A faixa era o que tornava o temporizador legítimo como dispositivo médico. Não na lei; a lei ainda não tinha alcançado a prática. Na prática, que tinha parado de esperar. O temporizador era um conjunto impresso que reunia sensores, um relógio, um pequeno alto-falante, um relé e componentes eletrônicos de controle, tudo por menos de um real em insumo. O valor da faixa superava o do temporizador em ordens de grandeza.

Dra. Patrícia me deu uma cópia do registro em um cartão pequeno e explicou onde guardar. Perguntou a Graça como os cartuchos vinham funcionando. Graça disse que eram os melhores cartuchos que já tinha usado. Dra. Patrícia sorriu ao ouvir aquilo e fez uma anotação no prontuário.

Eu tinha parado de contar os dias até minha mãe ficar sem cartucho. Só percebi que tinha parado quando tentei lembrar desde quando.

O temporizador de tratamento tinha começado na minha cozinha em Pinheiros. Agora passava pela caneta de uma médica, por um carimbo de clínica e por uma base de dados de verificação. A cadeia estava visível, e eu não disse nada.

Antônio tinha sido operador de despacho no escritório de Osasco em doze dos meus quinze anos ali. Sentava a duas baías de mim. Era o mais quieto, almoçava na mesa todo dia e fazia as palavras cruzadas do dia em um pedaço de jornal dobrado em quatro. Tinha se aposentado seis meses antes da cascata começar e vinha passando a aposentadoria, pela própria descrição no nosso grupo, sem fazer nada em particular e gostando disso.

Uma manhã, surgiu no grupo a notícia de que Antônio tinha montado um serviço informal de auditoria para designs industriais. Trabalhava na sala de casa, na Lapa. Tinha uma mesa pequena, três impressoras de referência calibradas e uma pilha de fichas técnicas dos doze anos despachando peças automotivas. Cobrava por design. Boca a boca. Estava operando havia duas semanas quando o grupo soube. Já recusava trabalho.

Mandeí mensagem para parabenizá-lo. Ele me ligou de volta em menos de um minuto, o que foi a coisa mais Antônio que aconteceu o ano inteiro; ele nunca tinha confiado em uma frase que não pudesse ouvir.

Me contou da semana. Tinha reprovado um design de bomba na terça porque a especificação do rotor escondia uma falha que levaria oito semanas de serviço para aparecer. O cliente discutiu. Ele não cedeu. O cliente ligou no dia seguinte para agradecer.

Então perguntou, na mesma voz monótona com que tinha falado de cargas por doze anos, se eu teria interesse em me juntar a ele. Tinha mais designs do que conseguia revisar. Esperava uma segunda revisora, alguém com instinto de despacho em que confiasse.

Eu disse que pensaria.

Pensei mesmo. Eu ainda não tinha dado uma resposta na noite da caminhada. A hesitação não era sobre Antônio. Estavam me pedindo de novo os quinze anos de saber onde as coisas estavam e quando chegariam, e eu ainda não tinha certeza para que eu queria que servissem. A resposta viria, uma hora. A mesa de despacho em Osasco não voltou. Alguma versão do trabalho voltou.

O que ainda pagávamos naquele mês era a luz, a água, o condomínio e a médica de Graça. Os três dias de Rafa cobriam isso e um pouco mais. Ninguém que eu conhecia passava fome, e ninguém que eu conhecia tinha certeza para que servia o dinheiro.

Na fila da padaria naquela semana, um homem perguntou à mulher à frente onde ela tinha conseguido a luminária que carregava. Ela não respondeu onde. Disse apenas que o design estava na lista da Helena. Ele assentiu como se essa tivesse sido a pergunta.

Capítulo 3 — Terra

Semana 13.

A certificação respondia o que era confiável. Não respondia de quem era a terra.

Outro terreno vazio, este a duas ruas do nosso apartamento, tinha ido a leilão. Passei pela casa de leilões voltando da padaria numa manhã e vi o aviso impresso na porta. O leilão era naquela tarde. Li sobre o resultado no celular duas horas depois, no mesmo banco da praça onde tinha lido sobre o púlpito do ministro na semana anterior.

Aquela aritmética tinha se espalhado pela cidade inteira. O terreno foi vendido por várias vezes o valor pelo qual tinha sido avaliado. A compradora era uma pequena holding cujos donos ninguém no noticiário conseguia associar rapidamente a nenhum nome conhecido. Era da mesma espécie daquela cujo diretor tinha lido uma declaração preparada sobre o Estado de direito semanas antes. A matéria observava que terrenos comparáveis em três outros bairros tinham sido vendidos por múltiplos parecidos naquele mês.

Tentei fazer as contas de quanto valia agora nosso próprio apartamento e desisti depois de trinta segundos.

• • •

Os proprietários em Pinheiros tinham entrado em pânico semanas antes, quando as primeiras estruturas impressas subiram; agora se organizavam. Uma associação de proprietários de imóveis se reunia em uma sala no andar de cima de uma imobiliária na Rua Teodoro Sampaio, a quatro quarteirões do nosso apartamento. Ninguém lembrava direito o nome sem conferir: Associação dos Proprietários de Imóveis da Zona Oeste, ou algo assim. Passei por ali a pé na noite de uma das reuniões sem saber que acontecia. Então soube. A sala comprida no andar de cima da imobiliária estava iluminada, e uma dúzia de pessoas estava à janela com a postura de quem tinha acabado de ver um número que não aceitava.

Eles não tinham ideia do que fazer. A coisa que tinham achado que

possuíam, a estrutura que podiam alugar, não pertencia à classe de ativos que imaginavam. A coisa que possuíam quase sem pensar nisso, o lote de terra sob a estrutura, tinha virado em silêncio o ativo inteiro.

Os protestos de zoneamento no prédio da prefeitura tinham virado compromisso fixo, na segunda terça-feira do mês. Passei por um deles voltando de uma consulta de Graça. Um homem vestindo um corta-vento segurava um cartaz escrito à mão que dizia *peessoas, não lotes* . O cartaz era lindamente feito. Ele claramente tinha dedicado uma noite a fazê-lo. Me viu lendo. Disse, sem que eu perguntasse, que tinha impresso o estêncil na máquina de um vizinho e pintado as letras à mão. Parecia querer que eu soubesse as duas partes daquilo. Eu disse que era um bom cartaz. Ele disse, o outro também é, e indicou com a cabeça a mulher ao lado. O cartaz dela dizia *quem mora, decide* . Eram setenta pessoas. Não gritavam. Seguravam os cartazes e esperavam que alguém saísse do prédio da prefeitura e reconhecesse a presença delas. Ninguém tinha saído ainda quando passei.

• • •

A favela por onde eu passava no ônibus para o Butantã tinha mudado de forma. Antes isso significaria um telhado novo aqui, uma parede pintada ali. A linha do morro contra o céu estava diferente. Por seis semanas, eu vinha contando as máquinas pequenas do ônibus, nas portas, nas varandas de concreto perto da rua, no galpãozinho junto à escadaria. Agora elas tinham ganhado a companhia de duas grandes, do tipo que ocupava um cômodo inteiro e que o galpão do supermercado vinha construindo. As grandes soltavam peças de casa. Junto à escadaria, módulos de parede ficavam em lotes, já com isolamento, canais para fiação, janelas e tomadas integrados. Seções de telhado se apoiavam em fileiras, com uma calha para chuva numa borda e uma superfície solar escura por cima. Os módulos de escada eram todos diferentes, cada um ajustado à inclinação medida do lugar onde seria instalado.

Casas novas se erguiam entre as antigas, brilhantes e obviamente impressas, encaixadas em quaisquer vãos que o morro tivesse. Eram tortas onde o vão era torto, estreitas onde o vão era estreito, uma delas abraçando o canto da casa vizinha como uma coisa despejada num molde. No meio da subida, uma casa mais velha era desmontada de propósito. Tijolos antigos e

peças impressas retiradas desciam o morro em cargas separadas até as máquinas grandes. Novas seções de parede subiam de volta. Uma nova casa impressa estava sendo erguida onde antes ficava a cozinha. As casas já não eram a coisa escassa. O morro não tinha mais espaço, e espaço era a única coisa que as máquinas não conseguiam imprimir.

Os moradores falavam abertamente de títulos de propriedade pela primeira vez. O ônibus parou perto da escadaria. Na parede junto à entrada, um cartaz pintado à mão dizia *aqui se constrói*.

O cartaz não estava ali um mês antes. Era tinta sobre compensado. Abaixo dele havia um cartaz menor com o telefone de uma advogada comunitária e o nome de um coletivo de paralegais, um grupo que vinha montando processos de titulação à mão numa sala nos fundos de uma igreja desde muito antes de qualquer uma dessas coisas começar. Reivindicações, petições, mapas, declarações juramentadas. O telefone era novo.

A ordem municipal de demolição que pairava sobre a escadaria havia trinta anos ainda constava nos registros da prefeitura.

Capítulo 4 — O Retorno, a caminhada e a gaveta

Mês 3.

No terceiro mês da cascata, eu tinha parado de contar as semanas. Fui à rodoviária do Tietê num sábado no fim da tarde buscar Graça. Ela tinha ido visitar a irmã no interior de Minas Gerais pela primeira vez em nove anos. A visita tinha sido possível porque as máquinas comunitárias tinham chegado ao vilarejo da irmã algumas semanas antes e os cartuchos agora eram fáceis de conseguir lá também. Graça tinha pegado o ônibus numa terça de manhã e voltava naquela tarde. Tinha me ligado da cozinha da irmã na sexta à noite para confirmar o horário de chegada. Soava feliz, e não tinha tido o cuidado de disfarçar.

Cheguei meia hora adiantada e fiquei em pé diante do painel de horários. O ônibus de Graça estava no horário. Eu tinha tempo para ficar em pé. Fiquei em pé e observei o resto das plataformas.

A rodoviária estava cheia. As plataformas dos ônibus que saíam de São Paulo estavam cheias de bagagem e crianças. Ônibus partiam para cidades de que eu só tinha ouvido falar como lugares que as pessoas tinham deixado para vir a São Paulo. Uma família pequena com três malas e uma caixa de papelão impressa embarcava em um ônibus para uma cidade no interior da Bahia. Um casal mais velho com um cachorro em uma bolsa de transporte flexível embarcava para uma cidade no sul de Minas. Uma jovem sozinha, com uma mochila e um livro de capa comum na mão, embarcava em um ônibus cujo destino eu não conseguia ver de onde estava.

O ônibus de Graça, quando chegasse, estaria no lado errado do padrão. O dela entrava em São Paulo. A plataforma do ônibus dela era a mais quieta.

• • •

Graça acabou se atrasando meia hora. Tive tempo para olhar. Não saí do banco que encontrei. As plataformas esvaziaram e encheram duas vezes na hora em que fiquei sentada ali.

Vi um casal jovem com duas crianças pequenas descarregando o que

parecia ser todo o conteúdo de uma casa no bagageiro de um ônibus rumo a uma cidade cujo nome eu não reconheci. Tinham um berço impresso, desmontado e amarrado com corda, com os nomes das duas crianças e as marcas de altura delas numa das laterais. Ninguém empacota uma coisa assim a menos que a próxima casa já seja real para eles. Tinham três bolsas de viagem, um caixote de cadernos escolares e documentos da família e um gato em uma caixa de transporte. A mulher contou as crianças duas vezes enquanto o homem discutia amistosamente com o motorista sobre o berço. Entraram no ônibus. O ônibus partiu, e a plataforma encheu de novo em minutos.

Uma mulher mais ou menos da minha idade se sentou em um banco diante do meu, sozinha, com uma única mala, olhando para um pedaço de papel na mão. Olhou para o papel por muito tempo. Guardou o papel. Pegou a mala e caminhou para a plataforma de um ônibus que ia a uma cidade pequena no Paraná.

Na tela do saguão de espera acima das plataformas, o noticiário rodava mudo: um protesto diante de um galpão público de fabricação em São Bernardo, cartazes escritos à mão, uma multidão rala sem arredar pé. Procurei um rosto conhecido na tela e não tive certeza de ter encontrado.

• • •

O Retorno. Uma reversão geracional com a qual ninguém tinha contado, e as cidades não estavam prontas para serem deixadas. Pessoas indo para casa porque conforto material já não exigia partir. Os netos de pessoas que tinham vindo a São Paulo por essas mesmas plataformas nos anos setenta e oitenta agora embarcavam em ônibus na direção oposta. As cidades para onde iam tinham água potável agora, refrigeração na clínica e uniformes escolares do tamanho certo. Tinham máquinas comunitárias em porões de igreja fazendo filtros, remédios a partir de designs aprovados pela clínica e tudo o mais que antes esperavam um caminhão trazer. As cidades para onde iam tinham parentes que tinham ficado e ainda estavam vivos. Metade dessas cidades já não existe sob os nomes pintados nos ônibus naquele dia. Nós as chamamos de Novas Cidades agora.

Eu não sabia, sentada naquele banco, que era isso que eu estava vendo. Sabia que as plataformas pareciam diferentes de qualquer outro dia em qualquer outra rodoviária onde eu já tinha estado. Sabia que a direção da

viagem vinha se invertendo em uma escala grande o bastante para ser sentida de um único banco no fim da tarde.

Amanda tinha perdido dois colegas de turma naquele mês, para uma cidade na Bahia e uma cidade em Goiás, e tinha me contado do mesmo jeito que tinha me contado de um estojo roubado.

O ônibus de Graça chegou. Ela desceu os degraus com as conservas da irmã em uma sacola de lona e mais corada do que eu a tinha visto em anos. Ela tinha atravessado a cidade da irmã de ponta a ponta, a pé, todas as manhãs, me contou, só para olhar. Saímos juntas da rodoviária, na contramão da maior parte do fluxo de gente.

• • •

Algumas noites depois, saí para caminhar depois que Amanda dormiu. Rafa estava no sofá com um livro. Eu disse que voltaria em uma hora. Ele disse tudo bem.

O bairro à noite estava mais quieto do que eu jamais o tinha conhecido. A avenida descendo o morro antes carregava o som de caminhões a noite inteira, as frequências mais baixas da carga de longa distância vinda do interior e seguindo para o porto. Os caminhões rarearam. Os aviões de carga no alto eram mais raros. Eu conseguia ouvir, na curta caminhada até a esquina, os sons individuais de coisas individuais: um cachorro duas ruas adiante, o zumbido suave de um fabricante no saguão de um prédio, um casal numa varanda discutindo em voz baixa sobre algo pequeno.

Foi a primeira noite em que percebi a cidade soando do jeito que soa agora. Caminhões, distância, os motores de coisas chegando de outro lugar: o som dentro do qual cresci ficou quieto em camadas durante todo aquele mês, e naquela caminhada, pela primeira vez, o novo som estava inteiro ali.

Os saguões dos prédios por onde passei tinham fabricantes. Alguns funcionavam. Alguns não. O porão de uma igreja na esquina da Rua Cardeal Arcoverde estava com as luzes acesas àquela hora e, pela porta aberta, eu via um pequeno grupo de pessoas em torno de uma máquina. Uma padaria três quarteirões adiante tinha duas máquinas no cômodo dos fundos, visíveis da calçada. A escola onde Cecília tocava o sábado de calibração tinha duas máquinas numa oficina cujas luzes estavam acesas naquela noite para uma aula que eu nem sabia que existia.

Duas ruas adiante, o galpão do supermercado funcionava com as portas abertas. O cheiro saiu para me encontrar na calçada: insumo quente e um leve cheiro de eletrônica queimada, o cheiro da cozinha do Rio Pequeno com a janela aberta até a metade e um ventilador pequeno apontado para o pátio. Eu tinha parado de notá-lo em menos de um mês convivendo com aquele cheiro. Quinze anos depois, numa rua pública, ele me fez parar no meio do passo. O círculo de máquinas domésticas que tinha preenchido o piso nas primeiras semanas não estava mais lá. A unidade grande que o pessoal do galpão tinha impresso ficava no centro da antiga área de vendas, comprida como um ônibus. Na primeira semana, tinha impresso treliças avulsas de telhado e caixas d'água. Agora trabalhava em um lote de seções completas de telhado na área dos caixas desativados. Conteí onze prontas e empilhadas, e tinha a produção do dia antes de decidir fazer a conta. Duas pessoas acomodavam a mais nova num carrinho-plataforma, com o isolamento, a calha para chuva e a superfície solar escura já no lugar. Perto da porta, um homem enchia uma das caixas prontas com uma mangueira enquanto uma mulher observava o chão embaixo. Continuou seco. Ela escreveu na caixa, a lápis dermatográfico, o nome de quem viria buscar. Junto à talha de corrente, outra mulher se acomodou numa cadeira de rodas cujo assento tinha sido moldado para ela e deslocou o peso do corpo uma vez, testando o encaixe. Na avenida, um pequeno triciclo de carga passou por mim, elétrico e silencioso. O galpão o tinha impresso inteiro, com motor, caçamba, luzes e tudo. Mais ninguém na rua se virou para olhar. Eu me virei para olhar. Velho hábito.

As vitrines contavam a mesma história em letras menores. A farmácia continuava aberta e continuava farmácia. O que ela tinha parado de vender era tudo o que só estava ali porque tinha viajado. A papelaria que tinha virado depósito de insumo. Junto ao meio-fio, os moradores de uma casa tinham posto o lixo em duas pilhas separadas, imprimível e não imprimível, a pilha imprimível menor porque a maior parte dela já tinha ido para uma máquina. Numa varanda acima da esquina, o mesmo design de rádio volumoso que eu tinha visto preso à mochila de um adolescente semanas antes brilhava e tocava para ninguém, ao lado de um telefone impresso em um suporte impresso, ambos alimentados por uma bateria impressa que dois painéis solares impressos amarrados ao corrimão tinham carregado durante o dia. O mercadinho da esquina tinha ficado meio escuro no mês anterior; a metade

iluminada vendia insumo por quilo. O quadro-negro na frente, que passou anos anunciando o preço do arroz, ainda exibia num canto o preço antigo do arroz, que ninguém apagava desde o mês em que a pergunta deixou de importar, e o preço por quilo de insumo escrito grande ao lado, riscado e reduzido duas vezes naquela semana. Embaixo, em outra letra, o preço de uma máquina, que era menor que o do saco de insumo que se poria dentro dela. E sob tudo isso a cidade velha ainda rodava onde ainda precisava: os mesmos ônibus nas mesmas linhas, os postes de luz da prefeitura, a rede elétrica piscando uma vez enquanto eu caminhava e se recompondo do jeito que sempre tinha feito. O rádio não oscilou junto com a rede.

• • •

Na esquina perto da padaria, a mesa de certificação de Cecília ainda estava montada àquela hora. Sérgio, um voluntário dos dias de calibração que testava tecido sob carga ao se pendurar nele com todo o peso do corpo, estava sentado à mesa com uma garrafa térmica de café e uma pilha de capas plásticas. O quadro era iluminado por uma pequena luminária com presilha. Ele falava com uma mulher segurando um sling impresso dobrado. Eu ia passar só com um aceno. A mulher se virou, me reconheceu da fila de sábado e disse a Sérgio que eu cuidava do portão. Então parei. Fiquei à mesa sob a luz da luminária enquanto Sérgio procurava o design nas capas, e escrevi o nome dela na lista de sábado, porque o sling carregaria uma criança e a resposta não viria naquela noite. Então continuei subindo a rua.

Do outro lado da rua, um aviso impresso num poste dizia *designs a evitar esta semana — ver quadro da padaria*. O aviso estava dentro de uma capa plástica, preso ao poste com fita na altura dos olhos. Alguém o tinha feito com cuidado e plastificado. Não estava assinado. Não precisava estar. As pessoas sabiam onde ficava o quadro.

Uma linha no quadro estava ali desde a primeira semana e nunca tinha precisado de mudança, na caneta azul de Cecília, sublinhada uma vez: *qualquer coisa dos fóruns de armas*. Era a única entrada da parede que não nomeava design nenhum.

Um quarteirão adiante, a escola. A folha de inscrição para o próximo sábado de calibração estava dentro de uma capa plástica no portão, com uma caneta presa a um barbante. Seis nomes já tinham sido escritos nela. O

primeiro horário era às sete da manhã.

• • •

Na parede de um terreno vazio dois quarteirões adiante, pintadas à mão, as palavras *aqui se constrói* e um telefone. A frase tinha se deslocado da favela na minha rota para o Butantã, onde eu a tinha visto pela primeira vez, para uma parede em Pinheiros onde a pergunta de quem era aquele terreno não tinha sido resolvida. A disputa pela terra seria longa. Dava para ler isso numa parede agora.

Por uma janela na Rua Fradique Coutinho, vi o engenheiro de Curitiba revisando um design na televisão da sala de alguém. Rafa agora também assistia ao canal dele à noite.

Pensei na caneta de Dra. Patrícia e na pequena faixa adesiva no temporizador de tratamento de Graça. O material e os componentes eletrônicos tinham custado menos de um real. A assinatura dela tinha transformado aquilo em algo pelo qual uma clínica estava disposta a responder.

E Antônio, na sala de casa na Lapa com três impressoras de referência calibradas e uma pilha de fichas técnicas, vendendo a única coisa que os fóruns não conseguiam hospedar: o conhecimento para dizer não a um design e fazer esse não valer. O trabalho de despacho tinha sido uma forma disso. O trabalho de auditoria era outra. A oferta dele continuava aberta. Eu ainda não tinha respondido. Levei morro acima a resposta ainda não dada, junto com todo o resto.

• • •

Subi as escadas até meu apartamento. O elevador funcionava, mas eu queria as escadas. Rafa tinha ido para a cama. Amanda dormia com a porta do quarto entreaberta e uma faixa de luz do corredor atravessando o travesseiro. O violão estava encostado na parede ao lado do sofá, onde eu vinha deixando ele, e meus dedos doíam nos dois lugares em que tinham doído a semana inteira. Fechei um pouco mais a porta dela, deixando uma fresta mais fina, e fui para a cozinha.

Não acendi a luz. A janela acima da pia era um quadrado de luz da cidade contra a parede. A geladeira zumbia. Estiquei a mão para a prateleira alta

acima dos armários, onde eu vinha guardando o objeto que tinha impresso a partir do arquivo de Sami. O objeto estava ali havia semanas. Amanda não tinha notado. Rafa tinha perguntado uma vez sobre ele e eu disse que ainda não tinha arranjado tempo para consertar a torneira da área de serviço. Não perguntou de novo.

Peguei o objeto na prateleira e o segurei na mão.

• • •

Abri a gaveta da cozinha onde a colher original morava. A colher estava onde sempre tinha estado, no canto de trás à esquerda da gaveta, sob um pano dobrado, ao lado de uma faquinha que eu nunca usava. Levantei o pano. A lasca na borda da colher era visível sob a luz da janela. Eu não segurava a colher desde a semana do lançamento. Não a peguei agora.

Coloquei o objeto impresso ao lado da colher na gaveta. Arrumei os dois para que se tocassem, lado a lado, a concha da colher inclinada para a curva da conexão da válvula. Olhei para eles por muito tempo.

Fechei a gaveta.

Não vi Sami de novo. Eu era a única pessoa no mundo que podia nomear o que estava na minha gaveta.

• • •

Fui para a sala. Sentei no sofá. Rafa tinha deixado um livro virado para baixo no braço do sofá. Peguei o livro, li um parágrafo e pus de volta.

Fazia três meses desde que Henrique mostrou o celular para mim no fim de um turno.

O quarteirão comeria de manhã. O mundo tinha declarado cem emergências; cada declaração tinha chegado tarde demais, e a pessoa que tornou tudo aquilo possível não estava em nenhum dos mapas que eu sabia ler.

Ele estava a três metros e uma parede de distância, no escuro, no canto de trás à esquerda de uma gaveta fechada da cozinha, ao lado de uma colher com a borda lascada.